



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

Eliana Aparecida da Silva Bino

**O IMAGINÁRIO POR TRÁS DOS CONTOS: PERSPECTIVAS E LEITURAS COM
ALUNOS DO OITAVO E NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Uberaba-MG

2020

ELIANA APARECIDA DA SILVA BINO

**O IMAGINÁRIO POR TRÁS DOS CONTOS: PERSPECTIVAS E LEITURAS COM
ALUNOS DO OITAVO E NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa II. Estudos Literários.
Sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Fani Miranda Tabak.

Uberaba-MG

2020

Catálogo na fonte:
Biblioteca da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

B511i Bino, Eliana Aparecida da Silva
O imaginário por trás dos contos: perspectivas e leituras com alunos do oitavo e nono ano do ensino fundamental / Eliana Aparecida da Silva Bino. -- 2020.
202 f. : il., graf.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) --
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020
Orientadora: Profa. Dra. Fani Miranda Tabak

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Livros e leitura. 4. Ensino fundamental. I. Tabak, Fani Miranda. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 028(07)

ELIANA APARECIDA DA SILVA BINO

**O IMAGINÁRIO POR TRÁS DOS CONTOS: PERSPECTIVAS E LEITURAS COM
ALUNOS DO OITAVO E NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa II. Estudos Literários.
Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fani Miranda Tabak.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fani Miranda Tabak
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Deolinda de Jesus Freire
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Maria Alice Ribeiro Gabriel
Universidade Federal da Paraíba

Dedico esta pesquisa à minha filha, Sofia Carolina, com todo amor para que futuramente ela possa entender quão importante é a Educação.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste meu sonho.

Em primeiro lugar, à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Fani Miranda Tabak pela paciência, compreensão e carinho durante toda a realização deste trabalho.

Também não posso deixar de agradecer à minha família: à minha filha Sofia, que mesmo sendo muito pequena, contribuiu bastante: quantas vezes tive que deixar de lhe dar atenção por conta dos afazeres escolares! Meu coração de mãe se sentia triste, mas sabia que era por uma causa nobre; ao meu esposo Júnior, que não mediu esforços para que eu continuasse firme nesta caminhada.

Agradeço de coração também à turma do PROFLETRAS 2018, pessoas maravilhosas que ajudaram a tornar tudo mais leve, com muita amizade, união, companheirismo, o que foi imprescindível para desenvolvermos nosso projeto de vida.

Um agradecimento especial ao corpo docente da UFTM que ministrou excelentes aulas em nosso curso e que muito enriqueceu nosso currículo profissional.

Jamais poderia deixar de agradecer à equipe da Escola Estadual Presidente João Pinheiro que sempre me apoiou para que pudesse realizar o meu projeto da melhor forma possível.

E também aos meus queridos alunos, pois sem eles nada disso seria possível. Eles embarcaram comigo em um projeto e deram o melhor de si, participaram com muita alegria e entusiasmo de cada oficina, abriram seus corações em cada produção textual, apresentação solicitada pela professora, enfim, foram extremamente importantes.

Ao término deste trabalho vejo o quanto é essencial o trabalho em equipe. Obrigada a todos vocês. Cada um ajudou de uma maneira especial!

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante dos meus olhos.”

Isaac Newton

RESUMO

Neste trabalho empreendemos uma pesquisa-ação com Leitura literária, ou seja, aquela que exige um maior comprometimento e sensibilidade do leitor com a obra. Para realização deste trabalho, primeiramente fizemos uma pesquisa de mapeamento de leitura com nossos alunos para que conhecêssemos melhor nosso público-alvo e pudéssemos pensar melhor o problema da leitura com jovens na segunda etapa do Ensino Fundamental. A discussão foi possível depois de uma pesquisa bibliográfica para embasarmos os conhecimentos que seriam aplicados em sala de aula. Para isso usamos como referência: Wolfgang Iser (1996), Regina Zilberman (2003), Mirian Hisae Yaegashi Zappone (2008), Magda Soares (2014), Michèle Petit (2009), Ângela Kleiman (2005), entre outros, que nos norteiam em questões como Leitura literária, Recepção da obra literária, Subjetividade do leitor e Letramento literário. Após a pesquisa bibliográfica, decidimos promover oficinas com enfoque no letramento literário em uma escola estadual de Uberaba- MG, por meio de uma intervenção realizada com alunos de oitavo e nono ano do Ensino Fundamental, trabalhando com a leitura de contos de fadas e contos maravilhosos e algumas diferentes versões dos mesmos, análises e atividades lúdicas que favorecem o contato com a Literatura, para que os jovens desenvolvam o gosto pela leitura. A experiência demonstrou, também, uma ampliação de seus propósitos através da participação ativa dos jovens e a importância no resgate de suas próprias experiências de vida durante a leitura. O encantamento com a literatura pôde ser verificado pela análise das obras feitas pelos alunos, demonstrando uma reflexão crítica e evidenciando o interesse crescente pela leitura e a possibilidade de escrita de novos contos. Com a pesquisa, vimos a importância de que os alunos sejam despertados para o universo da leitura e principalmente, que continuem fazendo o uso consciente dessa prática em suas reflexões do dia a dia.

Palavras-chave: Leitura literária. Letramento literário. Contos maravilhosos e de fadas.

ABSTRACT

In this research, we engage practical actions with literary reading, that is, one that requires greater commitment and sensitivity from the reader to the work. To carry out this work, we first read the questionnaires mapping survey with our students so that we could better know our target audience and we could better think about the problem of reading with young people in the second stage of elementary school. The discussion was possible after a bibliographic research to support the knowledge that would be applied in the classroom. For this we use as a reference: Wolfgang Iser (1996), Regina Zilberman (2003), Mirian Hisae Yaegashi Zappone (2008), Magda Soares (2014), Michèle Petit (2009), Angela Kleiman (2005), among others, that guide us in issues such as literary reading, reception of the literary work, subjectivity of the reader and literary literacy. After bibliographic research, we decided to promote workshops with a focus on literary literacy at a state school in Uberaba-MG, through an intervention carried out with eighth and ninth grades students, working with reading fairy tales and wonderful tales and some different versions of them, analyzes and recreational activities that favor contact with Literature, so that young people develop a taste for reading. The experience also demonstrated a broadening of its purposes through the active participation of young people and the importance of recovering their own life experiences during reading. The enchantment with literature could be verified through the analysis of the works made by the students, demonstrating a critical reflection and evidencing the growing interest in reading and the possibility of writing new stories. With the research, we saw the importance of students being awakened to the universe of reading, and mainly, that they continue to make conscious use of this practice in their day-to-day reflections.

Keywords: Literary reading. Literary literacy. Wonderful and fairy tales.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Alunos assistindo à contação de histórias na Biblioteca Municipal	61
Imagem 2 - Alunos tendo acesso às obras literárias na Biblioteca Municipal	62
Imagem 3 - Alunos reunidos na Biblioteca Municipal	62
Imagem 4 - Bibliotecária contando histórias para os alunos	63
Imagem 5 - Cartaz exposto na Biblioteca Municipal.....	63
Imagem 6 - Alunos lendo na Biblioteca Municipal.....	64
Imagem 7 - Bibliotecárias contando histórias e tocando violão para os alunos	64
Imagem 8 - Alunos lendo na Biblioteca Municipal.....	65
Imagem 9 - Bibliotecária contando histórias para os alunos.....	65
Imagem 10 - Fidalgo	66
Imagem 11 - Núpcias	66
Imagem 12 - Definição do dicionário	67
Imagem 13 - Ilustração de sentimentos	67
Imagem 14 - Definição do dicionário	67
Imagem 15 - Definição do dicionário	67
Imagem 16 - Sótão	67
Imagem 17 - Lareira.....	67
Imagem 18 - Roupas suntuosas	68
Imagem 19 - Renda inglesa	68
Imagem 20 - Mantô.....	68
Imagem 21 - Broche.....	68
Imagem 22 - Definição do dicionário	68
Imagem 23 - Corpete.....	68
Imagem 24 - Carruagem.....	69
Imagem 25 - Camundongo	69
Imagem 26 - Definição do dicionário	69
Imagem 27 - Definição do dicionário	69
Imagem 28 - Violino	69
Imagem 29 - Definição do dicionário	69
Imagem 30 - Definição do dicionário	70
Imagem 31 - Bocejo.....	70

Imagem 32 - Trompa.....	70
Imagem 33 - Definição do dicionário	70
Imagem 34 - Cinderela.....	72
Imagem 35 - Quadro comparativo	76
Imagem 36 - Aluno durante a atividade de pintura	91
Imagem 37 - Alunos durante a atividade de pintura	92
Imagem 38 - Alunos durante a atividade de pintura	92
Imagem 39 - Alunos durante a atividade de pintura	93
Imagem 40 - Alunos durante a atividade de pintura	93
Imagem 41 - Alunos durante a atividade de pintura	94
Imagem 42 - Alunos durante a atividade de pintura	94
Imagem 43 - Alunos durante a atividade de pintura.....	95
Imagem 44 - Alunos durante a atividade de pintura.....	95
Imagem 45 - Pinturas feitas pelos alunos.....	96
Imagem 46 - Pinturas feitas pelos alunos.....	96
Imagem 47 - Pinturas feitas pelos alunos.....	97
Imagem 48 - Pinturas feitas pelos alunos.....	97
Imagem 49 - Pinturas feitas pelos alunos.....	98
Imagem 50 - Pinturas feitas pelos alunos.....	98
Imagem 51 - Pinturas feitas pelos alunos.....	99
Imagem 52 - Pinturas feitas pelos alunos.....	99
Imagem 53 - Pinturas feitas pelos alunos.....	100
Imagem 54 - Pinturas feitas pelos alunos.....	100
Imagem 55 - Apresentação realizada pelos alunos - teatro	107
Imagem 56 - Apresentação realizada pelos alunos - teatro	108
Imagem 57 - Apresentação realizada pelos alunos - cartaz ilustrativo	108
Imagem 58 - Apresentação realizada pelos alunos - paródia	109
Imagem 59 - Apresentação realizada pelos alunos - cartaz	109
Imagem 60 - Apresentação realizada por aluno - teatro de sombras	110
Imagem 61 - Material confeccionado por aluno - teatro de sombras	110
Imagem 62 - Apresentação realizada por aluno para outras turmas da escola - teatro de sombras	111
Imagem 63 - Apresentação realizada pelos alunos - pesquisa do conto A Bela e a Fera	111

Imagem 64 - Apresentação realizada pelos alunos - teatro 112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados referentes à questão 01 (Grupo Azul) do Q1	31
Gráfico 2 – Dados referentes à questão 01 (Grupo Verde) do Q1.....	32
Gráfico 3 – Dados referentes à questão 02 (Grupos Azul e Verde) do Q1	33
Gráfico 4 – Dados referentes à questão 04 (Grupos Azul e Verde) do Q1	35
Gráfico 5 – Dados referentes à questão 05 (Grupos Azul e Verde) do Q1	36
Gráfico 6 – Dados referentes à questão 06 (Grupos Azul e Verde) do Q1	37
Gráfico 7 – Dados referentes à questão 07 (Grupo Azul) do Q1	37
Gráfico 8 – Dados referentes à questão 07 (Grupo Verde) do Q1.....	38
Gráfico 9 – Dados referentes à questão 08 (Grupos Azul e Verde) do Q1	39
Gráfico 10 – Dados referentes à questão 09 (Grupo Azul) do Q1.....	40
Gráfico 11– Dados referentes à questão 09 (Grupo Verde) do Q1	40
Gráfico 12 – Dados referentes à questão 10 (Grupo Azul) do Q1.....	41
Gráfico 13 – Dados referentes à questão 10 (Grupo Verde) do Q1.....	42
Gráfico 14 – Dados referentes à questão 11 (Grupo Azul) do Q1.....	43
Gráfico 15 – Dados referentes à questão 11 (Grupo Verde) do Q1.....	43
Gráfico 16 – Dados referentes à questão 12 (Grupos Azul e Verde) do Q1	44
Gráfico 17 – Dados referentes à questão 02 (Grupo Azul e Verde) do Q2	119
Gráfico 18 – Dados referentes à questão 04 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	120
Gráfico 19 – Dados referentes à questão 05 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	121
Gráfico 20 – Dados referentes à questão 06 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	122
Gráfico 21– Dados referentes à questão 07 (Grupo Azul) do Q2	123
Gráfico 22 – Dados referentes à questão 07 (Grupo Verde) do Q2.....	123
Gráfico 23 – Dados referentes à questão 08 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	124
Gráfico 24 – Dados referentes à questão 09 (Grupo Azul) do Q2.....	125
Gráfico 25 – Dados referentes à questão 09 (Grupo Verde) do Q2.....	125
Gráfico 26 – Dados referentes à questão 10 (Grupo Azul) do Q2.....	126
Gráfico 27 – Dados referentes à questão 10 (Grupo Verde) do Q2.....	127
Gráfico 28 – Dados referentes à questão 11(Grupo Azul) do Q2	128
Gráfico 29 – Dados referentes à questão 11(Grupo Verde) do Q2.....	128
Gráfico 30 – Dados referentes à questão 12 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	129
Gráfico 31 – Dados referentes à questão 13 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	130

Gráfico 32 – Dados referentes à questão 14 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	131
Gráfico 33 – Dados referentes à questão 15 (Grupos Azul e Verde) do Q2.....	131

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A LITERATURA	19
2.1	LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR	22
2.2	MAPEANDO O TERRITÓRIO DA LEITURA	30
2.3	LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO LITERÁRIO	45
3	IMAGINÁRIO E PRÁTICA: A INTERVENÇÃO	51
3.1	CONTOS DE FADAS, CONTOS MARAVILHOSOS E O IMAGINÁRIO	51
3.2	OFICINAS SOBRE CONTOS EM GERAL	57
3.2.1	1.ª Oficina: Conversa sobre contos	57
3.2.2	2.ª Oficina: Visita à Biblioteca Municipal	60
3.3	OFICINAS SOBRE O CONTO CINDERELA	65
3.3.1	1.ª Oficina: Leitura e interpretação do conto: Cinderela - (versão de Charles Perrault) (ANEXO C)	66
3.3.2	2.ª Oficina: Trabalhando imagem do conto: Cinderela (Anexo D)	72
3.3.3	3.ª Oficina: Leitura com a família do conto: Cinderela (Anexo D)	74
3.3.4	4.ª Oficina: Contando o conto A gata borralheira (versão original - Giambattista Basile) (Anexo H)	75
3.3.5	5.ª Oficina: Recontando a história	76
3.4	OFICINA SOBRE O CONTO BARBA AZUL	84
3.4.1	1ª Oficina: Compreendendo o conto: Barba Azul	84
3.4.2	2ª Oficina: Debatendo o tema do conto: Barba Azul	86
3.4.3	3ª Oficina: Modificando o desfecho do conto: Barba Azul	87
3.4.4	4ª Oficina: Expressando impressões do conto: Barba Azul	91
3.5	OFICINAS SOBRE O CONTO A BELA ADORMECIDA	101
3.5.1	1ª Oficina: Leitura e compreensão do conto A Bela Adormecida (Versão de Perrault - Anexo F e a versão dos irmãos Grimm - Anexo G)	101

3.5.2	2ª Oficina: Leitura e compreensão do conto a Bela Adormecida (Versão de Giambattista Basile) (Anexo H).....	102
3.6	OFICINAS SOBRE O CONTO A BELA E A FERA	103
3.6.1	1ª Oficina: Filme: A Bela e a Fera	103
3.6.2	2ª Oficina: Trabalhando a canção do filme a Bela e a Fera	104
3.6.3	3ª Oficina: Leitura e compreensão do conto a Bela e a Fera (versão dos irmãos Grimm) (Anexo I).....	104
3.6.4	4ª Oficina: Leitura e compreensão do conto A Bela e a Fera (Versão original)(Anexo J).....	106
3.7	OFICINAS SOBRE OS CONTOS CINDERELA, BARBA AZUL, A BELA ADORMECIDA, A BELA E A FERA.	107
3.7.1	1ª Oficina: Apresentações variadas	107
3.7.2	2ª Oficina: Fechamento dos contos: misturando os contos	113
4	REPENSANDO O TRABALHO REALIZADO E OS RESULTADOS	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO 1 (MAPEAMENTO DE LEITURA)	141
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO 2 (MAPEAMENTO DE LEITURA).....	142
	APÊNDICE C - ATIVIDADES FEITAS PELOS ALUNOS (RECONTANDO A HISTÓRIA CINDERELA)	144
	APÊNDICE D - MODIFICANDO O DESFECHO: BARBA AZUL	146
	APÊNDICE E - MISTURANDO OS CONTOS.....	148
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	151
	ANEXO B - TEXTO: DOIS BEIJOS: O PRÍNCIPE DESENCANTADO	154
	ANEXO C - TEXTO: CINDERELA	155
	ANEXO D - TEXTO: CINDERELA - VERSÃO DOS IRMÃOS GRIMM.....	159
	ANEXO E - TEXTO: BARBA AZUL	163
	ANEXO F - TEXTO: A BELA ADORMECIDA	173

ANEXO G - TEXTO: A BELA ADORMECIDA - CONTO DOS IRMÃOS GRIMM	176
ANEXO H - TEXTO: A BELA ADORMECIDA (VERSÃO DE GIAMBATTISTA)	179
ANEXO I - TEXTO: A BELA E A FERA	184
ANEXO J - TEXTO: A BELA E A FERA (VERSÃO ORIGINAL)	187

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual está mergulhada em práticas que fazem uso constante das tecnologias, como conversas em redes sociais, troca de *e-mails*, videoconferências, educação a distância, jogos, compras *on-line*, entre outras. O fácil acesso à internet e aos diversos recursos tecnológicos pode, ao mesmo tempo, facilitar ou afastar pessoas das diversas leituras que fazemos do mundo. Estar conectado ao mundo virtual pode implicar um domínio de diferentes modos de apropriação da leitura, ou seja, quem está ali está sempre lendo algo, terá acesso a várias informações, mesmo não sendo a leitura tradicional voltada para o livro, pratica o domínio da compreensão e da interpretação de textos variados, bem como um afastamento desses domínios e mergulho nas infinitas distrações proporcionadas diariamente ao consumidor de tecnologia.

Com essa perspectiva de que o uso da internet pode ajudar ou afastar o leitor na/da aquisição de leitura significativa, percebemos a necessidade de trabalharmos a leitura literária em nossa escola, pois apesar do grande acesso às informações disponíveis, frequentemente as leituras realizadas pelos jovens se mostram superficiais e voltadas apenas para interesses particulares, como as redes sociais. Nesse sentido, torna-se necessário um trabalho que possa levar, aos alunos, maior estímulo à leitura literária, em que eles possam aprimorar suas habilidades de leitura, interpretando melhor o que leem, podendo desenvolver críticas e concluir suas ideias de forma clara, consciente e mais objetiva.

Compreendendo a necessidade de uma perspectiva de recepção mais interativa de textos literários, propomos nesta pesquisa uma sistematização da leitura e análise do conto, como atividade de letramento literário, tendo como premissa o desenvolvimento de atividades que possam levar o aluno a ler de uma forma mais profunda esses textos. Para a realização dessa pesquisa, partimos do seguinte questionamento: A leitura dos contos tradicionais e suas releituras são capazes de desenvolver habilidades de leitura literária?

Esse questionamento dialoga, inicialmente, com o fato de que, na atualidade, o professor é responsável pela formação de cidadãos críticos e conscientes e, ainda, necessita desenvolver atividades que contribuam para o conhecimento e a proficiência da língua materna. As habilidades necessárias para a leitura literária fazem parte de um conjunto de etapas que se desenvolvem desde os anos iniciais de vida, antes mesmo do letramento, até a plena aquisição do sistema linguístico no qual estamos inseridos, ou seja, até que o aluno consiga ser inserido no meio social, sabendo se comunicar em situações diversas. Essas

habilidades, muitas vezes difíceis de serem isoladas, vão sendo estimuladas por diferentes fatores e agentes sociais que podem contribuir para o seu êxito ou não. Entendendo que nosso papel, enquanto agentes sociais, é fundamental nesse processo, passamos ao desenvolvimento de atividades de leitura literária com o uso de contos.

O conto maravilhoso está presente em nossa sociedade desde os povos antigos e ao longo do tempo veio sofrendo alterações. Essas alterações podem ser observadas dos pontos de vista histórico, social e cultural, pois a época vivenciada acaba influenciando de alguma forma a estrutura do conto, já que ele é produzido para um leitor ou ouvinte de seu tempo.

Diante das diferentes versões de contos maravilhosos da Literatura, nas inúmeras adaptações e variações de acordo com a época em que foram escritos, percebemos também a importância da representação da figura feminina em cada versão, e que o desfecho “Felizes para sempre” muda a partir de determinadas versões. Estes detalhes merecem uma atenção especial, pois o conto maravilhoso é um texto ficcional, mas sua linguagem é facilmente compreensível mesmo por crianças.

Não podemos nos esquecer de que os contos maravilhosos, mesmo com sua longa existência, ainda encantam as crianças e os jovens nos dias atuais, apesar de vivenciarem mundos e épocas diferentes dos que vivemos, eles proporcionam uma viagem ao tempo cheia de magias. E este encantamento que a Literatura Infanto-juvenil possui ajuda muito na formação de atitudes e valores nas crianças, desenvolve seu imaginário e também as auxilia na prática da leitura.

Para a execução desta pesquisa realizamos um estudo bibliográfico inicial sobre Literatura, Leitura, Letramento Literário, Contos maravilhosos e Contos de fada. Posteriormente aplicamos um questionário aos nossos alunos, no qual procuramos investigar o nível de letramento literário deles, só depois iniciamos o trabalho com os contos maravilhosos e contos de fadas. A proposta de intervenção foi direcionada para leituras dos contos em diferentes perspectivas, com apresentação de trabalhos artísticos dos alunos, recriação destes contos para a época atual, debates em sala de aula, surgindo muitas releituras dos contos trabalhados.

O conto maravilhoso e o conto de fadas, embora ambos pertençam ao universo maravilhoso, são formas narrativas que apresentam sutis diferenças entre si. No conto de fadas, o herói busca realização pessoal com auxílio de uma fada, existindo o duelo entre o bem e o mal; já no conto maravilhoso, o herói busca ascensão social. Nele, encontramos

elementos mágicos como animais e objetos falantes. Mesmo apresentando diferenças, são narrativas fictícias que estimulam o imaginário do ouvinte ou leitor.

Todo este trabalho foi desenvolvido sem deixar de lado o currículo de ensino a ser seguido, em que estão organizados os conteúdos que o aluno terá que aprender ao longo de sua caminhada em uma instituição de ensino, lembrando que este ensino deve-se voltar para a formação humana, introduzindo novos conhecimentos que não se limitem àqueles relacionados às vivências do aluno, às realidades regionais ou aos seus conhecimentos do cotidiano. Procuramos socializar os conhecimentos escolares dos alunos com outros saberes de forma bastante criativa, estimulando o prazer pela literatura e provocando reflexões pertinentes nestes alunos, levando-os a perceberem que existem outras formas de leitura, além das que estão acostumados em seu dia a dia.

Nosso público-alvo foram alunos de uma escola pública de Uberaba-MG, que cursaram o oitavo ano do Ensino Fundamental II no ano de 2018 e consequentemente no ano em 2019. Os alunos foram divididos em dois grupos com 30 alunos cada: Grupo Azul e Grupo Verde. Esta separação ocorreu porque a escola, neste período, realizou um experimento de separar as turmas de acordo com o nível de aprendizagem, o Grupo Azul vinha apresentando ao longo dos anos um melhor rendimento escolar e o Grupo Verde estava um pouco aquém.

Lembrando que todas as etapas da execução do projeto estão descritas na presente dissertação, procuramos, no primeiro capítulo, entender melhor o conceito de Literatura e Leitura, que são essenciais para o estudo dos contos, e também registramos os resultados do questionário aplicado aos alunos. Já no segundo capítulo, levamos em conta a importância do imaginário nos contos maravilhosos e contos de fadas e detalhamos as 19 oficinas realizadas durante a intervenção com os seguintes contos: Cinderela, Barba Azul, A Bela Adormecida e A Bela e a Fera em diferentes versões. Sendo duas oficinas iniciais com contos em geral, cinco oficinas relacionadas ao conto Cinderela, quatro ao conto Barba Azul, duas ao A Bela Adormecida e quatro ao conto A Bela e a Fera, e duas oficinas finais para fechar o trabalho sobre contos. O terceiro capítulo traz o resultado do segundo questionário aplicado aos alunos após o término das oficinas e as considerações e reflexões sobre a pesquisa realizada.

As oficinas realizadas durante o processo de intervenção foram um conjunto de atividades bastante diferenciadas, que, de maneira lúdica, fizeram com que os alunos do Ensino Fundamental II pudessem ter uma visão diferenciada do processo de leitura.

2 A LITERATURA

Para começar, como definir a Literatura, especialmente aquela lida com nossos alunos? Esta é uma pergunta bastante difícil de ser respondida, já tentaram respondê-la, mas a sua definição sempre esbarra com algo indefinível, ou seja, algum elemento faz dessa arte algo difícil de conceituar. Sendo assim, percebemos não existir uma definição única para Literatura, pois ela está intimamente ligada à leitura, à palavra, a um tempo e, conseqüentemente, a um leitor. E estes elementos são todos variáveis, mutáveis, fazendo-nos perceber que precisa acontecer o processo de recepção de algo diferente para que o leitor compreenda o texto literário.

Desde sempre a humanidade já sentia necessidade de se expressar, isso fica bem claro quando nos deparamos com as pinturas rupestres realizadas pelos homens nas cavernas na Pré-História, quando ouvimos que a tradição oral é transmitida de geração para geração, ou também quando entendemos como as sociedades primitivas questionaram os mistérios da natureza, surgindo assim os mitos. Com a Literatura não foi diferente, desde as primeiras manifestações poéticas clássicas, as obras literárias eram apreciadas e analisadas sob perspectivas distintas. Alguns estudiosos, durante muito tempo, empenharam-se em debater e conceituar a Literatura, como alegam Zina C. Bellodi e Magaly Trindade Gonçalves, professoras e autoras do livro *Teoria da Literatura Revisitada*:

Há divergências entre os estudiosos da Literatura. Para alguns, a especificidade do literário deve ser apreendida a partir da obra, desvinculada de qualquer contexto histórico, com verdadeiro estatuto ontológico, enquanto outros propõem um estudo histórico como essencial (GONÇALVES; BELLODI, 2005, p.23-24).

Gonçalves e Bellodi apontam-nos que não é tão simples chegar a um acordo sobre o objeto literário porque alguns estudiosos levam em conta apenas a obra em si e outros privilegiam apenas o contexto histórico. E na verdade, a obra, seu contexto histórico e o leitor são um conjunto que forma a obra literária, um elemento está vinculado ao outro tornando-a Literatura.

Platão e Aristóteles iniciaram este longo estudo, que mantém um debate vivo até os dias atuais, em busca de uma reflexão para esta arte, a Literatura. Retomando os pensadores gregos, Antoine Compagnon, professor catedrático de Literatura Francesa Moderna e Contemporânea, nos lembra que

A Literatura foi definida da antiguidade até a metade do século XVIII como imitação ou representação (mimeses) de ações humanas pela linguagem. E a partir da segunda metade do século XVIII a Literatura foi definida como o uso estético da linguagem escrita (COMPAGNON, 1999, p.38-39).

Segundo Compagnon, a Literatura sofreu algumas alterações ao longo do século XVIII. Em sua primeira fase o fator predominante era a representação de sentimentos humanos, já na segunda fase, o uso estético da linguagem. Percebe-se uma mudança em seu público, de simples espectador para um leitor envolvido por uma linguagem literária.

No século XIX e ainda no início do século XX, a Literatura é vista como um produto de forças históricas, ou seja, é um fenômeno estudado a partir da sua origem. A obra literária era vista como um “documento”, só poderia ser explicada pelo contexto histórico e também levando em conta a biografia do autor. Já os simbolistas, ainda no século XIX, dão ênfase no valor da palavra quanto ao uso artístico, preocupando-se com a forma e o conteúdo. Gonçalves e Bellodi asseguram:

... a tarefa do poeta, para o Simbolismo, é “descobrir” a palavra, isto é, chegar a uma elaboração da palavra que lhe confira um poder novo, diferente de seu “mero” significado na linguagem atual. Trata-se de chegar ao valor essencial da palavra ou de instituir a palavra em seu poder virginal (GONÇALVES; BELLODI, 2005, p.102-103).

Essa ênfase na materialidade da palavra encontrará muitos ecos na crítica do século XX, tornando-se uma vertente muito produtiva para a formação de uma ciência da linguagem. Para os formalistas russos, por exemplo, era necessário encontrar a literariedade de um texto, ou seja, a organização dos seus elementos linguísticos, a maneira como a sua linguagem é trabalhada, que faz dele um objeto literário. Iniciam-se neste momento os questionamentos de como diferenciar a Literatura da não Literatura. Gonçalves e Bellodi afirmam:

Basicamente, a obra utilizaria a linguagem e todos os artifícios literários no sentido de promover o “estranhamento”. A linguagem era “tornada estranha” e com isso o próprio mundo cotidiano era transformado em algo não familiar. Os Formalistas, portanto, consideravam a obra literária como produto de uma deformação da linguagem e, por outro lado, a ela atribuíam uma função: restaurar os objetos da percepção através de uma desautomatização. (GONÇALVES; BELLODI, 2005, p.184-185).

A Literatura se configura na recriação da realidade com uma linguagem especial, produzindo o estranhamento no leitor, fugindo da linguagem comum e sempre relacionada a um contexto. O século XX e a busca pela materialidade da palavra encontraram ressonâncias importantes na crítica literária. Na esteira do Formalismo Russo, preocupado com a literariedade e os aspectos linguísticos da literatura, o New Criticism, também centrado na visão imanentista do texto, buscava uma leitura do mesmo em seus próprios elementos internos, separando o texto do autor e do leitor, instaurando o que viria a ser mais tarde o chamado *close reading* (*leitura próxima*). As visões advindas desse movimento para a sustentação da ciência da linguagem, no entanto, não desenvolveram discussões que

pudessem indicar de alguma forma a participação do leitor no seu processo de interação com a obra.

Percebemos que, embora Aristóteles tenha se preocupado com o leitor - uma vez que provém de suas ideias sobre a tragédia o conceito de catarse -, este elemento passou longo tempo na obscuridade. O efeito de catarse no qual o espectador libera sua emoção pode ser comparado a um efeito de recepção de uma obra, debate que demoraria décadas até se desenvolver pela Estética da Recepção, quando é debatida a importância das reações do leitor diante de uma obra. Wolfgang Iser, ao comentar os efeitos estéticos de uma obra, usa a ideia de que todo leitor preenche vazios, lacunas, construindo sentidos, interagindo ativamente com a obra literária, estabelecendo a tríade fundamental da recepção: autor-obra- leitor.

A partir dessa tríade, é possível perceber que a tentativa de conceituar a literatura será impactada diferentemente em cada período, especialmente devido à atenção dada a cada elemento do conjunto. Em alguns momentos, o foco maior será na obra, em outros, no autor e no contexto histórico e em outros no leitor. Seguindo esse raciocínio, entendemos que a Literatura poderá ser definida provisoriamente se pensarmos no seu contexto histórico, pois o texto, sendo seu objeto de estudo, é um testemunho de uma leitura histórica e também carrega seu valor linguístico, suas especificidades enquanto discurso ficcional para aquele momento. Por outro lado, há algo na Literatura que ultrapassa o tempo histórico e se perpetua como uma espécie de tradição que vai passando de geração em geração, sendo relida e reconstruída, que poderíamos chamar de clássico.

Logo, Gonçalves e Bellodi (2005, p.189) afirmam que “Uma forma, assim, prática de se compreender a especificidade da Literatura é pensar na “ficção”, na “invenção” ou na “imaginação” como parte de sua essência.” Ou seja, após associar todas essas tentativas de definições, podemos dizer que Literatura é um testemunho de um tempo vivido através da arte, uma arte que se propõe a trabalhar com as palavras de uma forma especial, propiciando a cada leitura possibilidade de novos sentidos.

É diante dessa infinita possibilidade de novos sentidos que o escritor Mário Vargas Llosa (2009, p.3), que recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 2010, apresenta uma definição muito interessante sobre Literatura: “A literatura nos permite viver num mundo onde as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, onde nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço, onde podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites.”

Segundo Llosa (2009), a Literatura faz com que as pessoas saiam de sua vida cotidiana e vivenciem outras experiências de vidas diferentes, onde tudo é possível através da imaginação, levando o leitor ao encontro de suas fantasias mais comuns, libertando-o muitas vezes da própria realidade histórica. E como a Literatura está intimamente ligada à leitura, vamos falar um pouco sobre leitura.

2.1 LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Quando se fala em leitura, a primeira coisa que vem em nosso pensamento é a leitura de livros. Embora existam muitas outras formas de leitura, habitualmente a mais questionada na escola é aquela relacionada com o texto escrito. Apesar de a leitura ser vista como uma mera codificação de sinais gráficos, letras, ela representa um processo mais complexo do que simplesmente decifrar as palavras, porque podemos ler de diferentes maneiras, inclusive com diferentes registros.

O ato de ler vai muito além da escrita, fazemos leituras durante todo o tempo. A maneira como reagimos nas situações do dia a dia é um exemplo prático de leitura, como olhamos para o próximo, como vemos os problemas cotidianos, enfim, lemos muito mais do que pensamos ler. Lemos pessoas, objetos, atitudes, reações, tudo ao nosso redor, ou seja, tudo que faz sentido para nós.

Com a leitura de um livro, que é um texto escrito, não acontece diferente, claro, se não fizermos apenas a decodificação de palavras, isto é bastante notável quando lemos algo que não nos interessa. Nesse caso, ficamos alheios à mensagem, como se estivéssemos vendo simplesmente sinais gráficos, não fazendo nenhum sentido para nós, não ocorrendo leitura de fato. Ao lermos com interesse, damos um novo sentido, temos um novo olhar diante da obra lida, ela passa a ter uma representação especial em nossa vida. Maria Helena Martins (1990, p.10) traz uma passagem de Paulo Freire que ilustra muito bem este acontecimento “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Sendo assim, realizamos leituras de mundo bem antes de decodificarmos sinais gráficos, que podem ser feitas por qualquer pessoa letrada ou não letrada, adulto ou criança e outros, sendo que a primeira continuará, e também complementar a leitura da palavra. Quando pegamos um livro, devemos pensar em sua história, no contexto de criação da obra e nos sentidos possíveis criados pelos autores e desta forma integrá-lo-emos às nossas leituras de mundo. Segundo Martins, temos duas concepções de leitura:

- 1) Como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). (MARTINS, 1990, p. 31).

Assim sendo, a leitura estabelece o diálogo do leitor com o objeto lido, em um determinado tempo e espaço, não simplesmente a decodificação de sinais, e sim um movimento de dar sentido aos sinais, de compreendê-los.

A leitura é um ato solitário e solidário, pois envolve a necessidade, a experiência individual, mas pode se desenvolver mais em contato com outras pessoas, outros leitores, enriquecendo a experiência da leitura. Através da leitura, a curiosidade aguça o imaginário, o leitor se conhece melhor, ao se identificar com o que lê e como lê, compreende melhor o mundo, fazendo uma viagem sem sair do lugar físico em que se encontra. A leitura acontece em nosso cérebro, modificando nossa percepção através da imaginação, tornando-a mais autônoma, ampliando nossos horizontes. Nesse momento, passamos a ter desconfianças sobre o que lemos, rompendo com a passividade, passando a ter mais condições de enfrentar situações diversas e modificá-las. Esse exercício também é um convite ao desenvolvimento da memória e nos faz enxergar a vida de outras formas.

Em sala de aula percebemos a importância da leitura partilhada, pois quando há troca entre alunos ou até mesmo entre alunos e o professor, sobre as leituras realizadas, desenvolve-se mais motivação e encorajamento para que novas leituras sejam feitas. Nesse exercício, cada um mostra um ponto de vista diferenciado para cada obra e surge uma riqueza de interpretações, o que não ocorreria se não fossem relatadas as experiências de leituras praticadas pelo grupo. A leitura de um texto escrito depende não só do conhecimento de língua, mas também das experiências vivenciadas pelo leitor, seu conhecimento de mundo, pois temos que vivenciar nossas leituras.

A leitura literária é diferente das outras formas de leitura, pois exige do leitor certa habilidade de lidar com as palavras, que são renovadas, recriadas a cada contexto e essa perspicácia do leitor só aumenta com a prática. O hábito de ler colabora para que surjam múltiplas interpretações em um texto literário, o que pode enriquecer o repertório desse leitor gradativamente. Isto pode ser compreendido quando um leitor lê uma determinada obra e depois de muito tempo volta a lê-la, o resultado é bem parecido com o pensamento do filósofo Heráclito presente na coleção Os pensadores, (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1996, p.32), "Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti". Sua

interpretação é diferente da primeira leitura, seja devido ao seu amadurecimento enquanto leitor, sua experiência de vida ou ao diferente contexto histórico. Cada vez que as condições históricas e sociais da recepção se modificam, o sentido da obra também muda.

Segundo pesquisa feita pela Revista Retratos da Leitura no Brasil, em sua quarta edição, realizada em 2015, 44% dos brasileiros não são leitores. São muitos os fatores que contribuem para que as pessoas não leiam, dentre eles está o analfabetismo. O jornal O Globo em 19 de junho de 2019 (FERREIRA, 2019) aponta-nos que o Brasil ainda tem 11,3 milhões de analfabetos entre a população de 15 anos ou mais – o número corresponde a 6,8% dessa população. Lembrando que para o IBGE, são consideradas analfabetas as pessoas que não sabem ler e escrever, usando como parâmetro um “bilhete simples”, ou seja, aqueles que não conseguem decifrar sinais gráficos. E ainda temos também os analfabetos funcionais, aqueles que decifram as letras, mas não passam disso, não conseguem dar sentido ao que leem, continuam vendo o mundo pelo olhar do outro. O acesso à educação e à leitura quase sempre foi privilégio das camadas dominantes das sociedades. Na atualidade, é mais interessante e de certa forma até lucrativo às minorias dominantes que as pessoas não leiam, para que aquelas exerçam com facilidade seu domínio social, político e econômico. A leitura traz para o leitor enriquecimento intelectual e cultural, desenvolve o seu senso crítico e o desperta para novas experiências.

As pessoas precisam começar a ler por conta própria, pois cada um realiza sua leitura individual, sob sua perspectiva de vida, não devendo se deixar ir pelos interesses alheios. O texto literário, por exemplo, leva o leitor a ver o mundo de outra forma. Muitas vezes a provocação do texto, que causa o estranhamento, é o ponto de partida para que a leitura tenha fruição, ou seja, que esse leitor a aproveite com prazer e ela consiga lhe despertar uma reflexão sobre seu cotidiano, que o leve a entender de forma mais profunda o que acontece a sua volta, incorporando novas experiências.

A leitura é uma ação que necessita de um posicionamento intelectual, ocorrendo uma atualização ou reapropriação do texto, isto é, o texto não foi escrito para um leitor, ele precisa se adaptar ao texto que foi escrito por outra pessoa. No processo de leitura, o leitor estabelece uma posição interativa diante do texto e atribui a este um significado. Wolfgang Iser, professor de Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Constance na Alemanha, um dos maiores expoentes da Teoria da Recepção, aponta:

A interpretação tende a mostrar-se objetivista; em consequência, seus atos de apreensão eliminam a multiplicidade de significações da obra de arte. Se afirmarmos, como sucede muitas vezes, que uma obra literária é boa ou má, então formamos um juízo de valor. Mas quando necessitamos fundar esses juízos,

utilizamos critérios que, na verdade, não são de natureza valorativa, mas que descrevem características da obra em causa. Se compararmos essas com as de outras obras, não conseguimos ampliar os nossos critérios, pois as diferenças entre esses critérios já não representam o valor próprio. (ISER, 1996, p. 59).

Para Iser, ao tentarmos atribuir valor a uma obra literária deixamos de lado suas características específicas, tendemos a ter uma interpretação objetiva, isto faz com que deixemos de lado a sua plurissignificação, sendo assim o leitor precisa interagir com a obra concedendo significado próprio ao que lê, sem impor valores, como boa ou ruim.

Ao ler um livro, o leitor estabelece uma relação de interação muito forte com o texto, ele passa a ver a realidade de outra forma. Na verdade, é o leitor que completa o texto, dando-lhe um sentido, pois a obra está sempre aberta a novas interpretações. Não nos esquecendo de que o texto literário é aquele que admite infinitas leituras e em cada nova leitura ele renova seu sentido; o texto não se desgasta. Quando ocorrer um confronto entre o que é lido e o que é interpretado, ou seja, uma subjetividade acidental, o professor deve levar em conta a interpretação do aluno, mesmo que ela esteja totalmente fora do que possa ser aceito, pois mesmo com uma resposta absurda este leitor é desafiado a voltar, ler novamente o texto e repensar o que leu. Segundo Iser:

As contradições que o leitor produziu formando suas configurações adquirem sua importância própria. Elas o obrigam a se dar conta da insuficiência dessas configurações que ele próprio produziu. Ele pode então se distanciar do texto do qual faz parte, de sorte a poder se observar, ou ao menos se perceber implicado. A atitude de se perceber a si mesmo num processo do qual participa é um momento central da experiência estética. (ISER, 1999, p. 241-242).

O leitor, ao se confrontar com a obra, terá novas possibilidades de interpretação, compreenderá melhor sua realidade e também seu papel como sujeito nela. Poderá até mesmo se afastar do texto, mas se sentirá obrigado a refletir sobre sua leitura. Lembrando que o texto não é um objeto fixo, dependendo da atitude leitora para contextualizá-lo; ao final de cada leitura, surge um novo texto.

A leitura é um ato subjetivo, pois sempre que o leitor a faz, ele traz consigo uma bagagem de conhecimento anterior de sua vivência, seja ela de sua personalidade, de sua infância, de suas leituras. O leitor arrasta sua experiência para a obra lida. Logo é impossível determinar a intenção do autor, por isso é muito ilusória, nas atividades de interpretação de um texto, a seguinte pergunta: O que o autor quis dizer? Os espaços vazios devem ser preenchidos pelo leitor, o texto não diz tudo, as imagens que dão completude ao texto são formuladas na mente do leitor e são subjetivas. Sendo assim, na leitura literária a imaginação leva o leitor a formular uma compreensão única e talvez até imprevista pelo autor do texto. Sempre que ocorre a leitura de uma obra literária, o leitor faz uma atualização de sentidos

para o momento histórico, criando um horizonte de expectativas, que faz com que a obra seja acolhida pelo leitor ou contrarie suas expectativas, pois o texto não dará a certeza de uma interpretação acertada, podendo o leitor experimentar algo que não esperava, ou seja, que não estava no seu horizonte de referência. Iser (1999, p.106) assegura “O não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo incentivam o leitor a ocupar as lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e estimulado a imaginar o não dito como o que é significado.” Mesmo sendo necessária a ação do leitor no texto para preencher os espaços vazios, o próprio texto controla esta atividade, não deixando que as representações do leitor escapem ao texto.

Mesmo quando se trata de um testemunho histórico, a literatura sempre cria/inventa, como Zilberman (2008, p.17) afirma “A literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas”. Roger Chartier (1990, p.78) nos lembra de que a leitura precisa ser compreendida “como história de uma prática cultural”; o leitor, ao ler uma obra, deve entender que ela não é atemporal, ela precisa ser contextualizada, possui uma temporalidade. Logo se explica a necessidade de, ao se trabalhar um texto literário com os alunos, o professor ter que fazer uma contextualização social e histórica da obra para que a mesma seja minimamente compreendida em seu modo de produção pelo leitor.

Ser leitor para muitos é simplesmente ler, decodificar sinais, distinguir um gênero textual de outro, saber acessar as notícias atuais na mídia, mas o leitor literário possui uma relação mais íntima com a leitura, pode-se dizer que ele é seduzido por esta, consegue ver uma beleza diferente na linguagem. É aquele que sabe diferenciar um texto literário de outro tipo textual, que lê para utilizar o texto em benefício próprio, seja para obter informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento. Este leitor precisa extrair do texto um novo sentido, precisa preencher as suas lacunas. A leitura é, em cada momento, única, pois se associam a ela valores, forma de existência, efeitos de sentido e subjetividade do indivíduo.

Vivemos em um mundo onde existem inúmeras práticas sociais para uma criança: televisão, computador, jogos virtuais, conversas em redes sociais entre outras. Como despertá-la para a leitura? Como vencer este desafio? Não é tarefa nada fácil. As crianças ficam horas em frente à TV e ao computador, assistindo filmes, séries e desenhos que chamam bastante a sua atenção. Quando pensamos na pouca prática de leitura, devemos nos fazer um

questionamento: os nossos alunos não leem? Como eles vivem sem fazer leituras? Existe uma crise de leitura? Na verdade, existe uma ausência de leitura de texto escrito, principalmente do livro físico. Eles até realizam algumas leituras pragmáticas, leituras em redes sociais, mas a leitura literária não é comumente realizada, ficando delegada para a escola. Outro detalhe a ser lembrado é de que a maioria das crianças só lê o que é pedido para as atividades escolares, cumprindo apenas a obrigação exigida. Logo, é preciso encontrar uma saída para esta questão. Diante de tudo isto deve entrar em ação o papel da família, da escola e do professor.

A família pode ajudar a criança a adquirir hábitos de leitura, tendo livros em casa, lendo para as crianças, despertando-as ao interesse por boas histórias, gosto pelos livros, praticando contação de histórias que estimulem a imaginação das mesmas. Crianças que são estimuladas desde bebês, que convivem com histórias infantis, vão sendo despertadas mais cedo para o mundo da leitura literária. Seria interessante se todas as crianças recebessem estímulos em casa, mas aqui surgem alguns problemas, como por exemplo: bastantes pais são analfabetos, ou não têm hábito de leitura, ou ainda nem sabem da importância desta; famílias que precisam até mesmo do trabalho infantil dos filhos para sobreviverem, enfim, são inúmeros obstáculos. É muito importante o contato com adultos leitores, mas nem sempre isso é possível.

Os obstáculos não param por aí. O acesso a livros é difícil, pois normalmente possuem um alto preço, que não condiz com a renda dos pais, enfrentam também a ausência de boas bibliotecas na escola, fica mais fácil o acesso ao texto literário por meio do livro didático, que traz apenas pequenos trechos de obras literárias, o que torna esta leitura bastante limitada. Outro fator que dificulta é que as escolas, durante o Ensino Fundamental, não preparam os alunos para terem no Ensino Médio uma disciplina dedicada apenas à Literatura, e com isso trabalham uma Literatura muito esquematizada no Ensino Médio, dando ênfase a períodos literários clássicos e suas características, gerando o desinteresse dos alunos para a disciplina.

Mesmo assim, sabemos que a escola é um lugar privilegiado para o contato com livros, pois a maioria das crianças só tem seu primeiro contato com o livro na escola. O que faz com que a escola tenha a responsabilidade de trabalhar o texto literário de forma adequada, não só usando o texto como pretexto para ensinar gramática, lições de vida, enfim, é necessário fazer com que o aluno leia por prazer e realize também suas satisfações pessoais. Como professora, vejo claramente a predileção dos alunos por filmes, séries, quando lhes é pedido para ler uma obra e eles já perguntam se há o filme da mesma. Querem sempre uma leitura facilitada, resumida, acreditam que assistir ao filme substitui a leitura do livro, sabe-se

que o filme é uma adaptação, uma recriação do livro e não o substitui. Desta forma, percebo que pode existir uma negociação: trabalhar primeiramente a leitura da obra literária para depois procurar adaptações que remetam ao que foi lido, ou vice-versa.

Diante do constante crescimento tecnológico não podemos simplesmente ignorar a presença das novas mídias eletrônicas, pelo contrário, devemos associá-las de alguma forma em nosso trabalho, lembrando que as obras para crianças absorvem recursos de outros meios de comunicação. Sendo assim, para a formação de leitores é necessário que os professores estimulem mais a subjetividade dos alunos, mostrando que um texto literário sempre tem espaços a serem preenchidos, ou seja, uma obra não está pronta e acabada, que várias interpretações são possíveis; o texto precisa ser encarado como algo a ser desvendado e também contextualizado historicamente, deixando bem clara a importância do leitor.

Como foi dito anteriormente, a cada dia que passa, novas mídias eletrônicas tomam conta do nosso universo, mas o livro nunca perderá seu espaço, pois ele traz um encantamento diferente para o leitor, ele possibilita que este viaje sem que saia do lugar, crie situações possíveis somente no imaginário, provocando reflexões e mudanças pessoais sobre determinados comportamentos, permitindo ao leitor compreender além do que está escrito, levando-o ao questionamento da realidade. Zélia Versiani confirma:

Com a ascensão das novas mídias eletrônicas, mais intensamente os processos e procedimentos seletivos dos sujeitos leitores vêm ocupando o centro das discussões sobre novas exigências ligadas à sua formação. Esse diálogo entre novas mídias e livro (e também outros suportes como jornal, revista, etc.) não representa exclusões, muitas vezes pregadas por apocalípticos em muitos momentos da história da escrita, desde a sua invenção (aliás, também ela uma tecnologia). [...] A leitura hipertextual propicia hoje novos olhares sobre a leitura de livros. (VERSIANI, 2007, p. 22).

Não podemos nos esquecer de que o livro também é uma tecnologia, e devemos aliar a ele as novas tecnologias para o incentivo à leitura. A internet vem com toda força oferecendo muitas obras digitalizadas de grande qualidade, mudando um pouco o hábito de jovens leitores. Por isso, o professor tem a incumbência de unir todas as tecnologias em prol do desenvolvimento da capacidade leitora de seus alunos.

Por outro lado, o professor precisa fazer uma escolha adequando a obra ao leitor, levando em conta a qualidade estética desta, não só pensando em veiculação de regras gramaticais ou normas de obediência e bom comportamento. Foi-se a época em que o professor fingia que dava aulas de Literatura, quando pedia ao aluno que lesse um livro para que este fizesse uma ficha de leitura, ou até mesmo uma prova sobre a obra lida pedindo os elementos da narrativa (tempo, espaço, personagens, enredo, desfecho, clímax), datas e até mesmo características de estilo. Atualmente, é preciso mudar os métodos pedagógicos,

embora não haja um método universal para o ensino de Literatura, o mais importante é que o aluno leia e com a mediação do professor consiga atribuir sentido ao que lê; a escolha do aluno por uma obra que lhe traga prazer também é importante para sua formação enquanto leitor. O professor precisa ter o ponto de partida para a revelação de uma visão original da realidade, atraindo o leitor para o mundo com o qual convivia diariamente, mas que desconhecia, ou seja, o leitor precisa ter consciência da realidade e ter um posicionamento perante ela, estabelecendo assim relação entre leitor e obra. Sendo assim, Zilberman afirma:

A ficção lhe outorga uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, por meio de sua linguagem simbólica. A adequação de uma obra diz respeito ao grau de abertura para a realidade vivenciada pelo receptor do texto, seja ela de natureza íntima ou pessoal. (ZILBERMAN, 2003, p. 28).

A recepção de uma obra é muito importante para o leitor, pois ali se instaurará as experiências leitoras e também as experiências de vida que ele já possui, ou seja, sua bagagem cultural; esta junção é necessária para que sejam preenchidas as lacunas da obra, facilitando assim a compreensão desta.

Sabe-se que o leitor mudou ao longo do tempo, as crianças precisam de um tipo de literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades de percepção além dos seus limites atuais. As histórias podem ajudar a construir a própria identidade da criança, mas o sentido e o alcance em que o fazem dependem do significado que lhes atribui cada leitor segundo sua recepção individual produzida pela obra na relação com sua personalidade e sua experiência social e literária. Por isso, é necessário ao escolher um livro, pensar um pouco na realidade vivida pelos alunos. Claro que nem todos têm uma história parecida, mas cabe ao professor pensar qual tema pode chamar a atenção da maioria dos alunos de uma determinada faixa etária.

Se o professor for pensar nos critérios de escolha de um livro feitos pelos jovens leitores, ele perceberá que são levados em conta o enredo, a opinião dos colegas sobre a obra, indicações de outros leitores. Logo Versiani aponta:

No que diz respeito aos procedimentos de escolha de livros por jovens, contam estratégias coletivas de aprendizado escolar como a noção e o uso do gênero resenha (textos da orelha, contracapa ou críticos escritos e apresentados pelos colegas); como a indicação de outros leitores com os quais se cria um espaço de convivência e disseminação da literatura, além de elementos da capa: título, ilustrações (interessante como quase nunca o autor influencia as escolhas). (VERSIANI, 2007, p. 32).

Ao escolher um livro para ler, os jovens utilizam vários critérios como: capa, título, ilustrações, resenhas, e também a indicação de alguém que leu a obra e gostou. E é neste

contexto que associamos a importância de leitores assíduos, os quais poderão colaborar na escolha e ajudar o jovem a construir seu próprio perfil leitor.

Para finalizar a questão por aqui, é interessante lembrar que o mais importante é o professor proporcionar a experiência de ler ao seu aluno. Sabemos que muitas pessoas passaram boa parte da vida longe dos livros e que um professor pode promover esse encontro, através de sua mediação, seja na leitura em voz alta de uma história, com entonação diferenciada, uma indicação de uma obra lida, um comentário do dia a dia relacionado a algo lido em uma obra, enfim, o professor tem que diminuir esta distância entre o livro e o leitor, como se fosse um ponto de ligação, encorajando-o a construir sua própria experiência de leitura. Mas para que isto ocorra, é necessário que o professor seja um leitor, pois ninguém incentiva, motiva o outro, sem ser exemplo real. Devemos levar em conta que também são necessárias mudanças expressivas no sistema político-econômico e sociocultural de nosso País para que as pessoas adquiram hábitos de leitura. Martins confirma:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. (MARTINS, 1990, p. 34).

É muito importante que o professor propicie ao aluno acesso a diferentes obras, mas sempre respeitando a sua necessidade e interesse, tentando promover o encontro entre a obra e o leitor.

2.2 MAPEANDO O TERRITÓRIO DA LEITURA

Para adentrarmos nosso território de leitura com os alunos do oitavo ano de 2018, foi necessário compreender melhor o que significava a leitura para eles. Primeiramente elaboramos um questionário que averiguou o nível de letramento literário dos alunos, os contos que eles conheciam e a preferência de suas escolhas. Esta etapa foi fundamental para nossa discussão inicial sobre a leitura e para a construção das oficinas de intervenção.

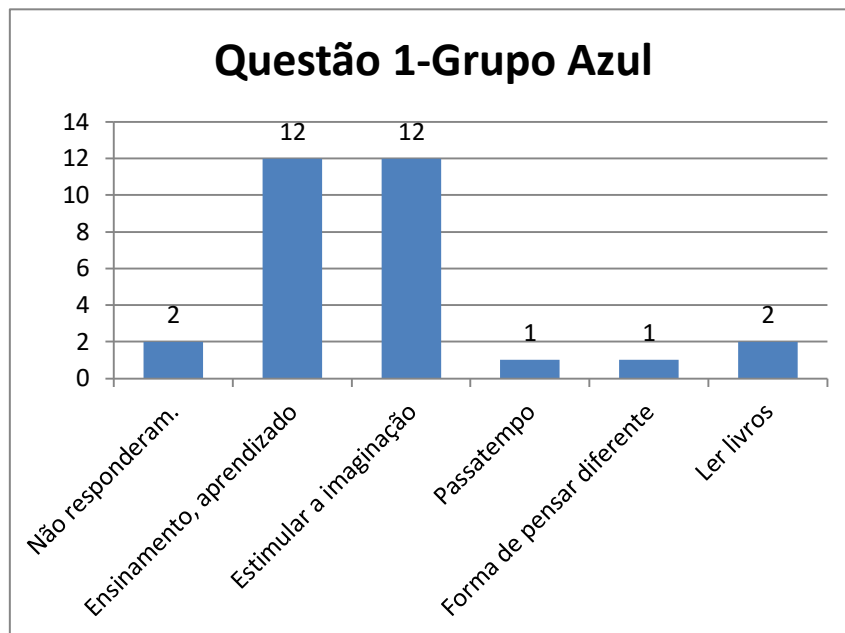
Depois de aplicado o questionário, fizemos uma análise dos dados coletados e colocamos as informações obtidas em gráficos.

O questionário foi respondido por 60(sessenta) alunos, divididos em dois grupos de 30(trinta) alunos cada, que a partir de agora, para facilitar a identificação, serão nomeados como: Grupo Azul e Grupo Verde.

O questionário possui 12(doze) questões e a primeira pergunta tem caráter subjetivo: *Para você, o que é leitura?* (questão 01)

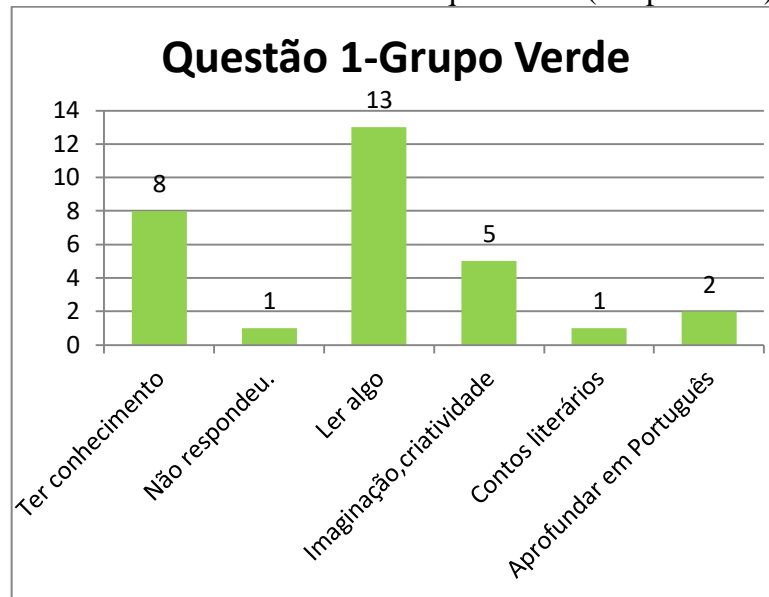
Começaremos a análise com o Grupo Azul. Obtivemos repostas variadas, mas reagruparemos de acordo com o sentido geral da resposta: 02 (6,6%) alunos não responderam, 12 (40%) alunos responderam que leitura é ensinamento, aprendizado, 12 (40%) disseram que é o estímulo da imaginação, a entrada no mundo da fantasia, 01 (3,3%) definiu como passatempo, 02 (6,6%) afirmaram que é ler livros, ler algo e 01 (3,3%) afirmou ser uma forma de pensar diferente. Veja a seguir o gráfico que representa o resultado das repostas dadas pelos alunos do Grupo Azul. (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Dados referentes à questão 01 (Grupo Azul) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

Já no Grupo Verde: 08 (26,6%) disseram que leitura é um meio para ter conhecimento, 01 (3,3%) não respondeu, 13(43,3%) definiram como ler algo, 05 (16,6%) afirmaram ser imaginação e criatividade, 01 (3,3 %) definiu como contos literários e 02 (6,6%) afirmaram que leitura é aprofundar em Português, para melhorar a fala. (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Dados referentes à questão 01 (Grupo Verde) do Q1

Fonte: Autoria própria (2019)

Algumas respostas dos alunos à questão 01 definindo o que é leitura para eles:

“... é um tipo de exercício para a mente.”

“... é desligar de tudo, começar a imaginar e você gastar todo o seu tempo com coisas boas.”

“... é uma forma de viajar no livro sem sair do lugar.”

“... é entrar num mundo mágico onde tudo pode acontecer.”

“... é um mundo escrito, onde se usa a imaginação.”

“... é uma forma de pensar diferente.”

“... é uma forma de aprendizado que temos para também obtermos novos conhecimentos.”

“... é um momento que tem que ter imaginação e concentração.”

“... é ler livros.”

“... é se inspirar nas histórias, se envolver nos contos.”

“... é conhecer novos mundos, aprofundar em Português, melhorar a fala.”

“... é contos literários.”

Após analisar as respostas dos alunos, podemos afirmar que eles leem, conseguem entender que a leitura é decodificação, entendimento, compreensão, que pode envolver prazer e etc. Mesmo entendendo o que é leitura, os jovens ainda estão presos à ideia de que leitura é somente o texto escrito (livro), quando na verdade fazemos leituras de imagens, anúncios e gestos sempre. Diante destas respostas, fica clara a necessidade de fazer com que os alunos entendam que existem várias formas de leitura e que as fazemos a todo tempo. Realizaremos a leitura e compreensão dos contos de fadas através de diversos meios, como: contação dos

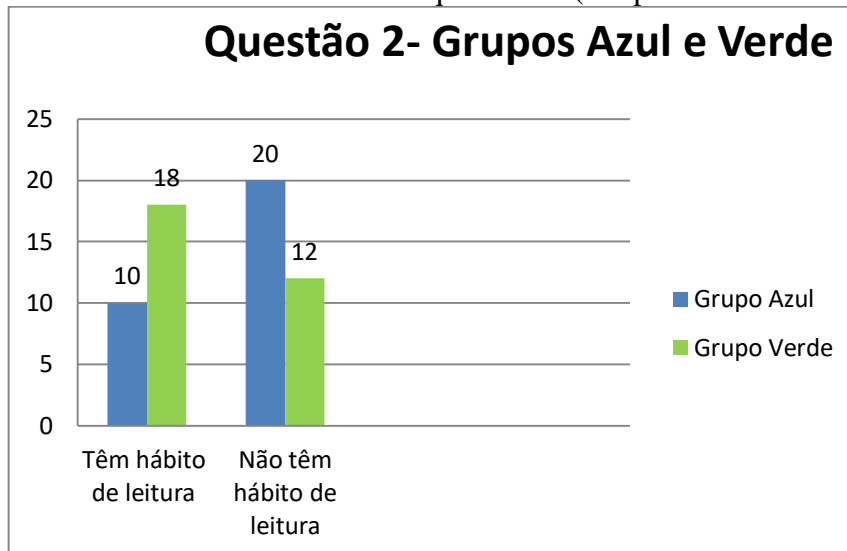
contos, o uso de imagens para facilitar o entendimento de vocábulos menos conhecidos, filme, pintura, debates, ilustrações dos contos, paródias etc. Desta forma os alunos perceberão que, além da linguagem escrita, temos outras linguagens que auxiliam na leitura do texto escrito e que também são de extrema importância em nosso dia a dia.

A segunda questão foi mais objetiva, procurando identificar os hábitos de leitura: *Você tem hábito de leitura?* (questão 2).

No Grupo Azul 10 (33,3%) alunos responderam que possuem o hábito de leitura e 20 (66,6%) disseram que não possuem hábito de leitura.

Já no Grupo Verde 18 (60%) alunos disseram ter o hábito de leitura e 12 (40%) não. (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Dados referentes à questão 02 (Grupos Azul e Verde) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

Ao analisar esta questão, percebemos que o Grupo Verde, apesar de ter maior dificuldade de aprendizagem, afirma possuir maior hábito de leitura do que o Grupo Azul. Muitos fatores podem estar envolvidos nestes dados, como: será que os pais são leitores assíduos? Incentivam seus filhos? O que eles gostam de ler? Como fazem esta leitura? etc. Tudo isso será investigado durante a execução deste projeto, pois pode ser que o que realmente falte para estes alunos é a mediação, que pode ser realizada pela família, pelos professores em geral e principalmente pelo professor de Português, ou seja, um leitor assíduo. Sendo assim, nossa missão é fazer com que estes alunos tanto os que já leem algo quanto os que não leem iniciem um processo de letramento literário para que possam ser leitores conscientes e críticos, que tragam a leitura para seu mundo, de uma forma bastante prazerosa.

A partir dos hábitos, procuramos saber o tipo de leitura realizada: *Se sim, o que você lê?* (questão 3). No Grupo Azul, a maioria afirmou ler romances (suspense, aventura, ficção científica, terror etc.), 01(3,3%) aluno disse ler a Bíblia e outro ler *fanfiction*. Nesta turma, temos um aluno deficiente visual e ele disse que não lê, pois ele ainda não tem livro em braile.

No Grupo Verde a resposta não foi tão diferente: a maioria afirmou ler romances (suspense, aventura, ficção científica, terror, etc.), mangás, textos na escola e nas redes sociais.

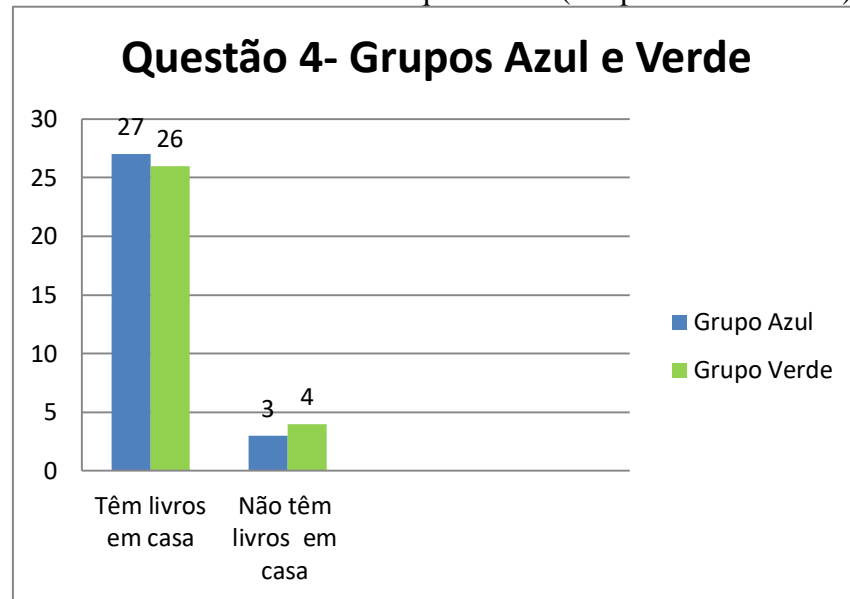
Analisando as respostas, percebemos que os alunos dos dois grupos praticam suas leituras, e que leitura para eles realmente é a decodificação e compreensão de textos escritos. Quanto ao aluno que possui deficiência visual que afirmou não ler por falta de livros em Braile, descobrimos que ele, aos 14 anos, ainda não é alfabetizado em braile, o que torna a leitura de textos escritos impossível sem a mediação de um leitor, mas por outro lado, ele é um excelente leitor, pois caminha por toda a escola sem dificuldades, entende os recados dados pelos professores, faz uma leitura de mundo necessária para seu dia a dia.

Em seguida, interessou-nos identificar a presença de livros nas casas e os gêneros: *Em sua casa há livros? Se sim, que tipos de livros?* (questão 4).

No Grupo Azul 27 (90%) alunos afirmaram ter livros em casa. Sendo estes: romances, livros religiosos, livros didáticos, livros de contos de fada e livros científicos. E 03 (10%) disseram não ter livros. (Gráfico 4).

No Grupo Verde 26 (86,6%) alunos afirmaram ter livros em casa. Sendo variados: livros religiosos, livros infantis, romances, mangás e livros didáticos. E 04 (13,4%) não possuem nenhum tipo de livro em casa. (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Dados referentes à questão 04 (Grupos Azul e Verde) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

Observamos que a maioria dos alunos dos dois grupos possui livros em casa, então o que falta para a maioria destes alunos é a mediação da leitura, que pode ser realizada pela família e pela escola, através de professores conscientes da importância da leitura.

Este estímulo à leitura deve acontecer diariamente, com atividades que propiciem o desenvolvimento de habilidades múltiplas como ler textos de gêneros variados, escrita e reescrita de textos, leituras prazerosas, busca de informações, aguçando cada vez mais a curiosidade do leitor.

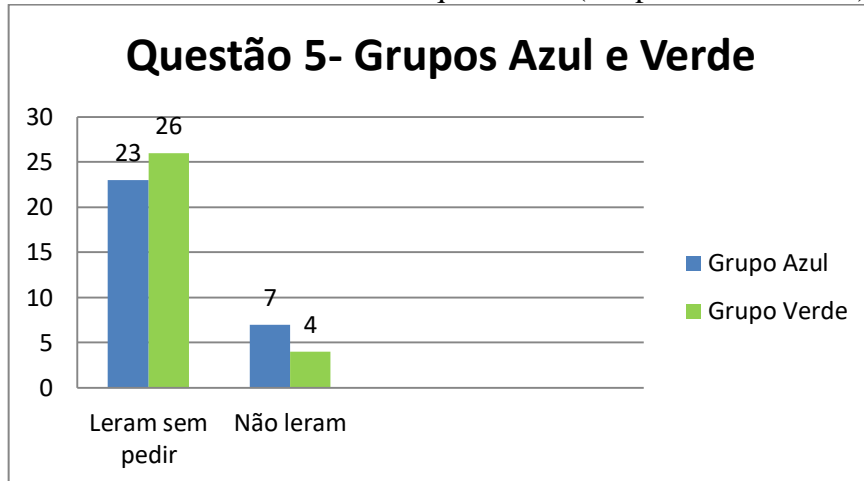
Como quinta questão, propusemos a ação individual de leitura frente a alguma atividade: *Você já leu um livro por vontade própria, ou seja, sem que o professor pedisse para ler? Se sim, qual?* (questão 05).

No Grupo Azul, 23 (76,6%) alunos afirmaram já terem lido sem que o professor pedisse e 07 (23,3%) nunca leram sem que o professor pedisse. (Gráfico 5). Os livros lidos foram: **O pequeno príncipe; Não se apega não; Diário de um banana; P.S ainda amo você; Quatro vidas de um cachorro; Alice no país das maravilhas; Por trás do paraíso; Câmera na mão, guarani no coração; A pequena sereia; O diário de Anne Frank;** gibis e outros.

No Grupo Verde, 26 (86,6%) alunos disseram já terem lido sem que o professor pedisse e 04 (13,4%) não leram sem que o professor pedisse. (Gráfico 5). Os livros lidos foram: **Harry Potter; Diário de um banana; O pequeno príncipe; Diário de um idiota; Mundo de papel; O jogo das palavras; A vizinha antipática que sabia matemática;**

Pegasus; Outros jeitos de usar a boca; De volta à cabana; The kiss of deception; Assassins cruds; Não se apegue não; Jardim do céu; Percy Jackson; a Bíblia e outros romances.

Gráfico 5 - Dados referentes à questão 05 (Grupos Azul e Verde) do Q1

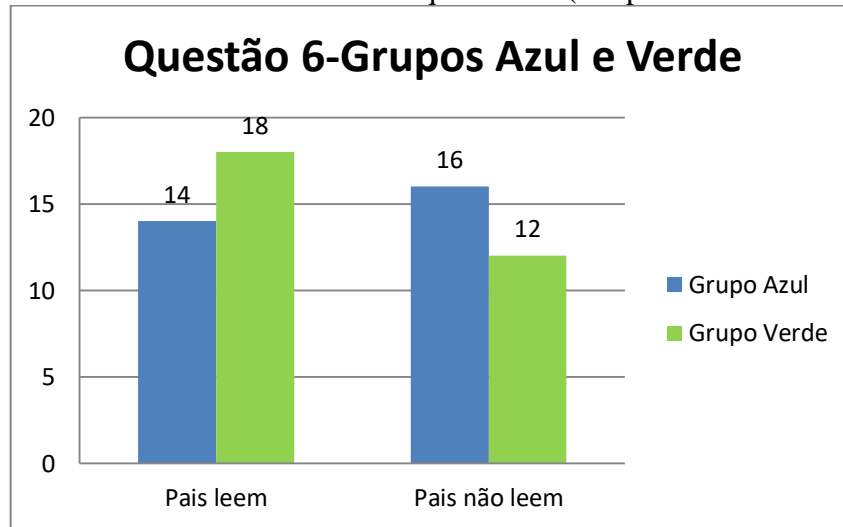


Fonte: Autoria própria (2019)

Ao analisarmos se estes alunos leem sem que o professor peça para ler, o resultado foi bastante satisfatório, pois uma grande porcentagem de alunos lê sem que lhes seja pedido. Percebemos que estes alunos já possuem um perfil de leitura definido, gostam de romances, aventuras. Como vamos trabalhar com contos maravilhosos e de fadas, provavelmente será uma leitura de grande proveito para eles, pois terão a oportunidade de conhecer os contos através de outras perspectivas e poderão também exteriorizar suas opiniões sobre os mesmos, e até mesmo construindo novos sentidos para suas leituras.

Ainda nesse território da leitura, quisemos saber dos hábitos de leitura da família: *Seus pais leem? Se sim, o que leem?* (questão 05).

Dentre os alunos do Grupo Azul, 14 (46,6%) disseram que seus pais leem romances, a Bíblia, e livros de estudos científicos. Mas 16 (44,4%) alunos afirmaram que os pais não leem. (Gráfico 6). Já no Grupo Verde, 18 (60%) alunos afirmaram que os pais leem jornais, história em quadrinhos, a Bíblia, romances, livros técnicos e livros didáticos. E 12 (40%), que os pais não leem. (Gráfico 6).

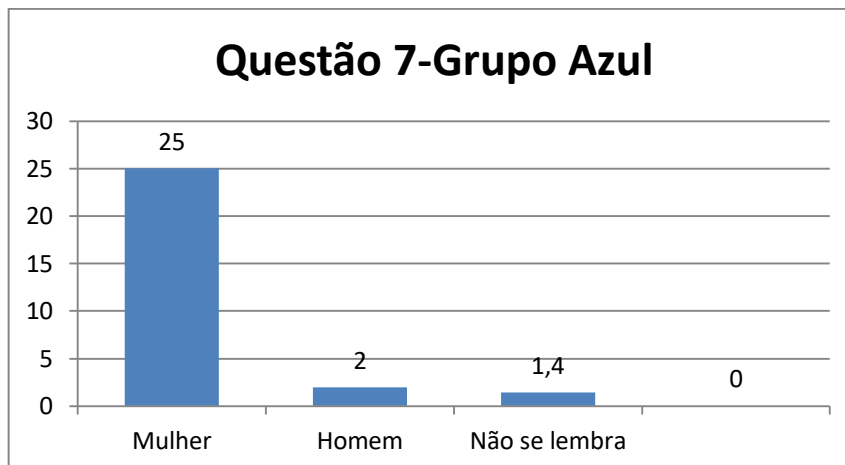
Gráfico 6 - Dados referentes à questão 06 (Grupos Azul e Verde) do Q1

Fonte: Autoria própria (2019)

Nesta questão detectamos que os pais do Grupo Verde leem mais do que os pais do Grupo Azul. É notável que muitos pais praticam leitura no dia a dia, mas ainda existem muitos pais que não possuem o hábito de leitura, verificamos que seria muito interessante se fosse possível realizar durante este trabalho, uma oficina de leitura com os pais.

Na sétima questão quisemos saber sobre a leitura e a relação com o gênero do leitor contador: *Quem leu a primeira história para você foi um homem ou mulher?* (questão 07).

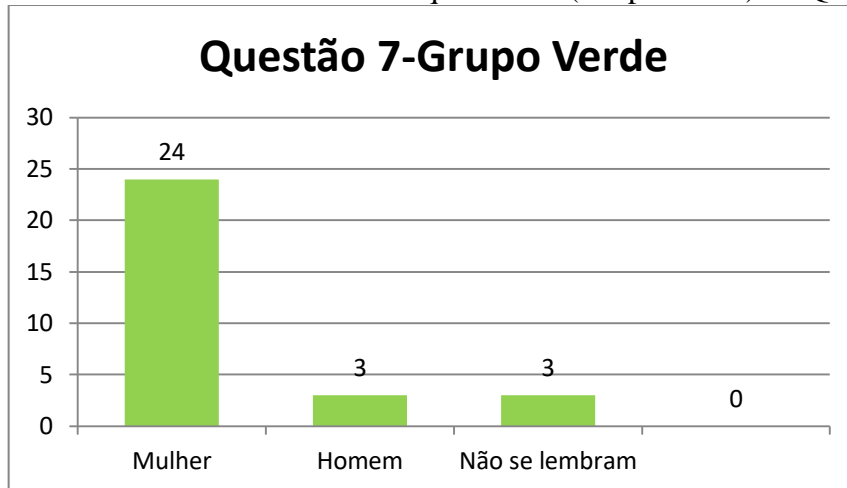
Ao serem questionados, 25 (83,3%) alunos do Grupo Azul responderam que quem leu a primeira vez para eles foi uma mulher, 02 (6,6%) alunos disseram ser homem, o pai e 03 (10%) alunos afirmaram não se lembrar. (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Dados referentes à questão 07 (Grupo Azul) do Q1

Fonte: Autoria própria (2019)

No Grupo Verde, o resultado foi muito parecido, 24 (80%) responderam que foi uma mulher que leu para eles pela primeira vez e 03 (10%) afirmaram ser homem, no caso o pai, e os outros 03 (10%) não se lembram de quem leu para eles a primeira vez. (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Dados referentes à questão 07 (Grupo Verde) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

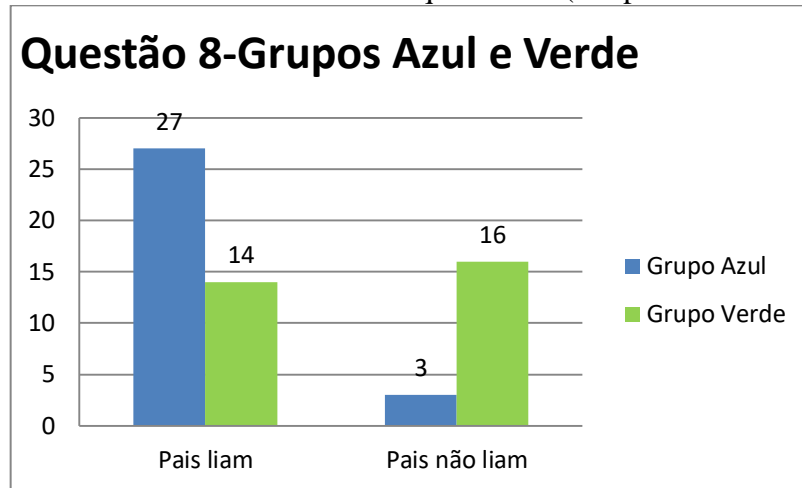
Os resultados da questão 07, sobre quem realizou a primeira leitura para os alunos, deixa clara a evidência de que as mulheres normalmente propiciam o primeiro contato com a leitura aos filhos, seja a mãe, a primeira professora ou até mesmo um familiar, como avó ou tia. A influência feminina na leitura é notória, pois a mãe desde cedo já inicia o processo de contação de histórias para os filhos, e a professora aprimora na escola o processo. Os entrevistados deixaram bem nítida a importância da professora na aquisição do gosto pela leitura, daí a importância de atividades lúdicas envolvendo as crianças com diferenciados tipos de leitura para que o processo de letramento não seja interrompido ao longo dos anos do período escolar. O trabalho da escola em conjunto com as famílias se mostra primordial para que o letramento literário aconteça. Nosso projeto de intervenção apresenta uma sugestão de atividade de leitura que demanda a participação dos pais com o intuito de trazê-los para conscientização sobre a importância da leitura, não só ao longo da vida escolar, mas sim como forma de crescimento humano de seus filhos.

A questão 08 tinha interesse em saber como havia sido o processo de letramento na família: *Quando criança, seus pais contavam histórias para você? Quais histórias?*

No Grupo Azul 27 (90%) alunos afirmaram que os pais liam para eles e 03 (10%) que os pais não liam histórias. (Gráfico 9). Já no Grupo Verde 14 (46,6%) alunos disseram que os pais liam para eles e 16 (53,3%) não liam. (Gráfico 9). Em ambos os grupos os pais liam

contos de fada como: “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos”, “João e o pé de feijão”, “Branca de neve”, “Cinderela”, histórias bíblicas e causos.

Gráfico 9 - Dados referentes à questão 08 (Grupos Azul e Verde) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

Verificamos com a questão 08 que os pais da maioria dos alunos do Grupo Azul liam histórias para seus filhos, e por outro lado, grande parte dos pais dos alunos do Grupo Verde não liam para os filhos. Percebemos então, que a ausência desta prática pode ter contribuído para que seus filhos enfrentassem as atividades de leitura com um pouco mais de dificuldade, expressando esta ausência em alguma dificuldade nos conteúdos escolares. E normalmente quando os pais liam, eram contos da Literatura Infantil, como “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos”, “João e o pé de feijão”, “Branca de neve”, “Cinderela”, o que pode ter ajudado para que esses alunos adquirissem o hábito de leitura durante toda a sua vida, pois sabemos que os contos encantam muito leitores de todas as idades.

Outro problema é que as crianças devem ser sempre estimuladas para leitura, mas o que é percebido é que, no decorrer do tempo, aos poucos, o estímulo à leitura é deixado de lado. A criança, durante o Ensino Fundamental I, gosta muito de ler, pois as atividades de leitura são bastante lúdicas, prazerosas; já no Ensino Fundamental II, percebe-se que cai muito o ritmo de leitura, isso pode acontecer devido à falta de mediação dos professores que ficam muito preocupados com resultados de aprendizagem e se esquecem de trabalhar a leitura com seus alunos.

A questão 09 tem como objetivo que as crianças apontem as memórias das sensações ocorridas durante a audição de histórias infantis: *Como você se sentia ao ouvir essas histórias?*

No Grupo Azul, 12 (40%) alunos disseram ficar felizes, 09 (30%) afirmaram ficar interessados e querendo conhecer aquele mundo (entrar na história), 05 (16,6%) não se lembraram do que sentiam e 04 (13,3%) disseram ficar mais tranquilos, relaxados. (Gráfico 10).

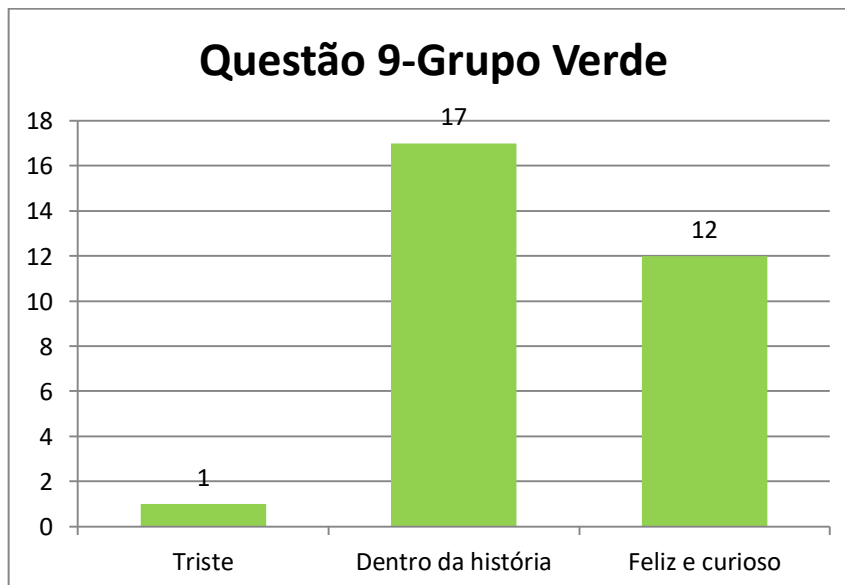
Gráfico 10 - Dados referentes à questão 09 (Grupo Azul) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

No Grupo Verde, 17 (56,6%) alunos afirmaram que se sentiam dentro da história, como heróis, 12 (40%) se sentiam felizes e querendo saber mais (curiosos) e 01 (3,3%) disse que às vezes se sentia triste. (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Dados referentes à questão 09 (Grupo Verde) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019).

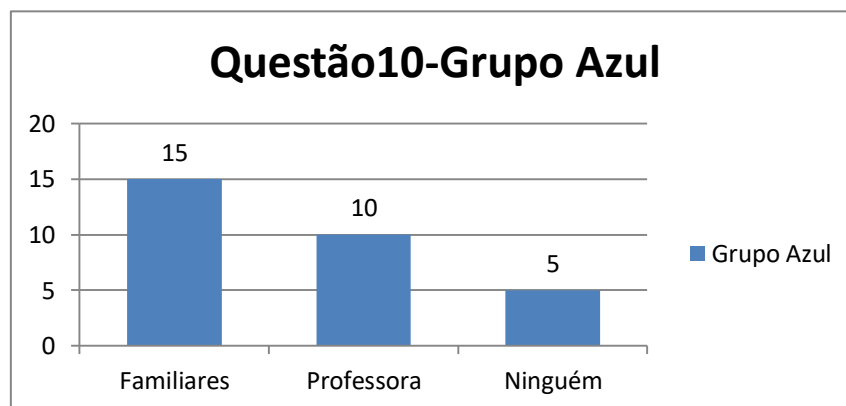
O que esta pesquisa revela de mais importante com esta pergunta é que a leitura é rememorada como algo positivo para a maioria dos ouvintes, pois eles se sentiam dentro da história, sentiam-se felizes, a curiosidade e o interesse eram despertados neles; isso deixa clara a importância da contação de história para crianças, essencial para enriquecer o seu imaginário.

Através destes dados podemos confirmar o quanto a leitura é importante em nossa vida, pois além de produzir conhecimentos diversos, distrair, ainda estimula a imaginação, faz com que o leitor/ouvinte experiencie algo diferente da sua realidade e traz sentimentos variados como: prazer, alegria, tranquilidade.

Na questão 10 fizemos uma investigação para saber quem lia obras literárias para os alunos, com a seguinte indagação: *Quem já fez leitura literária para você?*

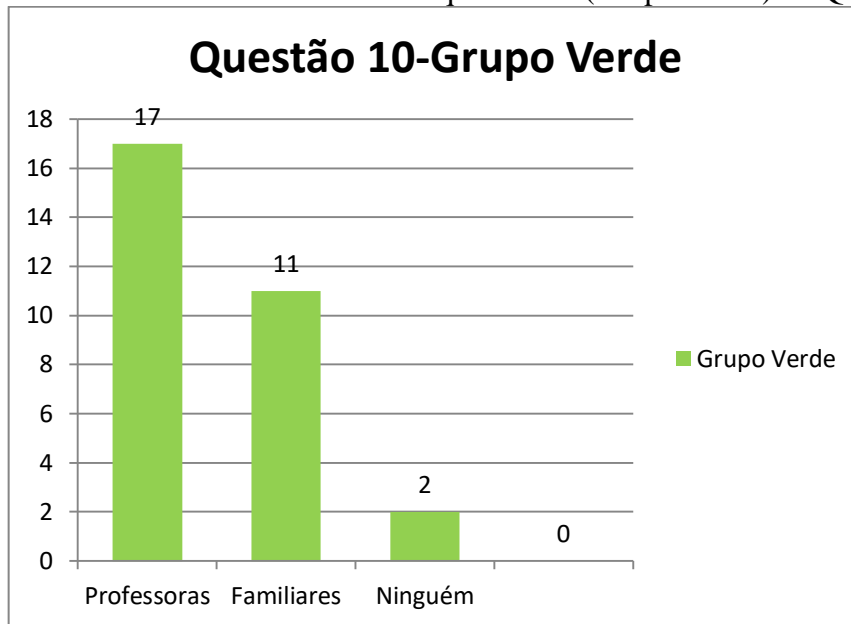
Ao responder esta questão 15 (50%) alunos do Grupo Azul disseram que familiares (mães, avós, pais) fizeram leitura literária para eles, 10 (33,3%) disseram a professora e 05 (16,6%) responderam que ninguém fez leitura literária para eles. (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Dados referentes à questão 10 (Grupo Azul) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

Já no Grupo Verde, 17 (56,6%) afirmaram que professoras fizeram leitura literária para eles, 11 (36,6%) disseram que os familiares fizeram e 02 (6,6%) que ninguém fez. (Gráfico 13).

Gráfico 13 - Dados referentes à questão 10 (Grupo Verde) do Q1

Fonte: Autoria própria (2019)

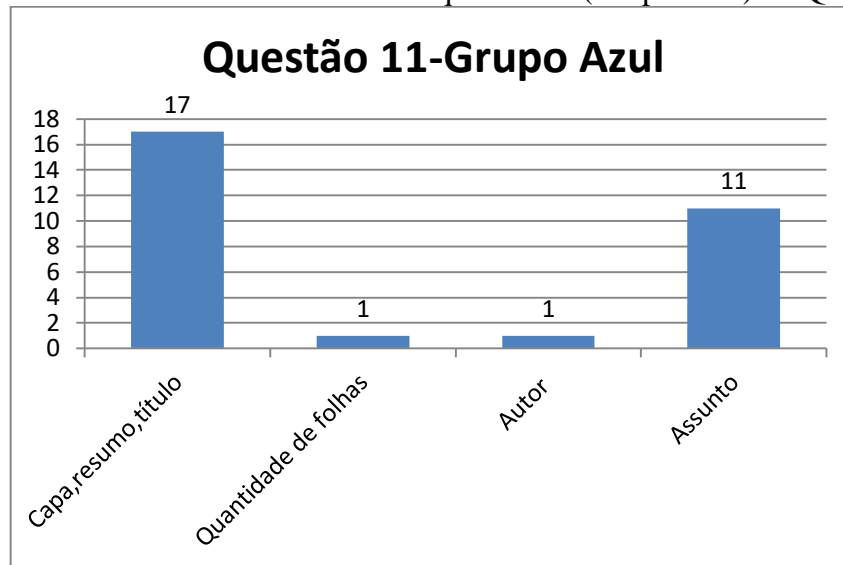
Com a análise desta questão, percebemos que a leitura literária normalmente é feita pelos familiares mais próximos ou pelas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Por outro lado, vivenciamos a triste realidade de algumas crianças que ninguém faz leituras para elas, isso dificulta muito a aquisição do hábito de leitura. Sendo assim, é de extrema importância o trabalho realizado pela professora de Português na escola, pois cabe a ela estimular o aluno a desenvolver estratégias para que possa compreender melhor textos, apreciar cada experiência vivenciada durante a leitura e refletir sobre assuntos diferenciados. Sobre este assunto Ana Maria Machado confirma:

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres de língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão. (MACHADO, 2002, p. 13).

O estímulo ao contato com grande número de obras desde criança trará maior probabilidade de termos um leitor experiente, assíduo, com estilo próprio de leitura.

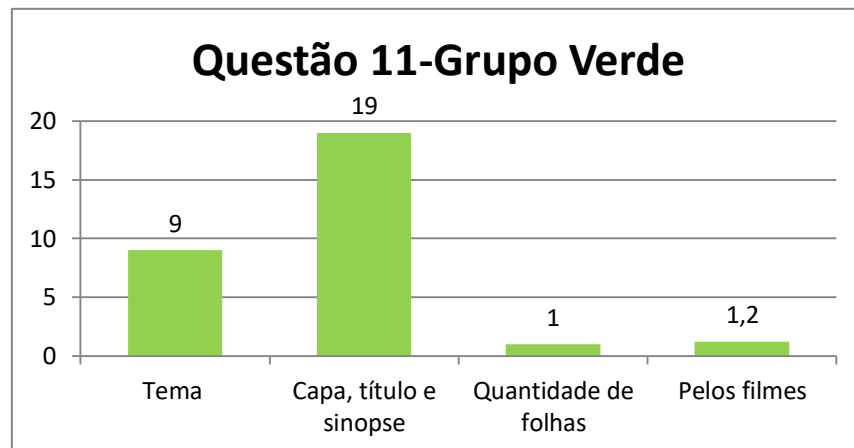
A questão 11 visa um maior entendimento quanto à escolha de livros realizada por nossos alunos: *Como você escolhe um livro para ler?*

Foi detectado que no Grupo Azul 17 (56,6%) alunos afirmaram escolher um livro pela capa, resumo e título, já 11 (36,6%) pelo assunto, 01 (3,3%) pelo autor e 01 (3,3%) pela quantidade de folhas. (Gráfico 14).

Gráfico 14 - Dados referentes à questão 11 (Grupo Azul) do Q1

Fonte: Autoria própria (2019)

E no Grupo Verde, 19 (63,3%) alunos disseram escolher um livro pela capa, título e sinopse, 09 (30%) pelo tema, 01 (3,3%) pela quantidade de folhas e 01 (3,3%) pelos filmes. (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Dados referentes à questão 11 (Grupo Verde) do Q1

Fonte: Autoria própria (2019)

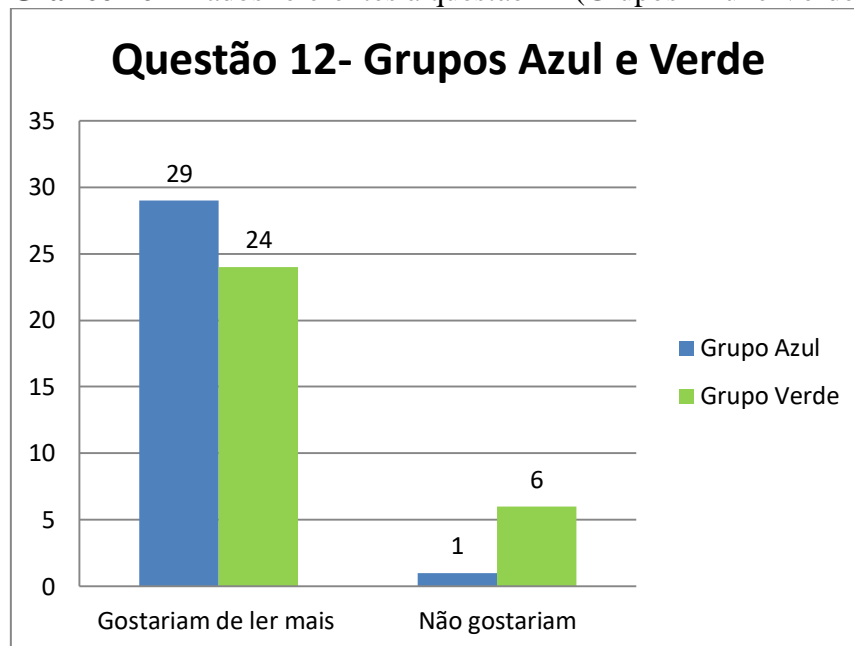
Esta questão mostra como é feita a escolha de um livro pelos alunos, a maioria deles primeiramente faz a leitura sensorial, ou seja, analisa os aspectos externos de um livro, para depois partirem para outro nível de leitura. Logo percebemos que, ao escolher um livro, o aluno já faz uma leitura de imagens, autor, referência a um determinado assunto, sendo assim é muito importante fazer com frequência leituras variadas com nossos alunos.

A questão 12 procura detectar o nível de interesse de leitura dos alunos e quais obstáculos existem impedindo a realização da leitura: *Você gostaria de ler mais do que lê? O que impede esta leitura?*

No Grupo Azul, 29 (96,6%) alunos disseram que gostariam de ler mais, o que os impede é preguiça, falta de tempo e de vontade, e alguns afirmaram não ter dinheiro para comprar livros. E apenas 01 (3,3%) aluno que disse não querer ler mais, pois não consegue ler. (Gráfico 16).

No Grupo Verde, 24 (80%) alunos disseram que gostariam de ler mais, e também o que os impede é preguiça, falta de tempo e interesse, falta de dinheiro para comprar livros, já 06 (20%) alunos disseram que não gostariam de ler mais, que nada impede sua leitura, mas preferem jogar *videogame*. (Gráfico 16).

Gráfico 16 - Dados referentes à questão 12 (Grupos Azul e Verde) do Q1



Fonte: Autoria própria (2019)

Verificamos com a questão 12 do nosso questionário que a maioria dos nossos alunos gostaria de ler mais, mas o que impede esta leitura são fatores como a preguiça, falta de interesse, correria do dia a dia, preço inacessível dos livros e também a preferência de alguns por outros divertimentos, como jogar *videogame*. Apesar de serem atividades normais para a faixa etária abordada, acreditamos que algo possa ser feito para estimular os alunos a experienciarem leituras bastante produtivas. Com este projeto de intervenção, esperamos contribuir um pouco para que estes alunos enriqueçam seu nível de letramento literário, pois

acreditamos que a interação durante a leitura promoverá algumas reflexões importantes que ajudarão no crescimento destes leitores.

A partir da análise das respostas do questionário realizado com os alunos, verificamos que estes alunos possuem hábito de leitura, a maioria dos pais leem algo, possuem livros em casa, foram estimulados durante a sua infância e que a maioria foi estimulada à primeira leitura por uma figura feminina. Percebemos também que estes dois grupos possuem um gosto bem parecido para leituras, embora muitos dissessem que tem preguiça de ler ou até que preferem outras atividades à leitura. Nosso desafio, portanto, inicia-se com a reflexão de textos que poderiam dar-nos suporte para um trabalho com esse grupo específico que aqui apresentamos.

2.3 LITERATURA INFANTIL E LETRAMENTO LITERÁRIO

Literatura infantil é um termo atribuído às obras destinadas ao público de faixa etária de dois a onze anos de idade, lembrando que são obras feitas por adultos que tentam aproximar-se à realidade linguística de crianças, adequando o conteúdo à sua experiência de vida.

A literatura infantil pode deixar marcas fortíssimas no leitor, pois é ali que a criança reconhecerá as primeiras revelações, terá suas primeiras escolhas. Ao abrir um livro, uma criança quer desvendar seu mistério, encantamento, acaba assim desenvolvendo sua linguagem e até mesmo sua capacidade de comunicação com o mundo. Martins declara:

Esses primeiros contatos propiciam à criança a descoberta do livro como um objeto especial, diferente dos outros brinquedos, mas também fonte de prazer. Motivam-na para a concretização maior do ato de ler o texto escrito, a partir do processo de alfabetização, gerando a promessa de autonomia para saciar a curiosidade pelo desconhecido e para renovar emoções vividas. (MARTINS, 1990, p. 43).

O contato com o livro desde criança é bastante benéfico, pois estimula a imaginação, propicia prazer e também renova as emoções vividas pela criança, além de desenvolver autonomia leitora, tornando-a mais seletiva, crítica e aguçando as inúmeras possibilidades de interpretação de um texto literário.

A primeira leitura feita pela criança normalmente é a leitura sensorial, pois ela analisa a capa, as ilustrações, as cores, o tamanho das letras, a espessura do livro etc. Depois, de acordo com o seu amadurecimento, ela desenvolve os outros níveis de leitura e esta leitura poderá despertar curiosidades, fantasias, sentimentos múltiplos, gerando prazer. Ao libertar

emoções na criança, ela normalmente pode se colocar no lugar do personagem, passando a ter sua visão de mundo.

A formação do leitor literário pressupõe que ele passe por um processo ao qual se deu o nome de letramento literário. O termo letramento surgiu como um redimensionamento do conceito de alfabetização. Com novas exigências relacionadas ao mundo da leitura e da escrita na Educação, somente o conhecimento do sistema alfabético em que o aluno, juntando as vogais e as sílabas, teria capacidade de decodificar e escrever minimamente palavras em uma folha de papel passou a não ser mais suficiente. Ângela B. Kleiman (2005) explica que:

A tecnologia que dá suporte aos usos da língua escrita tem mudado enormemente, e essa mudança também se faz sentir na escola: onde antes se esperava que a criança usasse lápis e papel de forma legível, hoje se espera que ela escreva coisas com sentido no caderno, no computador, e também e que use a internet. Há cem anos, para ser alfabetizado era suficiente ter domínio do código alfabético, mas hoje se espera que, além de dominar esse código, o aluno consiga se comunicar, por meio da escrita, numa variada gama de situações. (KLEIMAN, 2005, p. 21).

Atualmente o letramento acontece de forma diferenciada, e também mais acelerada com auxílio da tecnologia, a criança aprende a se comunicar de diferentes maneiras, em diversos contextos, não ficando somente presa ao lápis e papel.

Nessa perspectiva, diferencia-se alfabetização de letramento, pois se acredita que designem ações, de certa forma, diferentes em que uma não exclui a outra. O termo letramento surgiu em meados da década de 1980 para designar um conjunto de práticas sociais. Zapponne (2008) esclarece que por se tratarem de práticas sociais, o letramento não ocorre somente no ambiente escolar, mas em diversos contextos em que, de algum modo, envolvam a escrita. Sabemos que na atualidade fica a cargo da escola promover a inclusão de crianças e adolescentes no mundo letrado. Segundo Soares (2009), uma vez que o indivíduo se vê inserido no mundo da leitura e da escrita, ele não é mais o mesmo.

O Letramento literário, por sua vez, envolve práticas sociais de uso do texto literário. Segundo Cosson (2014, p. 16) em verbete do Glossário Ceale, o “letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. De acordo com Rangel (2005, p. 137-138), este Letramento é uma ferramenta para a formação do leitor “para quem o texto é objeto de intenso desejo”. Sendo assim, a criança que experimenta o universo literário através de práticas de letramento literário tem maiores chances de se tornar uma leitora de qualquer tipo de texto, sobretudo o literário. Em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2014) explica que:

A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo

(re)construído pela força da palavra, que é literatura, revela-se como prática fundamental para a constituição do sujeito da escrita. (...) é no exercício da leitura e da escrita de textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2014, p. 16).

Em vista disso, é necessário e fundamental que a criança tenha contato com a ficção desde sua entrada na escola, pois isto é imprescindível para que o processo de letramento literário se inicie desde os primeiros anos de vida, o que proporcionará maior familiaridade com os textos literários e seus múltiplos sentidos.

A Literatura infantil é considerada por muitos críticos como uma literatura “menor”, devido ao seu caráter moralizante e sua didatização em escolas, diminuindo seu valor estético, deixando de dar voz à criança. Essa problemática nos leva a pensar sobre a natureza do literário, em que o mais importante seria a qualidade estética das obras, lembrando que é uma criação artística para crianças, e não das crianças. Mesmo assim ela é essencial para a formação dos pequenos leitores e não deve ser afastada da sala de aula, pois amplia o horizonte cognitivo das crianças, desenvolve o imaginário, promove reflexão diante da realidade ficcional. Cabe ao adulto permitir que a criança experimente o prazer da leitura, levante hipóteses, descubra novos mundos, e até questione tudo o que está ao seu redor.

Os primeiros livros escritos para a “infância” continham contos de fadas, adaptações de obras destinadas a adultos, como **Robinson Crusoé** e **Viagens de Gulliver** ou ainda narrativas moralizantes, como as de Madame Leprince Beaumont (mais conhecida: “**A Bela e a Fera**”). Eles foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. No Brasil, foi um europeu que norteou o início da literatura infantil: Carl Jansen foi educador e mestre do Colégio Pedro II. Traduziu e adaptou os clássicos para a Juventude, como **As mil e uma noites**, **Dom Quixote**, **As viagens de Gulliver**, **Robinson Crusoé**, **As aventuras do Barão de Münchhausen**, entre outros. Antes disso não existia esta fase nomeada “infância”, logo não se escrevia para crianças, estas ouviam as histórias que os adultos contavam entre eles, não havia separação do público infantil.

As crianças apenas ouviam relatos, histórias que eram contadas entre os adultos. A mudança se deu simultaneamente às mudanças econômicas, industriais da época. Pois com a industrialização, a família burguesa centrou-se mais em sua privacidade e estimulou o afeto entre seus membros, a mãe passou a cuidar dos afazeres domésticos, inclusive da educação dos filhos. Essas mudanças desenvolvem historicamente uma designação e maior valorização da infância.

Os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores, com intuito essencialmente educativo. Com o tempo, a forma de escrita destes livros foi mudando, mas até hoje a literatura infantil tem resquícios de objetivos didáticos. Mesmo sabendo que a sala de aula pode ser um espaço privilegiado para desenvolvimento do gosto pela leitura, ainda predominam normas e valores da classe adulta e dominante letrada, deixando de lado muitas vezes o direito de expressão dos menores, transmitindo a visão adulta, manipulando a criança. A obra literária, nestes casos, é produzida, analisada, incentivada e até seu acesso, é dado por adultos. Em nenhum momento é levada em conta a criança, ocorrendo muitas vezes uma intenção moralizante, não deixando espaço para a criança imaginar ou refletir sobre sua condição pessoal. Assim vários fatores estruturais podem colaborar para que o adulto intervenha na realidade imaginária, usando-a para incutir sua ideologia. Zilberman deixa claro que:

A obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja pela atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja pela veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma linguística ainda não atingida por seu leitor, devido à falta de experiência mais complexa na manipulação com a linguagem. (ZILBERMAN, 2003, p. 23).

Zilberman aponta a fragilidade que a obra literária infantil pode ter, pois é criada, indicada, vinculada por adultos e muitas vezes corre o risco da linguagem usada não atingir o universo infantil. O problema pode se agravar quando o livro é introduzido na escola como forma de doutrinação, ou seja, querendo que o leitor assuma uma imagem que a sociedade quer que ele possua. Logo enquanto instituição, a escola pode provar sua utilidade apenas quando se tornar o espaço para a criança refletir.

Quanto ao livro didático de Língua Portuguesa, vale a pena lembrar que é um instrumento de apoio em sala de aula, na maioria das vezes, traz apenas trechos de textos literários. No ensino público, sabe-se que é quase impossível o aluno ter acesso à obra literária completa ou até mesmo a cópia da mesma, ficando relegada a leitura aos fragmentos do livro didático.

Ao pensar nesta relação, surge um amontoado de dúvidas em nossa cabeça: Será possível realizar a leitura literária a partir do livro didático de Língua Portuguesa? Qual a melhor maneira de trabalhar com o livro didático sem deixar de lado a leitura literária? Será o livro didático um recurso desprezível no letramento literário? Como podemos ter um livro didático melhor para ajudar no letramento literário em sala de aula?

Atualmente na escola é exigido que se trabalhe uma grande diversidade de gêneros e tipos textuais, o que muitas vezes acarreta o abandono do texto literário. Mas a escola não pode deixar de lado a história e as características dos cânones, precisa desenvolver estratégias adequadas de abordagem e processamento do texto literário. Com o livro didático acontece a mesma coisa, traz uma grande quantidade de textos, mas muitas vezes os textos são trabalhados apenas pelo interesse didático, não se leva em conta o seu significado literário e nem seus autores. O letramento é dificultado ao leitor brasileiro afirma Rangel (2007, p. 132): “Lê-se pouco, em poucas ocasiões e situações, com objetivos mal definidos e com a compreensão muitas vezes prejudicada, ao menos no sentido de não legitimada socialmente. E talvez, o mais importante: sem sentido, sem proveito pessoal.” Percebe-se o quanto pode ser prejudicial “ler por ler”; uma leitura tem que ter sentido, gerar interesse em que lê, fazer com que o leitor experiencie a leitura.

O professor como mediador entre o texto e o leitor deve ter em mente que cada texto dialoga com muitos outros, e assim seus sentidos se constroem plenamente, ou seja, ao trabalhar um texto literário em sala de aula, o aluno leitor será levado a associar sua leitura a outras feitas anteriormente e também pode ampliar seu repertório de leituras a partir daquele texto lido. Assim, cabe ao professor o cuidado com a boa escolha do livro didático e também com a adequação das atividades de estudo do texto em sala de aula, nunca deixando de fazer uma contextualização da obra trabalhada, sempre planejando o melhor uso do livro didático, evitando que o aluno esteja confinado ao conhecimento que o livro didático possa oferecer e desenvolva de maneira insatisfatória sua habilidade de leitura.

Para realizar uma ação significativa e transformadora, o professor deve lembrar que as atividades de leitura devem ter continuidade para além da sala de aula, ou seja, que continuem, que sejam partilhadas com outros leitores, pois um texto é algo inacabado e que precisa da ação do leitor para fomentar ideias. É muito importante que o professor almeje promover o letramento literário de seus alunos, pois é necessário compreender que o letramento é contínuo, não se esgota. Soares afirma:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2009, p. 39-40).

O Letramento literário acontece ao longo de nossa vida, pois usamos socialmente a leitura e a escrita para diversas atividades cotidianas, como por exemplo: quando estamos no

trânsito, interpretamos placas, ao preenchermos uma inscrição para um concurso de poesia, entre tantas outras situações que vivenciamos.

3 IMAGINÁRIO E PRÁTICA: A INTERVENÇÃO

3.1 CONTOS DE FADAS, CONTOS MARAVILHOSOS E O IMAGINÁRIO

Quando falamos em conto, lembramos que a humanidade sempre teve necessidade de se comunicar, seja para se informar, entreter-se, ou simplesmente por uma questão de preencher o ócio da vida. Mesmo antes do surgimento da escrita, havia quem contasse algo e outro que ouvia o que era contado, não sendo muito diferente nos tempos atuais, que apesar de lermos estórias escritas, ainda apreciamos muito uma narrativa oral. Nádía Gotlib afirma:

Aliás, sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e... contam casos. (GOTLIB, 2006, p. 5).

Contar estórias faz parte da vida das pessoas e isso não mudou muito com a passagem do tempo. O que faz um conto trazer encantamento aos seus leitores é sua especificidade, pois é um gênero em que a realidade e a ficção se misturam para promover sensações e interpretações múltiplas, provocando no leitor um certo impacto. Cortázar nos apresenta uma definição bastante interessante sobre o que é o conto:

[...]se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fuga- cidade numa permanência, Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes. (CORTÁZAR, 1974, p. 147-66).

Conforme Cortázar, o conto é o resultado da batalha entre a vida e a expressão escrita dela, fazendo com que existam poucos contos grandes, com algo mágico, profundo que mexa com o homem. Para ser considerado um conto literário, é necessário que o conto consiga deixar marcas em seu leitor ou ouvinte, algo que o prenda à estória. Cortázar define estas marcas como “alquimia secreta”, e ele nos explica o que é este diferencial ou o “excepcional” em uma obra de arte:

O excepcional reside numa qualidade parecida à do imã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe fluuavam virtualmente na memória e na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência. (CORTÁZAR, 1974, p. 154).

O conto que atrai o leitor tem bom tema, faz com que ele viva emoções, experiencie momentos que só são possíveis na leitura de uma obra que possua a “alquimia secreta”.

Como já foi dito anteriormente, o conto surgiu primeiramente na tradição oral para depois aparecerem as versões escritas. Em 1634, foi feita uma compilação destas histórias contadas entre os povos antigos na obra **O conto dos contos** de Basile (2018), escritor italiano precursor dos livros de contos de fadas, que eram histórias contadas oralmente para o entretenimento dos adultos, recolhidas por ele na região de Nápoles, na Itália. Como foi escrito em um dialeto pouco falado, a obra não alcançou muitas regiões naquela época, entretanto mais tarde os Irmãos Grimm a usaram como fonte para seus contos.

O conto de fadas é um gênero de ficção literária que remonta às origens da literatura infantil, pois foi de seu aproveitamento por Charles Perrault e pelos Irmãos Grimm que ela viveu seu primeiro surto eficaz. Muitas obras literárias atuais trazem ainda um pouquinho destes contos, pois autores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen adaptaram estas histórias, criando novas versões. Temos também atualmente versões como as de Walt Disney que adaptou estes contos para as crianças do século XX, trazendo consigo uma “romantização” destes, com histórias que possuem finais felizes e bem menos violentos que aquelas.

Os contos possuem uma magia sobre os leitores, independentemente da idade, o encantamento permanece ao longo de gerações. Os personagens de contos de fadas mexem muito com a imaginação das crianças, despertam sensações incríveis. Qual criança nunca sonhou em ser um príncipe ou uma princesa, ou mesmo, ter um sonho realizado em um único passe de magia? Quem não gostaria de ter uma fada madrinha? Sendo assim, os contos de fadas recontados por Walt Disney trazem uma versão que se tornou referência para muitas crianças.

O conto de fadas traz para o leitor um mundo misterioso, em que os objetos têm vida, as fadas realizam desejos, animais falam, homens são transformados em animais ou vice-versa. Esse material vem conquistando, a cada dia, um maior espaço entre os leitores literários. Coelho (2012, p.23) nos alerta que “...os contos de fadas, as lendas, os mitos, entre outros, também deixaram de ser vistos como ‘entretenimento infantil’ e vêm sendo redescobertos como autênticas fontes do conhecimento do homem e de seu lugar no mundo.”

Ao mesmo tempo em que tentavam mostrar a vida dura dos camponeses, os contos de fadas também mostravam a vida cheia de luxos de príncipes e princesas, reis e rainhas. Nas diferentes versões de “Bela Adormecida”, por exemplo, o príncipe (nas versões mais antigas)

é um homem casado que viola a princesa e tem com ela filhos; já nas versões modernas isso não acontece, pois o príncipe é solteiro e também procura por uma princesa para constituir uma família. Aqui vemos uma clara distinção histórica entre períodos em que a mulher era compreendida como economicamente submissa e sujeita a uma violência doméstica autorizada socialmente e as mulheres de hoje que ocupam espaços economicamente ativos e que se recusam a aceitar com naturalidade qualquer tipo de violência contra si.

Os contos de fadas provêm do universo maravilhoso, que está presente em nossa sociedade desde os povos antigos e ao longo do tempo foi sofrendo alterações. Estas alterações podem ser vistas do ponto de vista histórico, social e cultural, pois a época vivenciada acaba influenciando de alguma forma a estrutura do conto, já que ele é produzido para o leitor de seu tempo.

Segundo Propp (2002, p.6), “o verdadeiro conto maravilhoso, com seus cavalos alados, suas serpentes de fogo, seus czares e czarinas fantásticas, evidentemente não é condicionado pelo capitalismo. É bem mais antigo que este.”. Com isso compreendemos que a natureza dos contos maravilhosos se destaca como fonte muito remota e provavelmente de origem oral, mas sempre com muita imaginação.

A origem dos contos maravilhosos está ligada aos mitos e ritos. Mitos são histórias contadas para explicar algo sobrenatural ou pouco conhecido e foram modificando-se ao longo das gerações, pois o ditado deixa bem claro “quem conta um conto aumenta um ponto”. Um dado interessante analisado na obra de Propp (2002) revela que muitos fatos narrados em contos maravilhosos remetem à iniciação, ao rito que define a chegada da puberdade, daí a necessidade de deixar a princesa fechada em algum lugar, sem contato com a sociedade, pois a partir daquele momento a jovem passa a ser vista como uma mulher fértil, que deve ser protegida para o casamento ou a vida devota.

Classificar os contos, não é algo simples. Propp declara:

Se já encontramos dificuldades quando se trata da divisão por categorias, com a divisão por enredos encontramos-nos no caos completo; e isso sem mencionar o fato de que uma noção tão complexa e vaga como a de enredo ou não é contestada em absoluto, ou então é contestada, na obra de cada autor, à sua maneira. Antecipando-nos um pouco, podemos dizer que a divisão dos contos de magia segundo o enredo é, em essência, absolutamente impossível. Ela também deve ser revista da mesma forma que a divisão por categorias. (PROPP, 2010, p. 09).

Segundo Propp, a classificação dos contos é algo muito difícil, sendo muitas vezes até impossível. Então ele fez um estudo com 100 contos para definir a estrutura de um conto maravilhoso. Em sua análise, Propp (2010, p.09) descobriu que “os contos maravilhosos possuem uma particularidade: as partes constituintes de um conto podem ser transportadas

para outro sem nenhuma alteração”. Ao desenvolver um enredo, se usasse os mesmos personagens, mesmo não modificando as funções destes, entendendo função como o procedimento de um personagem para o desenrolar da ação, o enredo seria diferente, pois o que ocasiona esta diferença é o meio em que o personagem realiza a função. Isto vem explicar a grande quantidade de enredos de contos maravilhosos que conhecemos.

Propp descobriu que as funções dos personagens são elementos constantes e repetitivos dos contos de magia, dentre as quais destacou 31 funções: afastamento, proibição e transgressão da proibição, interrogatório e informação sobre o herói, embuste e cumplicidade, dano (ou carência), mediação, início da reação, partida, primeira função do doador e reação do herói, recepção do objeto mágico, deslocamento no espaço, combate, marca do herói, vitória, reparação do dano ou carência, regresso do herói, perseguição e socorro, chegada incógnita, falsas pretensões, tarefa difícil e tarefa cumprida, reconhecimento e desmascaramento, transfiguração, castigo, casamento.

Por este motivo, os contos maravilhosos possuem algumas características semelhantes em sua estrutura, como: o começo do conto, o herói será submetido às tarefas, a princesa vive afastada da sociedade, o herói procura sua noiva longe, e não em sua terra, normalmente acontece a morte do pai, a desobediência que leva à desgraça etc. Para Propp (2002, p.5), “o estudo da estrutura dos contos maravilhosos mostra o estreito parentesco que existe entre eles. Esse parentesco é tão estreito que não se pode delimitar com precisão um assunto do outro.” Isto explica o duplo aspecto do conto maravilhoso: de um lado, sua extraordinária diversidade, seu caráter variegado; de outro, sua uniformidade, não menos extraordinária, e sua repetitividade.

O narrador é livre e aplica sua criatividade ao desenvolver um novo enredo, mas para Propp (2010, p.111), “os novos contos não passam de combinações ou transformações de contos antigos. Um novo enredo nunca surge do nada, ele sempre será transformado em outro pela variação de seus elementos”.

A ideia de repetição, de retomada das funções primordiais dos contos, deve ser pensada também ao lado das reinterpretações, que refletem mudanças ocorridas na sociedade. Sendo assim, Propp afirma:

Uma vez criado, o núcleo inicial incorpora da realidade nova, mais tardia, certas particularidades ou obstáculos novos. Por outro lado, novas condições de vida criam novos gêneros (o conto novelístico), que já medram em outro terreno diferente do da composição e do enredo do conto maravilhoso. Em outras palavras, a evolução do assunto ocorre tanto por superposição de camadas, por substituições, reinterpretações, etc., como por novas formações. (PROPP, 2002, p. 439).

Os contos maravilhosos são, portanto, uma espécie de gênese de histórias que serão continuamente retomadas, reescritas e relidas por seus respectivos autores e leitores em seus próprios tempos. As várias adaptações que existem de contos maravilhosos clássicos são necessárias, pois a recepção de uma obra está intimamente ligada à época e ao leitor. Cada obra tem suas características próprias, mas o leitor evolui buscando sempre algo próximo a sua realidade. Assim, elementos novos são introduzidos nas narrativas contemporâneas. Coelho (2012, p.27), em sua obra *O conto de fadas*, alega que “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”. Ela deixa claro o encantamento que os contos transmitem aos seus leitores e ouvintes nas renovadas adaptações e leituras.

Ao falarmos de contos maravilhosos e contos de fadas, não podemos esquecer que os contos mexem muito com a nossa fantasia, imaginação. A noção de imaginário está ligada à representação dos objetos ou coisas às quais nos referimos, seja por meio de símbolos ou imagens, ou até mesmo expressões. Sabemos que o imaginário se distingue do real, do verdadeiro, fornecendo-nos outra forma de conhecer o mundo que talvez a realidade não teria. Essa perspectiva, de acordo com a nossa leitura, assume uma aparência de realidade de maneira que entra e age no mundo real. O imaginário não se mostra de forma direta, mas apenas de forma simbólica, tanto na Literatura quanto em nossas experiências diárias. No que se refere aos heróis, esse paradigma está ligado diretamente ao comportamento e à psicologia dos indivíduos na sociedade – o herói é a personificação dos ideais de uma sociedade. Um bom exemplo são as fadas, mulheres com poderes sobrenaturais, normalmente bonitas, que mexem com a fantasia de todos, pois são seres fantásticos, imaginários que resolvem problemas que nós humanos não conseguimos, aguçando nossa imaginação. A fada é um personagem que faz o papel de um mediador mágico, que torna possível a realização de sonhos, desejos e ideias dos personagens em situação de apuros ou desilusão. Então, podemos concluir que o imaginário, nestes casos, esteja ligado à exaltação da fantasia, do sonho, do inverossímil. O fascínio por este tipo de narrativa é tão grande que Coelho afirma:

O leitor ou ouvinte sente-se projetado num plano em que seus próprios anseios parecem realizar-se: os obstáculos se aplainam, o mal é castigado, o bem é premiado e a vitória dos heróis e heroínas é completa e perene... Daí o prazer interior ou a sensação de autorrealização que os contos de fadas ou contos maravilhosos transmitem. (COELHO, 2012, p. 120).

Ao ler ou ouvir um conto de fadas, o leitor ou ouvinte coloca ali todos seus anseios, desejos mais íntimos buscando uma sensação de autorrealização. Seguindo a ideia de que é a

imaginação que nos leva a ver o mundo de uma forma subjetiva, carregada de sentidos, passamos a buscar essa prática de contar histórias para nossos alunos. Na escola, a contação de histórias está bastante restrita à Educação Infantil e aos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois parte-se do pressuposto de que a partir do sexto ano o aluno perde o gosto por ouvir histórias. Além dessa problemática que abrange a contação de histórias e a faixa etária considerada ideal para essa prática, é muito comum, na maioria das escolas, a biblioteca ser explorada como depósito de livros antigos; como lugar de castigo para alunos indisciplinados ou que chegam atrasados e até mesmo como lugar “sagrado” em que se deve permanecer em silêncio, banindo a alegria e a partilha de conhecimento neste local.

O exercício da fantasia e da imaginação precisa ser estimulado e valorizado entre as crianças. E conforme foi dito anteriormente, esta missão cabe à família, à escola e à sociedade em geral. Que seja dado o exemplo através de adultos leitores que possam contribuir para a valorização do imaginário.

Para empreendermos uma valorização da literatura na nossa escola e especialmente dos contos de fadas como leitura para jovens adolescentes, partimos para um processo de mediação que explorasse, através do trabalho de intervenção, a leitura de diferentes versões de contos de fadas com 60(sessenta) alunos participantes na pesquisa, que têm faixa etária de 13 a 14 anos, estudando no nono ano do Ensino Fundamental.

A proposta inicialmente estava ligada ao desenvolvimento do Letramento literário que eles apresentavam, embora veremos que as diferentes atividades demonstraram discussões importantes no trato da leitura literária e da formação do imaginário. Todas as atividades estão analisadas e descritas na dissertação, não havendo privilégio de sexo, ou qualquer outra distinção a não ser as turmas às quais os indivíduos pertencem: grupos Verde e Azul. O Grupo Azul será um grupo de alunos que aparentemente apresenta nível de letramento mais avançado e o Grupo Verde nível de letramento menos avançado. Esta separação ocorreu porque a escola, neste período, realizou um experimento em separar as turmas de acordo com o nível de aprendizagem. O Grupo Azul vinha apresentando ao longo dos anos um melhor rendimento escolar e o Grupo Verde estava um pouco abaixo.

Trabalhamos com oficinas; usamos o termo oficina como uma metodologia de trabalho que prevê o trabalho coletivo, com momentos de interação e troca de saberes. Com atividades práticas e lúdicas, não ficando apenas na mera transmissão de informações, ocorrendo troca de experiências e reflexão sobre as leituras realizadas. Os alunos literalmente “colocaram a mão na massa”.

Foram 19 oficinas com os seguintes contos: Cinderela, Barba Azul, A Bela Adormecida e A Bela e a Fera em diferentes versões. Lembrando que a escolha destes contos ocorreu justamente pelo fato de podermos trabalhar com a riqueza de versões dos mesmos, pois esse diálogo de versões contribui não apenas para a possibilidade de desenvolver uma maior criticidade diante de diversos textos, mas também dentro da principal meta curricular para a formação dos atuais estudantes, de que possam exercer a sua cidadania com consciência.

Foram executadas duas oficinas iniciais com contos em geral, cinco oficinas relacionadas com o conto Cinderela, quatro para o conto Barba Azul, duas para o conto A Bela Adormecida, quatro para o conto A Bela e a Fera, e duas oficinas finais para fechar o trabalho sobre contos. A seguir apresentamos e discutimos todas as oficinas detalhadamente. Lembramos que os textos produzidos pelos alunos foram transcritos por nós e os originais estão anexados no apêndice da presente dissertação.

3.2 OFICINAS SOBRE CONTOS EM GERAL

3.2.1 1.^a Oficina: Conversa sobre contos

Duração: 4 horas/aula

Primeiramente trabalhamos o texto: “Dois beijos: o príncipe desencantado” (ANEXO B) e depois fizemos uma roda de conversa sobre contos.

Após a leitura, buscamos mediar o entendimento do conto:

- ✓ O que mais chamou sua atenção nesse texto?
- ✓ Os contos de fadas costumam fazer parte da formação de muitas pessoas. Quais são as principais características dos textos desse gênero?
- ✓ Que características do texto o aproximam de um conto maravilhoso?
- ✓ Releia o trecho a seguir:

O primeiro beijo foi dado por um príncipe numa princesa que estava dormindo encantada há cem anos.

- ✓ A que conto de fadas esse trecho parece pertencer?
- ✓ Que características da princesa dessa história a diferenciam das outras que você conheceu por meio de contos de fadas?

- ✓ Que sentimento a atitude da princesa despertou no príncipe? Explique.
- ✓ Justifique o subtítulo que foi dado ao conto: “O príncipe desencantado”.
- ✓ Você achou essa história engraçada? Justifique.
- ✓ O que nos faz lembrar a primeira frase do texto?
- ✓ Você sabe o que é um conto de fadas? Explique.
- ✓ Quantas vezes a princesa usou o verbo “querer” para se comunicar?
- ✓ Você sabe o que é ser ambicioso? Você acha que a princesa foi ambiciosa?
- ✓ Se você estivesse no lugar da princesa, o que pediria? Que “sonho de consumo” desejaria ver realizado? O que gostaria de ganhar?
- ✓ Você é uma pessoa ambiciosa? Quais as suas maiores ambições na vida?

Conversa em jogo:

- ✓ O que são contos de fadas?
- ✓ Quais contos que você já leu?
- ✓ O que você se lembra dos contos que você já leu?
- ✓ Você gosta de ler esse tipo de narrativa? Explique o motivo.
- ✓ Você sabe o nome de alguns escritores de contos de fadas? E nome de personagens?
- ✓ Quais tipos de personagens sempre aparecem nos contos de fadas?
- ✓ Quais são as expressões que iniciam a maioria dos contos?

Ao desenvolver a primeira oficina, primeiramente foi realizada uma leitura coletiva do texto “Dois beijos: o príncipe desencantado” e depois foi trabalhada a compreensão do conto com diálogo entre alunos e professora. O que mais chamou a atenção dos alunos neste texto foi o fato de aparecer uma princesa bem diferente das outras princesas de histórias que ouviram anteriormente. A princesa “interesseira”, foi justamente esta palavra que usaram para caracterizar a princesa deste texto, é na realidade uma personagem que está mais preocupada com bens materiais que encontrar seu príncipe encantado. Isso fica claro com a frequência do uso do verbo querer, que aparece cinco vezes no texto e acaba gerando um sentimento de desencanto no príncipe, que vai embora e conta para os outros príncipes a verdadeira intenção da princesa. Uma aluna logo disse que a princesa desta história tinha a intenção de preencher o seu vazio só com bens materiais.

Os alunos reconheceram algumas características comuns aos contos de fadas, como: a presença de personagens como o príncipe e a princesa, o beijo e seu encantamento, castelo, também a citação da personagem Gata borralheira etc. Por outro lado, gostaram bastante do final diferente, pois não houve o “felizes para sempre”, fato de um segundo beijo desfazer

todo o encanto do primeiro beijo, também criticaram muito a questão de pelo simples fato de ocorrer um beijo na boca, o príncipe ter que se casar com a princesa, pois a partir de um beijo ter que se programar toda vida de um personagem.

De início, os alunos apontaram algumas semelhanças do texto com o conto A Bela Adormecida, como por exemplo, o fato da princesa estar adormecida pelo período de cem anos e o beijo do príncipe ser o elemento que a faz acordar.

Uma situação que chamou bastante a atenção foi quando os questionamos sobre se sabiam o que era ser ambicioso, os alunos não souberam o significado do termo ambicioso; demos a explicação do termo e explicamos também que a ambição pode ser negativa e positiva, dependendo da situação. Aproveitamos também o momento e enfatizamos sobre a importância de se pensar em ter um futuro melhor através dos estudos. Logo em seguida, quando foi questionado sobre o sonho de consumo deles, as respostas também foram bastante diferentes do esperado, pois nesta faixa etária eles normalmente querem bens materiais, mas as respostas foram surpreendentes: muitos afirmaram que gostariam de conhecer os avós, pois já morreram, um aluno em especial disse que gostaria de conhecer Ayrton Senna, outros responderam que gostariam que os pais fossem eternos, que queriam a felicidade da família, viagens, uma casa melhor para a mãe, uma garota em especial disse que gostaria de ter lembranças do seu pai vivo, pois após a morte do pai só conseguia lembrar do seu velório.

Na turma do Grupo Azul, a aula tomou rumos inesperados, pois ao perguntar sobre suas ambições de vida, três alunos se emocionaram e relataram suas experiências pessoais. Jamais esperávamos que, com um simples questionamento sobre ambições de vida, levaríamos a turma a desabafar sobre seus problemas pessoais.

Depois desta conversa com os alunos, eles responderam no caderno aos questionamentos feitos oralmente. Na etapa “conversa em jogo”, os alunos tentaram definir contos de fadas como uma história onde há personagens típicos: príncipes, princesas, madrasta, empregada, fadas, casamento, feitiço, encantamento, castelo, e começo com “Era uma vez...”, final feliz “...felizes para sempre”, ratinhos que falam, etc. Eles disseram conhecer e gostar de alguns contos: “Aladim”, “Três porquinhos”, “Cinderela”, “A Bela e a Fera”, “Chapeuzinho vermelho”, “Ariel”. Muitos disseram ter visto estes contos na TV, outros contados pela mãe ou professora quando começaram a ir para a escola. Uma aluna relatou que a avó ao contar este tipo de história para ela, mudava o nome da princesa para seu próprio nome e ela adorava ouvir e se sentia uma princesa.

Mas quando foi questionada a autoria destes contos a maioria não sabia, pouquíssimos mencionaram a referência Walt Disney ou os Irmãos Grimm, apesar de apreciarem as histórias.

Ao terminar esta primeira oficina, pudemos perceber que poderíamos contar com a participação de nossos alunos, pois houve uma grande interação durante a execução das atividades propostas.

3.2.2 2.^a Oficina: Visita à Biblioteca Municipal

Duração: 3 horas/aula

Os alunos foram à Biblioteca Municipal conhecer o acervo e também realizaram uma oficina com a bibliotecária.

No dia 02/04/2019, aconteceu a visita do Grupo Azul à Biblioteca Municipal Bernardo Guimarães. Os alunos juntamente com a professora foram a pé. Ao chegarmos à Biblioteca, a bibliotecária Adriana Fonseca nos apresentou toda a estrutura física da Biblioteca, contou sobre a origem e nome da mesma, depois mostrou todo o acervo e deixou os alunos à vontade para lerem as obras em que tivessem interesse.

A bibliotecária também explicou que justamente naquele dia era comemorado o Dia Internacional do Livro Infante-juvenil e também falou sobre Hans Christian Andersen e sua contribuição para a literatura com histórias que abordavam padrões que refletiam comportamentos da sociedade da época. Entre os principais contos do autor se destacavam: “O patinho feio”, “O soldadinho de chumbo”, “A pequena sereia”, “A menina dos fósforos”, “A roupa nova do imperador”.

Depois, foi realizada uma dinâmica de contação de histórias. Os alunos gostaram muito da versão do conto de fadas: “João Bobo e a princesa”. Houve uma grande interação dos alunos com a história contada. E em seguida alguns alunos enfatizaram que seus pais não contavam histórias para eles quando crianças, mas a maioria afirmou já ter ouvido pais e professores contarem histórias para eles.

Foi uma atividade bastante prazerosa e muitos alunos disseram que iriam fazer a carteirinha da biblioteca para visitá-la com mais frequência, pois ficaram encantados com a grande quantidade de obras literárias do acervo. Durante a visita, ouvimos algumas expressões de admiração como: “Que maravilha!”, “Estou no paraíso!”. A partir daí pudemos

perceber que alguns alunos são encantados pela leitura e possuem hábito de ler, pois ficaram bastante entusiasmados.

A mesma atividade foi realizada com o Grupo Verde. Apesar de terem interagido bastante na dinâmica de contação de histórias, ficou bem claro, ao contrário do Grupo Azul, que a maioria tem mais preguiça, e manifesta um certo desinteresse pela leitura. Quando a bibliotecária os deixou à vontade para lerem o que quisessem, poucos pegaram gibis e mangás, já outros não se interessaram por nenhuma obra.

Durante a realização desta oficina, percebemos o grande entusiasmo dos alunos ao saírem do ambiente escolar. Para eles foi uma atividade de muito proveito, quando voltaram para a escola, comentaram com os alunos de outras turmas sobre o passeio, e com isso gerou um grande interesse nas outras turmas para também realizarem a atividade, os outros professores de Português diante da situação resolveram também levá-los à Biblioteca Municipal. A partir desta oficina, percebemos que realmente surtiu um efeito bastante positivo para a Escola a execução desta atividade, pois a maioria dos alunos que não conhecia a Biblioteca Municipal ficou conhecendo no passeio.

Imagem 1 - Alunos assistindo à contação de histórias na Biblioteca Municipal



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 2 - Alunos tendo acesso às obras literárias na Biblioteca Municipal



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 3 - Alunos reunidos na Biblioteca Municipal



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 4 - Bibliotecária contando histórias para os alunos



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 5 - Cartaz exposto na Biblioteca Municipal



Fonte: Biblioteca Municipal Bernardo Guimarães

Imagem 6 - Alunos lendo na Biblioteca Municipal



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 7 - Bibliotecárias contando histórias e tocando violão para os alunos



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 8 - Alunos lendo na Biblioteca Municipal



Fonte: Autoria própria (2019)

Imagem 9 - Bibliotecária contando histórias para os alunos



Fonte: Autoria própria (2019)

3.3 OFICINAS SOBRE O CONTO CINDERELA

3.3.1 1.^a Oficina: Leitura e interpretação do conto: Cinderela - (versão de Charles Perrault) (ANEXO C)

Duração: 2 horas/aula

Agora partindo para os contos de fadas, iniciamos com o conto Cinderela. A primeira oficina do conto Cinderela foi com a versão de Charles Perrault. Antes de iniciar a leitura do conto, foi feito um trabalho com as palavras que julgamos que poderiam ser mais desconhecidas pelos alunos, como por exemplo: fidalgo (Imagem 10), núpcias (Imagem 11), soberba (Imagem 12), temperamento (Imagem 13), madrasta (Imagem 14), enteada (Imagem 15), sótão (Imagem 16), lareira (Imagem 17), roupas suntuosas (Imagem 18), engomar babados, renda inglesa (Imagem 19), mantô (Imagem 20), broche (Imagem 21), alvoroço (Imagem 22), corpete (Imagem 23), carruagem (Imagem 24), camundongos (Imagem 25), cocheiro (Imagem 26), lacaios (Imagem 27), violinos (Imagem 28), murmúrio (Imagem 29), asquerosa (Imagem 30), bocejar (Imagem 31), ao som de trompas (Imagem 32), duquesas (Imagem 33) etc. Mostramos em apresentações do *datashow* algumas imagens para explicar estes termos.

Imagem 10 - Fidalgo

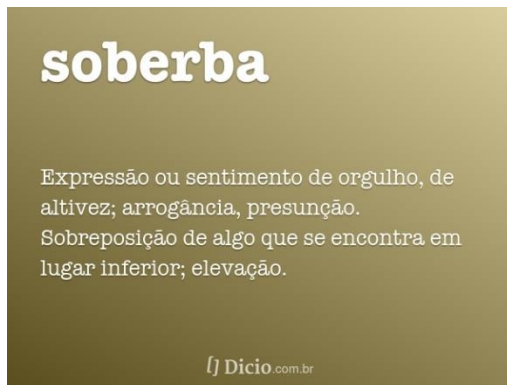


Fonte: bsp.org.br

Imagem 11 - Núpcias



Fonte: casamentos.com.br

Imagem 12 - Definição do dicionário

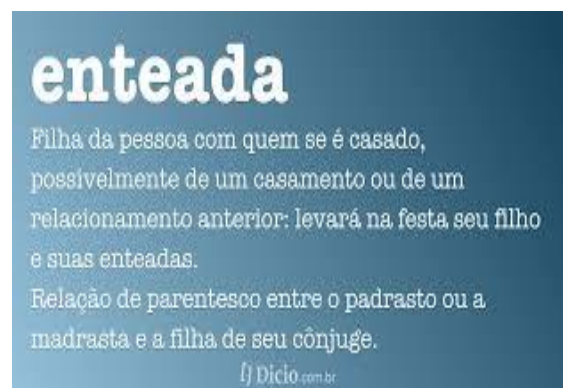
Fonte: Dicionário Online de Português

Imagem 13 - Ilustração de sentimentos

Fonte: academiaipuense.com.br

Imagem 14 - Definição do dicionário

Fonte: Dicionário Online de Português

Imagem 15 - Definição do dicionário

Fonte: dicio.com.br (Dic. Online de Português)

Imagem 16 - Sótão

Fonte: filmestipo.com

Imagem 17 - Lareira

Fonte: br.iha.com

Imagem 18 - Roupas suntuosas



Fonte: mdemulher.abril.com.br

Imagem 19 - Renda inglesa



Fonte: casadasmeninas.loja2.com.br

Imagem 20 - Mantô



Fonte: shoeloer.com.br

Imagem 21 - Broche



Fonte: lenach.com.br

Imagem 22 - Definição do dicionário



Fonte: dicio.com.br (Dic. Online de Português)

Imagem 23 - Corpete



Fonte: corsetlacing.com.br

Imagem 24 - Carruagem

Fonte: culturaestadao.com.br

Imagem 25 - Camundongo

Fonte: portalmelhoresamigos.com.br

Imagem 26 - Definição do dicionário

Fonte: Dicionário Online de Português

Imagem 27 - Definição do dicionário

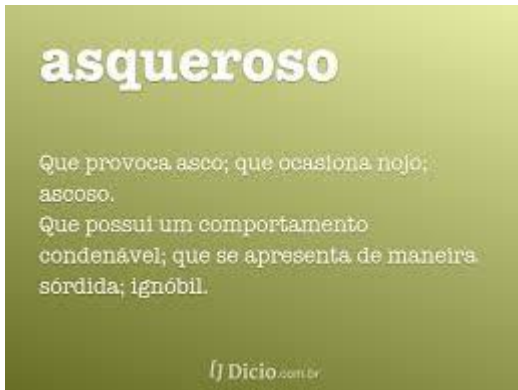
Fonte: Dicionário Online de Português

Imagem 28 - Violino

Fonte: magazinluiza.com.br

Imagem 29 - Definição do dicionário

Fonte: Dicionário Online de Português

Imagem 30 - Definição do dicionário

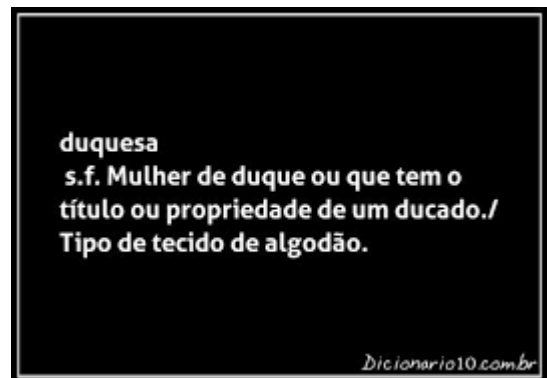
Fonte: Dicionário Online de Português

Imagem 31 - Bocejo

Fonte: judicemed.com.br

Imagem 32 - Trompa

Fonte: pt.wikipedia.org

Imagem 33 - Definição do dicionário

Fonte: dicionario10.com.br

Após o entendimento dos termos, fizemos a leitura coletiva, na qual cada aluno leu um trecho do conto no *datashow*, em sala de aula. E em seguida, mediamos a interpretação do texto com algumas reflexões:

- ✓ O texto que você acabou de ler é um conto de fadas? Justifique.
- ✓ Alguém já lhe contou o conto Cinderela?
- ✓ O que mais lhe chamou a atenção neste conto?
- ✓ Você conhece alguém que já viveu uma situação parecida com a vivida por Cinderela?
- ✓ Nos contos de fadas é comum existir um elemento ou objeto mágico, que é geralmente encantado por fadas, bruxas e etc. Nesta história qual é o elemento mágico?
- ✓ Após muitos anos, desde que o conto Cinderela foi escrito, podemos afirmar que ainda existem crianças que são forçadas a trabalhar?
- ✓ Você acha certo o que as irmãs de Cinderela faziam com ela?
- ✓ Em pleno século XXI, ainda existem pessoas como as irmãs de Cinderela? Justifique sua resposta.

- ✓ Será possível nos dias atuais encontrarmos um príncipe como o do conto lido? Justifique sua resposta.
- ✓ (Para as meninas): Vocês sonham com um príncipe na vida de vocês? Comente.
- ✓ (Para os meninos): Vocês sonham com uma princesa na vida de vocês? Comente.
- ✓ Se você tivesse uma varinha mágica o que você modificaria no mundo? Comente.

Ao responderem a estes questionamentos, os alunos disseram que o texto lido era um conto maravilhoso, pois tem a presença de fatos sobrenaturais: a varinha mágica transforma as coisas em objetos desejados. Muitos deles afirmaram já terem ouvido a história da Cinderela, e também fizeram muitas comparações com o filme que viram, que é uma versão Walt Disney, como por exemplo: no filme só teve um baile, no texto, dois bailes; a fada madrinha aparece de forma diferente no filme; Cinderela não se aproxima das irmãs no baile e nem oferece a elas limões e laranja, já no texto ela é gentil; os sapatinhos são de cristal no filme e no texto, são sapatinhos de vidro; no texto o príncipe procura pela princesa somente na alta sociedade, no filme ele procura por todo o reino; a forma como Cinderela experimenta o sapatinho é diferente, pois no texto ela se oferece para colocar o sapatinho, no filme ela está escondida no quarto e sua madrasta não quer que ela apareça para experimentar o sapato. Enfim, os alunos fizeram muitas comparações entre as duas obras. Então explicamos que são duas obras distintas, criadas por autores e épocas diferentes, o filme e o conto de Perrault.

Também foi afirmado que não conhecem ninguém que viveu uma situação parecida com a de Cinderela, mesmo sabendo que existem crianças que são forçadas a trabalhar, mas não conhecem nem um caso próximo a eles.

Eles disseram que as irmãs de Cinderela eram muito ruins e que ainda existem pessoas hoje como elas. Quanto ao questionamento sobre o príncipe ou princesa na vida deles, as respostas foram bastante maduras, muitos não acreditam em príncipes e princesas na vida real, mas ainda existem alguns que acreditam e sonham com o príncipe ou a princesa; de uma maneira bastante madura explicaram que esperam por uma pessoa que os trate bem, ame-os verdadeiramente e seja gentil com eles.

A varinha mágica seria usada por todos para praticar o bem: acabar com a fome, a miséria, a violência, o preconceito, transformar as pessoas ruins em pessoas generosas e de bom coração.

Ao encerrar mais uma oficina, pudemos perceber que os alunos estão bastante interessados nas atividades, pois já estão ansiosos com a próxima leitura, perguntando quando ocorrerá. Nesta oficina foi trabalhada a intertextualidade entre dois textos distintos, o filme da

versão Walt Disney, Cinderela, e o conto de Perrault, o que contribuiu para que os alunos pudessem comparar uma obra à outra, despertando assim uma visão diferente de compreender a narrativa. Acreditamos que novamente, conseguimos mais um pequeno avanço na difícil jornada de incentivo à leitura.

3.3.2 2.^a Oficina: Trabalhando imagem do conto: Cinderela (Anexo D)

Duração: 4 horas/aula

Antes de iniciar a leitura do conto Cinderela na versão dos Irmãos Grimm, foi mostrada esta imagem (Imagem 34). O objetivo foi levar os alunos a imaginarem o que aconteceu nesta versão.

Imagem 34 - Cinderela



Fonte: Illustrations – Joëlle Jones

Assim que visualizaram a imagem, começou o burburinho: “Nossa! Quanto sangue!”, “A princesa cortou o pé!”, “Como pode alguém cortar o pé com a faca?”, “Que imagem forte, professora!”. Então, estimulamos os alunos para que pensassem o que poderia acontecer nesta versão do conto Cinderela; eles fizeram muitas proposições e ficaram bastante interessados em conhecer a nova versão.

Logo em seguida foi realizada a leitura coletiva, com o auxílio do *datashow*, da versão dos Irmãos Grimm do conto Cinderela.

Quando terminaram a leitura, os alunos apontaram as diferenças e semelhanças entre a versão de Charles Perrault e a versão dos Irmãos Grimm, fazendo algumas reflexões:

- ✓ O texto que você acabou de ler é um conto maravilhoso? Justifique?
- ✓ Você já ouviu esta versão do conto Cinderela?
- ✓ O que mais lhe chamou a atenção neste conto?

Grande parte dos alunos de início afirmou que esta versão de Cinderela não era conto maravilhoso, pois apresentava muito violência. Com o passar da conversa perceberam que existem alguns elementos no texto que não são reais, como por exemplo: Pássaros separarem grãos e não comerem tudo, pássaro carregar roupas bordadas de ouro, nascer uma aveleira onde a moça chorara etc.

Os alunos perceberam algumas diferenças entre os dois contos: no primeiro conto, versão Charles Perrault, Cinderela usava trapos, fazia o serviço da casa, quem a ajuda é sua madrinha, que é uma fada, seu sapatinho era de vidro, são dois dias de baile, Cinderela se casa com o príncipe e as irmãs também se casam com dois grandes senhores da corte, há uma moral no final que fala da doçura de Cinderela. No segundo conto, Cinderela usava sapatos de madeira e camisolão cinza e velho, continua fazendo o serviço da casa, quem a ajuda são aves, seu sapatinho é de ouro, são três dias de baile, ao plantar o galho trazido por seu pai no túmulo da mãe, nasce uma árvore frondosa, as irmãs cortam partes dos pés para caberem no sapato perdido, uma corta o dedão e a outra corta o calcanhar, o pai considera Cinderela apenas como “raqútica ajudante de cozinha, filha da ex-mulher”, (GRIMM, 2005, p.07) na cerimônia de casamento de Cinderela as pombinhas arrancaram os olhos de suas irmãs como punição da maldade e falsidade delas.

Apenas três alunos da turma do Grupo Azul conheciam esta versão, entretanto na turma do Grupo Verde oito alunos já a conheciam. O que mais impressionaram os que não conheciam foram as passagens em que as irmãs cortam partes do pé para calçarem o sapato de ouro e o final do conto, pois ficaram assustados com o fato dos pássaros furarem os olhos das irmãs de Cinderela.

Ao proporcionar a leitura das duas versões do conto Cinderela, oferecemos também a oportunidade de conhecerem autores e linguagens diferentes, para que eles pudessem fazer comparações entre as duas obras e concluírem que os assuntos abordados no conto, a inveja e a rivalidade entre irmãos, ainda continuam muito atuais mesmo em pleno século XXI.

3.3.3 3.^a Oficina: Leitura com a família do conto: Cinderela (Anexo D)

Duração: 1 hora/aula

Esta tarefa teve como objetivo inicial congrega a família e levá-la a participar da leitura. Os alunos leram a versão dos Irmãos Grimm do conto Cinderela para alguém da família e depois responderam às seguintes perguntas:

- ✓ O que sua família achou da história? Gostaram ou não? Comente.
- ✓ Quem da família participou da leitura? De que maneira?
- ✓ Quem leu a história em voz alta? Houve interrupções à leitura?
- ✓ A que horas foi feita a leitura?
- ✓ Em que lugar da casa?

Ao sentarmos para conversar sobre a atividade realizada em casa, percebemos que a maioria dos pais trabalha fora o dia todo e tem muito pouco contato com os filhos, pois a maioria das leituras foi realizada no período noturno, já no quarto ou na sala de casa, no intervalo do jantar, ou até mesmo enquanto a mãe fazia o jantar. Os alunos disseram que tiveram pouquíssimas interrupções, quem fez a leitura foram eles mesmos. O que mais impressionou os alunos foi o estranhamento dos pais da atitude dos filhos lerem para eles, pois isso nunca tinha acontecido. A maioria dos pais não conhecia esta versão. Eles estranharam bastante a história, acharam-na violenta, esperavam um final feliz e ficaram surpresos com a punição das irmãs de Cinderela.

A atividade foi de muito proveito, tanto para os alunos como para os pais, pois assim puderam ter um tempo juntos, com uma atividade nada habitual para eles. O relato de um aluno foi muito interessante: “Minha mãe assustou quando eu saí do quarto e pedi para ler uma história para ela, pois eu só fico trancado no quarto o tempo todo.”

Para nós, esta oficina foi de suma importância para percebermos o porquê de muitos alunos não possuírem hábitos de leitura, pois os pais levam uma vida muito corrida para conseguir oferecer aos filhos um pouco de conforto, faltando assim um tempo destinado a práticas escolares e até mesmo afetivas com os filhos. Sabemos que esta é a realidade de muitas famílias e cabe a nós, enquanto professores, tentar oferecer o que temos de melhor para ajudar estes alunos em seu processo de formação. Sendo assim, os alunos, ao lerem para os pais em casa, estão mostrando que é necessário um tempo para hábitos saudáveis, para que

os pais passem a se interessarem um pouco mais pelas atividades escolares dos filhos e nós professores estamos contribuindo para que ocorra este momento único entre pais e filhos.

3.3.4 4.^a Oficina: Contando o conto A gata borralheira (versão original - Giambattista Basile) – (Anexo H)

Duração: 2 horas /aula

Esta atividade teve por objetivo mostrar aos alunos como surgiram os contos e fazer com que eles tivessem contato, conhecessem a primeira versão escrita do conto “A gata borralheira”, escrita por Giambattista Basile.

Primeiramente explicamos que este conto se encontra no livro **O conto dos contos** de Giambattista Basile, falamos um pouco sobre o autor e lembramos que esta é uma tradução da obra, que é uma coletânea de contos de fadas de origem popular, recolhidos por Basile na região de Nápoles, na Itália, em 1634.

Assim que a obra foi apresentada, contamos o conto “A gata borralheira” para os alunos. Eles gostaram da atividade, mas estranharam um pouco a situação de alguém estar lhes contando história, pois não têm esse hábito. Ao término da contação, os alunos começaram a apontar as principais diferenças e semelhanças com os outros contos trabalhados. As principais semelhanças notadas foram a presença do pai viúvo, a filha querida, a madrasta raivosa e malvada, a pombinha das fadas, o presente da filha é sempre diferente do das enteadas.

Alguns dos pontos que chamaram atenção deles foram o fato de a menina ser chamada de Zezolla, ter uma mestra que a ensinava a arte de bordar, e chegar ao ponto de a filha pedir e armar para a mestra se casar com o pai. Eles destacaram ainda que, para piorar a situação de Zezolla, assim que conseguiu realizar o plano de acabar com a madrasta, a mestra após poucos dias igualmente se revelou má e apresentou seis filhas, que também a tratavam mal, Zezolla pede ajuda a uma tamareira para ir à festa, o truque das moedas de ouro para distrair o príncipe, o príncipe ameaçar chutar a bunda e dar uma surra no servo..., mas o que mais gostaram é que a menina perdeu na festa uma chinela.

Os alunos perceberam uma linguagem mais elaborada, com presença de alguns provérbios, como por exemplo: “...tanto que, deprecia hoje, falta amanhã.” (BASILE, 2018, p.88), “sua alma, sua palma.” (Ibid, p.89), “louco é quem discute com as estrelas.” (Ibid,

p.93). Uso de frequente adjetivação, como: “caras feias, caretas, olhares enviesados..” (Ibid, p.87), “... as mulheres, nobres e plebeias, ricas e pobres, velhas e moças, bonitas e feias...” (Ibid, p.92), além de várias figuras de linguagem: hipérbole “ ...cada hora durasse mil anos...” (Ibid, p.88), “...mar da maldade...” (Ibid, p.87), comparações “Os ouvintes pareciam estátuas ao ouvir o conto da pulga.” (Ibid, p.87), “uma tamareira da altura de uma mulher...” (Ibid, p.90), metáforas “...causou maravilha ao coração das irmãs e fogo ao peito do rei...” (Ibid, p.91), “...se a fundação é tão bela, como será casa? Ó belo candelabro onde está a ela que me consome! Ó tripé do belo caldeirão, onde ferve a vida!...” (Ibid, p.91), expressões populares como: “atestado de burrice” (Ibid, p.87), “pulga atrás da orelha” (Ibid, p.87), enfim, afirmaram que este conto fora mais interessante do que os outros já estudados.

A riqueza desta oficina foi o fato de possibilitar aos alunos o acesso a esta versão original do conto “A Gata Borracheira”, pois foi uma novidade para eles, mais um conhecimento adquirido através da leitura de contos de fadas. E também pelo fato de perceberem que uma história pode apresentar várias versões ao longo do tempo, que a criatividade não se esgota, e sim, é sempre renovada por cada autor em seu tempo.

3.3.5 5.ª Oficina: Recontando a história

Duração: 2 horas/aula

Aos alunos foi proposto criarem uma nova história do conto Cinderela, com personagens e enredo adaptados para os dias de hoje. Como ajuda, apresentamos o seguinte quadro:

Imagem 35 - Quadro comparativo

CINDERELAS MODERNAS	CINDERELA DOS CONTOS
Elas estudam, trabalham, mas continuam esperando por um “príncipe encantado” que seja belo, inteligente e apaixonado.	Trabalha fazendo os serviços pesados da casa, é maltratada, até o dia em que aparece um belo príncipe que a descobre e a salva.
Esperam por um príncipe para salvá-las da luta diária, da vida monótona e que as levam para uma vida de rainha.	A única salvação da princesa é o príncipe, se ele não aparecer, estará para sempre condenada à infelicidade.
Esperam por um príncipe que venha “montado em um carrão”.	Espera por um príncipe que venha montado em um cavalo branco.

Fonte: Autoria própria (2019).

Os alunos transportaram a história da Cinderela para os dias atuais, mas alguns extrapolaram na dose de realidade, tornando o texto bastante pesado, já outros não fizeram uma narrativa, e sim uma espécie de desabafo. Vejamos algumas. Fizemos a transcrição dos textos dos alunos para facilitar a leitura e os originais foram anexados aos Apêndices da presente dissertação.

Cinderela da atualidade

A cinderela da atualidade, às vezes muito raro tem alguém que goste dela, é fiel com ela e está disposto a seguir a vida com ela. Hoje em dia nem existe praticamente uma cinderela porque para um relacionamento ir até o casamento ela já passou por traições, diversas brigas e abusos, porque né... Quando a gente ama a gente supera e aguenta muita coisa. A cinderela hoje em dia é aquela que é feliz por si próprio, que não fica em busca de alguém, porque lógico existe homem disposto a tudo a mulher amada, mas claro a minoria. Mas falando sério uma cinderela, cinderela mesmo não vai perder tempo procurando alguém e sim sendo e satisfazendo suas próprias necessidades e sendo muito feliz.

Nesta produção textual, podemos ver que a aluna M. fez um desabafo dizendo que não existe Cinderela nos dias atuais, apenas mostrou como são os relacionamentos atuais na sua visão. Este texto mostra a falta de romantismo de alguns alunos, o que talvez possa ser desencadeado pela própria experiência de vida.

Cinderela 2.0

O que todos nós esperamos, é ter príncipe ou princesa em nossas vidas, mas este conceito mudou aos tempos de hoje. Ser príncipe ou princesa não se resume só aos status, e que damos mais valor nos dias de hoje é a educação, que a pessoa se importe conosco, nos ame, nos dê carinho entre outras coisas que não tem nada a ver com dinheiro. Antigamente, nós nos conhecíamos pelos bailes e festas dos reis e rainhas, hoje é diferente nos conhecemos nos eventos e principalmente em redes sociais. Um príncipe nos dias de hoje seria alguém bem sucedido com sua vida tudo em ordem que dê flores todos os dias ou todos as semanas. E nossa princesa, uma moça educada independente que saiba se cuidar, que não precise de ninguém, e que se importe conosco.

O texto acima também não deixa de ser um desabafo sobre que tipo de pessoa que pode ser um príncipe ou uma princesa nos dias atuais, mas o que chamou a atenção foi o fato de o aluno L. mencionar a diferente forma de contato, hoje realizado através de redes sociais, deixando bem claro a ausência da convivência física entre os adolescentes atuais.

O conto da Cinderela se fosse hoje no dia atual seria totalmente diferente, porque? Porque hoje em dia não tem fada madrinha, não tem sapato de cristal, castelo, carruagem, etc. Hoje em dia as coisas são totalmente diferente, atualizadas, se fosse atualmente o conto seria mais moderno as coisas estão mais avançadas. Cinderela hoje usaria um vestido mais curto ou até mesmo um cropped com short e tênis, a carruagem seria um carro, as fadas madrinhas de hoje é sua mãe, vó, tia. E os príncipes são os mais difíceis de encontrar em pleno século 21 porque está difícil encontrar um homem bom que dê valor em uma mulher, mas ainda encontramos, mas se fosse um príncipe mesmo da atualidade se vestiria com um terno, uma coisa mais atual, os castelos de hoje em dia seria uma casa de dois andares, tudo seria diferente, até por causa das comunicações que estão mais fácil, não seria a mesma coisa, a mesma história.

Apesar de a aluna A. não ter feito uma narrativa, não ter ao menos colocado um título, o que chamou a atenção foi o fato dela comparar as vestimentas, as pessoas, os lugares, os meios de comunicação e transportes da época antiga com a atual, isto comprova que, de alguma forma, o conto Cinderela mexeu com ela, pois conseguiu associar o que leu e ouviu ao seu conhecimento de mundo.

Gilda a princesa

Gilda é uma princesa que ama preto, ama muitos tipos de música, menos clássica, ela prefere ser chamada de “Gi”, acha mais moderninho. Além disso, Gi é super conectada nas redes sociais e adora postar vídeos para seus seguidores.

Gi conheceu um garoto a um tempo atrás, ele é todo moderninho, usa redes sociais. Hoje em dia os dois namoram e são muito felizes juntos.

São totalmente diferentes dos “padrões” da realeza, mas mesmo assim são felizes juntos.

Ao ler este texto da aluna L. percebemos uma certa ironia com o tempo de Cinderela, pois o tempo todo a aluna reforça que os personagens são “moderninhos” e que são felizes mesmo sendo diferentes dos “padrões da realeza” e também a expressão “superconectados” reforça o uso da tecnologia na atualidade.

Cinderela nos dias atuais

Vamos imaginar a Cinderela limpando sua casa, ouvindo Raça Negra, completamente triste por não poder ir ao baile funk do príncipe na comunidade vizinha. De repente uma nuvem de fumaça toma conta da sua casa, surge uma fada, a “madrinha Ostentação” que num passe de mágica saca a varinha e transforma a Cinderela... Para completar, ao invés de abóbora ela pega uma banana e no lugar de uma carruagem transforma o fruto em um potente camaro amarelo.

Com recomendações de sua fada madrinha, a Cinderela chega ao baile ao som de “beijinho no ombro pro recalque passar longe”. Ao invés de valsa, o príncipe aumenta o som e anuncia a balada. Como o feitiço só iria até a meia noite, as 23:55 min., a Cinderela sai desesperada da balada, ao contrário da história real, o príncipe não foi atrás dela...

Nove meses depois, ela é quem vai atrás do príncipe, porém eles não viveram felizes para sempre. Ele não assumiu o filho, então ela entrou na justiça, fizeram DNA e realmente ele era o pai e a justiça determinou que ele pagasse meio salário mínimo de pensão, pois ele

está desempregado e não possui renda fixa. Ou seja, ainda bem que os contos de fadas foram escritos há muitos anos atrás...

Este texto escrito pela aluna J. traz uma dose muito grande da realidade vivida pelas adolescentes hoje, o interessante com que ela compara o tempo todo a realidade atual com a época vivenciada pela personagem Cinderela e não deixa de lado os fatos do texto estudado.

Os próximos textos seguem uma linha mais próxima da história do conto Cinderela, mas não deixando de lado a realidade de hoje.

Cinderela nos dias atuais

Em pleno ano de 2019, havia uma menina e ela se chamava Cinderela, morava no Brasil, na cidade de Uberaba, ela estudava, trabalhava e na faculdade dela tinha um garoto muito bonito, e eles se gostavam. O garoto era muito rico, mas Cinderela não gostava dele só por dinheiro, mas sim por amor de verdade.

Cinderela era muito vaidosa, blogueirinha do Youtube e do Instagram e tinha vários seguidores, fãs e etc.

Os meses foram se passando e um dia havia uma balada e todos os amigos de Cinderela iam, então Cinderela foi até sua casa pediu para sua mãe deixá-la ir na balada, então mãe de Cinderela falou:

“Você não irá.”

Então Cinderela disse:

“Mãe eu já tenho 18 anos de idade sei me irá sozinha.”

Mãe de Cinderela não mudou de ideia.

Então Cinderela tomou a decisão de que ela iria fugir de sua mãe no meio da noite...

Como dito a menina quando deu 22:00 da noite, ela pulou a janela e foi até a casa da sua amiga Theila, chegando lá Theila não estava em casa, então a menina resolveu ir até a casa de sua amiga Meg chegando lá Meg não estava em casa, então Cinderela lembrou que seus amigos já tinham ido para a balada.

Então Cinderela triste estava voltando para casa, e daí lembrou de sua amiga Stella que não iria a balada porque iria viajar às 00:00, e lá se foi Cinderela. Chegando lá como esperado, sua amiga Stella estava lá e então Cinderela disse a sua amiga:

“Oi, Stella! Tudo bem? Desculpe-me vir a esta hora mas é que estou indo a balada mas preciso de uma roupa emprestada pois eu não tenho”, e então Stella disse:

“Entre! Vamos até o meu quarto te emprestarei minha roupa mais bonita!” e como dito Stella emprestou um short e um crooped para Cinderela. E claro Cinderela agradeceu e já estava indo para a balada quando Stella lembrou que precisava de sua roupa mais bonita para a viagem, e então Stella disse:

“Cinderela te emprestarei minha roupa mas quando der 00:00 você terá que trazer minha roupa de volta, por favor não se esqueça.”

“Ok não vou esquecer, obrigada!”

E lá se foi Cinderela para a balada, chegando lá Cinderela chamou muita atenção, por conta de sua fama e pela roupa também, que estava espetacular e então o garoto de sua faculdade estava lá, já que a balada foi ele que pediu seu pai para organizar, e durante a festa o garoto Beto e Cinderela ficaram se olhando e até que um dos amigos de Beto foi até Cinderela e pediu para que Cinderela ficasse com Beto, e já que a menina gostava dele ela achou que não tinha nenhum problema e então eles se beijaram e na hora do

beijo o celular de Cinderela começou a despertar 00:00 no bolso dela e então ela saiu correndo e no meio da correria o celular caiu no chão e Beto foi atrás da menina e viu o celular dela no chão e ele logo pegou.

E Cinderela continuou a correr e foi para a casa de sua amiga Stella devolver a roupa e logo depois Cinderela foi para sua casa como se nada tivesse acontecido e então ela chegou em sua casa e foi dormir. No outro dia, ela acordou bem tarde, pois estava exausta e o seu celular também não despertou, pois ela tinha perdido.

E então sua mãe ficou bem desconfiada até que Cinderela contou toda a verdade para sua mãe e durante a conversa mãe de Cinderela teve a ideia de resgatar o celular ligando para ele, pois então Cinderela liga para seu celular e para sua surpresa quem atendeu foi Beto, durante a conversa Beto disse que iria devolver o celular através de um encontro entre eles, e então houve o encontro e logo depois Beto levou Cinderela para casa no seu belo carro, chegando lá Beto pediu Cinderela em namoro na frente dos pais de Cinderela e então Cinderela aceitou. E agora se eles viveram felizes para sempre não sabemos, pois nos dias de hoje pode tudo acontecer, hoje se tem e amanhã não se tem mais, pois um chifre ali e um chifre aqui ninguém se sabe.

Este texto mostra como os adolescentes encaram seus relacionamentos atualmente, o que é muito diferente de tempos passados. A narradora coloca como sua fada madrinha uma amiga que empresta uma roupa, tendo que devolvê-la à meia noite. Ao sair correndo, em vez de perder o sapatinho de cristal, perde o celular. No final da história até quis fazer um final feliz, mas colocou uma sombra de dúvida sobre a fidelidade do casal.

Cinderela do século XXI

Era uma vez um senhor que tinha uma linda filha chamada Cinderela, as pessoas apelidaram-na de Cindy.

Com o passar dos anos, seu pai começou a sentir muito só, e se casou com uma viúva que tinha duas filhas lindas, só que eram invejosas, mal educadas e mimadas.

Um dia o pai de Cindy faleceu e sua vida ficou ainda mais difícil, a madrasta cortou a sua mesada e a colocou para fazer o serviço da casa.

Uma tarde as meninas ficaram superafobadas, pois viram na internet que o garoto mais popular e bonito da escola daria uma festa no seu aniversário e todas as meninas da escola estavam convidadas.

Cindy pediu dinheiro para a madrasta para comprar um vestido, mas ela se recusou a dar. Então Cindy decidiu customizar um vestido que ela já tinha, e ficou tudo perfeito junto com seu anel que sua mãe havia lhe dado.

Na festa, os convidados não tiravam os olhos de Cindy, nem suas irmãs a reconheceram. Ao vê-la o aniversariante tirou-a para dançar, eles conversaram a noite toda, então percebeu que estava ficando tarde e acabou indo embora as pressas, perdendo seu anel pelo caminho, mas o gatinho com quem dançou encontrou o anel e guardou com muito cuidado, pois isso o ajudaria a achar sua bela dama.

No dia seguinte, ele espalhou cartazes pela escola, “Procura-se uma encantadora garota por quem me apaixonei. Te encontro hoje depois da aula na quadra.” Chegando lá encontrou milhares de garotas, perguntou uma a uma o que tinham perdido na festa, todas estavam erradas, mas quando ele já tinha perdido as esperanças, ouviu uma voz

delicada, ele colocou o anel no dedo de Cindy que serviu perfeitamente. Ali mesmo a pediu em namoro.

Suas irmãs ficaram de queixo caído, Cindy foi morar om sua tia e conseguiu sua parte da herança. Mas como a vida não é tão clichê, ela acabou descobrindo que seu namorado era um playboy e se separaram.

Muitos anos se passaram, ela se formou e ficou bem sucedida, viajou o mundo todo e decidiu não se casar, pois era muito feliz sozinha.

Aqui temos uma história que começou bem parecida com a da Cinderela, mas que foi tomando rumos próprios. A menina tem um apelido carinhoso, Cindy, que é bem diferente de Gata Borracheira, ela tem a atitude de customizar seu próprio vestido, o príncipe é um garoto da escola, que faz uma festa de aniversário e convida todas as meninas da escola. Durante a festa, a menina perde o anel, o que vai ajudar na sua identificação, que acontecerá na quadra da escola. O final que parecia ser um “felizes para sempre” foi modificado ao ser percebido pela garota que o menino não era tudo que ela imaginava, pois era um *playboy*, mas a garota acaba tendo um final feliz sozinha e realiza seus sonhos, mostrando que é bastante independente. Segundo a autora “a vida não é tão clichê” justificando o final dado a sua narrativa.

Cinderela

Uma bela menina chamada Cinderela, tinha uma linda família em Nova York, seus pais sempre cuidaram muito bem dela, nunca deixaram faltar alimentos, roupas e conforto em sua casa.

Mas um dia seus pais se desentenderam e o casamento deles foi se destruindo, e a cada dia que passava o amor deles ia se esfriando, até que um dia se divorciaram.

Cinderela ficou sem chão, pois tudo em sua volta estava dando errado. Sua mãe disse que iria sair dos Estados Unidos e viria para o Brasil, pois queria ficar bem longe de seu ex-marido. Cinderela não poderia ir com sua mãe por causa de seus estudos na faculdade. Já seu pai logo casou-se com outra mulher que tinha duas filhas mimadas.

Sem querer fazer nada, Cinderela ia apenas para faculdade e quando voltava ia direto para o seu quarto, não saía com nenhuma amiga, pois estava muito desanimada. Até que um dia uma de suas amigas a chamou para ir a um baile, mas como sempre não aceitou, até que sua amiga insistiu muito e ela concordou em ir.

Já se preparando para ir suas “irmãs” falaram que ela estava feia e sua maquiagem estava horrível, Cinderela deu ouvidos e desanimou de novo. Estava ficando tarde e sua amiga preocupada, pois nada da Cinderela, até que resolveu ligar para ela. A amiga conseguiu reanimá-la e Cinderela chegou a tempo na festa.

No baile Cinderela dançou com um menino muito bonito e logo os dois ficaram juntos o resto da noite.

No outro dia Cinderela e Marcelo saíram cedo e passaram o resto do dia juntos, Cinderela estava muito feliz, sua alegria voltou naquele dia e nunca mais foi embora, pois eles se casaram, tiveram seus filhos e viveram felizes.

Neste texto fica clara a romantização do amor, pois os pais viviam bem e um dia se separaram, a menina Cinderela encontra o amor da vida dela, se casa, constitui uma família e vivem felizes para sempre. Outro ponto interessante, que a aluna acima teve a preocupação em detalhar, foi o lugar em que se passa a história, o que não acontece no conto Cinderela.

E algo bem comum é o comportamento das irmãs que não querem o bem de Cinderela, querem sempre prejudicá-la, mas desta vez tocam em um ponto muito sensível da garota, que é sua autoestima, que já está muito baixa devido à separação dos pais. A aluna traz à tona um problema vivenciado por muitos adolescentes.

Cinderela

Era uma vez em um tempo não tão distante desse, em pleno século XXI, uma garota chamada Celina, ela fazia faculdade de designer de moda na França, Celina tinha o apelido de Cinderela entre os amigos pelo fato de seu pai ter morrido enquanto viajava e ter que ir morar com sua madrasta e suas duas meio irmãs, pois sua mãe morrera em um acidente, e seu pai casara com sua madrasta após nove meses de sua morte. Como Celina era muito boazinha, ela fazia tudo que a madrasta e suas meio irmãs pediam. Uma coisa que ela não sabia era que sua vida estava preste a mudar.

Em um dia chuvoso, Celina como sempre foi para a faculdade de manhã, mas naquele dia sua rotina iria mudar drasticamente, ela colocou o fone no ouvido e colocou a melhor música do momento. Quando ela chegou em sua sala, todos haviam festa uma festa para a mesma, ela não sabia, mas iria ser contratada para trabalhar com Stella Nina Mc Cartney em Nova York na sua nova coleção, no instante em que Celina ficou a saber disso ela não deu nem notícias a sua madrasta e foi para New York.

Um tempo depois, ela conheceu Bryan, eles foram se conhecendo melhor, viraram grandes amigos, daqueles que contam todos os segredos um para o outro, o único segredo que Bryan não havia contado era que ele a amava. Um certo dia, sua madrasta descobriu onde ela estava e com quem ela trabalhava, como podem imaginar a madrasta foi até New York para ver sua enteada “querida”, óbvio que depois que Celina arrumou dinheiro sua madrasta começou a mimá-la, e suas meio irmãs também, para piorar a situação elas começaram a dar em cima de Bryan porque já que ele era rico e elas queriam dinheiro, claro que casar com alguém rico seria o jeito mais fácil de ganhar dinheiro. Depois que Celina mandou-as irem embora, pois ela tinha “muito trabalho”, ficaram apenas Celina e Bryan, depois de uns cinco minutos de silêncio constrangedor, Bryan quebra o silêncio, ele simplesmente olha para Celina e fala: “Eu sei que você está sempre muito ocupada, e que eu também devo te encher o saco por te ligar todo dia às 3:00 da manhã para reclamar do meu chefe, mas sendo direto, quer namorar comigo?”, nesse momento a única coisa que ela faz é olhar para Bryan e gritar: “Sim”, bom depois desse pedido vocês não precisam saber o que aconteceu o resto da noite.

Em pleno sábado às 6:00 da manhã se escuta bater na porta da casa de Celina, sua madrasta e suas duas meio irmãs, Celina se levantou e foi abrir a porta, e como ela sabia que era sua madrasta e companhia? Simples pelo fato de não pararem de gritar o nome dela, o ouvido chegava a doer só de escutar a voz delas. Quando ela abriu as pessoas já foram entrando, sentando no sofá e colocaram vários papéis na mesa e pedindo para que Celina assinasse, obviamente que Celina recusou a assinar papéis que ela nem chegou a ler, antes

dela começar a ler sua madrasta puxou os papéis de sua mão e disse: “Vamos Cinderela, pare com isso e seja boazinha como sempre foi e assine os papéis.”

Celina nunca gostou do apelido de Cinderela por isso sua madrasta a chamava assim. Ela não se conteve e retrucou: “Olha, você sabe muito bem que eu odeio que me chamem de Cinderela, e eu não vou assinar coisa nenhuma, porque eu sei que vocês querem meu dinheiro. Agora saiam da minha casa porque aqui vocês não são bem-vindas.” A madrasta olhou espantada para Celina, pois ela nunca havia dado uma resposta desse jeito para ela, em vez de ir embora sua madrasta e suas irmãs continuavam a pedir que ela assinasse os papéis, Celina estava por um fio de dar um tapa nelas em mandarem-nas ir embora, por sua sorte Bryan aparece e pergunta o que estava acontecendo, ele educadamente pede para a madrasta e companhia saírem da casa e da vida de Celina antes que ele chame a polícia para retirá-las de lá. Depois desse pedido elas saíram, e novamente ficou apenas Celina e Bryan, o tempo foi passando e não se ouvia notícias de sua madrasta e companhia, até que um dia elas foram pegadas pela polícia assaltando um banco, elas foram presas. E Celina e Bryan se casaram e adotaram dois cachorrinhos, Flin e Dara, até então eles são felizes trabalhando, viajando pelo mundo, brigando, pois ninguém é perfeito, e como eu sei disso tudo? Porque essa é minha história.

O texto da aluna A. é bastante diferente do conto Cinderela, ela procura mostrar como se comportariam a madrasta e as filhas em uma situação atual, com bastante criatividade também coloca o amor em sua história, mas não deixando de ser uma garota independente. Não podemos deixar de comentar também que nesta narrativa Cinderela é apenas um apelido atribuído pelos colegas à garota que ficou órfã.

Cinderela da atualidade

Em pleno século XXI, uma família ainda gostava de seguir os costumes de antigamente, com exceção de uma pessoa e essa pessoa era eu. Prazer me chamo Cinderela e eu perdi minha mãe muito nova, e meu pai se casou com uma mulher que eu ODIAVA, com suas filhas que eu também odiava.

Em um certo dia minha madrasta mandou:

- Cinderela, vá arrumar seu quarto agora!!_ exclamou_ E sai desse celular!!!

Eu estava sentada no sofá mexendo no celular, então a respondi:

- Ash!! Larga de ser chata... Eu arrumo meu quarto depois!! - Olhei para a mesma e revirei os olhos.

Meu pai chega na sala e ouve toda conversa, então fala:

- Cinderela respeite sua madrasta, e vá arrumar seu quarto ou irei tirar seu celular, ah e hoje vamos a uma festa, avise suas irmãs e coloque seu melhor vestido!

Eu respeitava muito meu pai, então subi para o meu quarto e avisei as minhas “irmãs” sobre a festa. Porém existia um problema, eu não gostava de vestidos. Chegou o dia do baile, meu pai estava vestido em um terno, minha madrasta e minhas “irmãs” estavam usando vestidos, e eu estava usando um short, um cropped, uma blusa amarrada na cintura e um tênis. Desço as escadas mexendo no celular, e vou para a sala onde todos estavam, todos me olham e então minha madrasta exclama:

- Que roupa é essa, menina? Você não vai com essa roupa não, né?

- É claro que vou com ela. Algum problema?

Então o pai diz:

- *Vá trocar essa roupa já, Cinderela! Caso contrário você não vai com a gente.*
- *Eu não vou me trocar, eu ou assim!*
- *Então você não vai_ disse meu pai saindo de casa e fechando a porta.*
- *EU NÃO PRECISO DE VOCÊS! - falei mais alto.*

Então peguei meu celular e chamei um Uber para ir até à festa. Peguei o Uber e cheguei na festa e todos me olhavam torto e cochichavam um para os outros, mas eu nem me importava, fui para mesa da minha família, eles fingiram que não me conheciam.

Fiquei metade da festa mexendo no celular, porque só tocava aquelas músicas antigas e lentas. Até que o filho do amigo do meu pai que estava coordenando a festa chegou perto de mim e disse:

- *Olá bela moça, você que é filha do Senhor Manoel? - perguntou me olhando.*
- *Sim, sou eu mesma. Por que? - respondi sem olhar para o mesmo, pois estava focada no celular.*
- *Você é realmente belíssima, nós iremos casar. Seu pai já confirmou com o meu.*

- Obrigada. Mas... não iremos nos casar, porque eu não quero...Me desculpe. - respondi e me levantei indo até meu pai e avisando a ele que eu iria embora, ele ficou bravo comigo, porém não ligou muito. Chamei o Uber e fui embora para casa.

No final das contas uma de minhas “irmãs” se casou com o menino e eu continuei da mesma forma, e me chamaram de ovelha negra da família.

Este texto, na verdade, é muito distante do conto Cinderela. A personagem tenta mostrar como são as garotas atualmente sendo tão independentes, mas acabou cometendo um deslize, pois fala de casamento arranjado nos dias atuais. Acaba revelando o lado rebelde e sem controle de algumas adolescentes que não obedecem aos seus pais e querem apenas ficar no celular.

Ao terminar esta oficina, podemos afirmar que foi bastante produtivo recontar o conto Cinderela, pois os alunos puderam ver que a história contada nos dias de hoje perde bastante o encanto e muita coisa mudou daquela época para os dias atuais. Mesmo assim, afirmaram ter aproveitado bastante o estudo do conto Cinderela e ainda destacaram o quanto é importante ler para ter imaginação.

Ficou claro com esta atividade que os alunos deixaram de ser meros leitores e construíram seu próprio texto, deixando suas experiências de mundo bem demarcadas nos textos. Reconhecemos que foi mais um passo dado para que avancem no seu processo de letramento.

3.4 OFICINA SOBRE O CONTO BARBA AZUL

3.4.1 1ª Oficina: Compreendendo o conto: Barba Azul

Duração: 2 horas/aula

Primeiramente, foi feita uma sondagem com os alunos, se eles já tinham ouvido este conto ou não, o que eles imaginavam ao ouvir o título e o que esperavam da história. Depois, contamos a história para os alunos, e em seguida colocamos o conto no *datashow* para que fizessem a leitura.

Durante a sondagem, percebemos que a maioria não conhecia o conto “Barba Azul”, mas começaram a imaginar como poderia ser a história: poderia ser um homem que pintava a barba, poderia ser uma barba postiça, poderia ser um alienígena, enfim, começaram a borbulhar ideias e ficaram curiosos com esta personagem. Não deixamos quem já conhecia a história contá-la para os colegas antes da leitura.

Os alunos fizeram uma leitura oral e coletiva, quando terminaram perceberam o quanto a história é interessante e violenta. Muitos fizeram os seguintes questionamentos: “Por que Barba Azul matou sua primeira esposa? As outras esposas até justifica a morte devido à curiosidade, mas a primeira esposa, qual seria o real motivo?” “Como pode, numa situação desta, tudo terminar bem?”

E em seguida, mediamos a compreensão do conto lido com algumas reflexões:

- ✓ Qual é a relação entre o enredo e o título do conto lido?
- ✓ O que foi entendido após a leitura do conto?
- ✓ Qual é o motivo que leva Barba Azul a matar suas esposas?
- ✓ O que mais lhe chamou atenção neste conto?
- ✓ A riqueza de Barba Azul trazia felicidade para ele? Justifique com um trecho do texto.
- ✓ Como é a descrição do lugar onde vivia Barba Azul?
- ✓ Em algum momento, Barba Azul agiu por interesse, tentando comprar a moça com quem desejava se casar?
- ✓ Por que as pessoas tinham medo de Barba Azul?
- ✓ Nos contos de fadas é comum existir um elemento ou objeto mágico, que é geralmente encantado por fadas, bruxas e etc. Nesta história, qual é o objeto mágico?
- ✓ O desfecho deste conto é surpreendente? Explique.
- ✓ Qual a passagem que mais lhe chamou atenção do conto Barba Azul?
- ✓ Você já leu ou ouviu alguma história parecida com o conto Barba Azul? Se sim, qual?

Os alunos perceberam que o personagem realmente tinha a barba azul e isto o incomodava muito, tanto é que todos naquele lugar tinham medo dele. Outro elemento é o

fato de que ele já tinha se casado várias vezes e todas suas esposas tinham desaparecido. Eles perceberam que o que o fazia matar suas esposas era a curiosidade delas, mas ficaram se perguntando o motivo de ter matado a primeira esposa, já que não havia uma justificativa aparente. Perceberam que os bens materiais não traziam felicidade para o personagem, pois, apesar de ser rico, era infeliz e todos tinham medo dele. Ficaram entusiasmados com a ideia de sete dias de festa para agradar uma moça para que se interessasse em casar com ele, perceberam assim o interesse dele.

Perceberam com bastante facilidade que o objeto mágico no conto Barba Azul é a chave, pois a mulher tentou limpá-la, mas não conseguiu tirar o sangue. Gostaram bastante do clímax da história, da parte da descrição do castelo de Barba Azul, da parte em que a curiosidade da mulher faz com que ela abra o quarto e encontre os vários corpos das mulheres assassinadas por Barba Azul.

Embora as ilustrações contribuíssem muito para aguçar a imaginação dos alunos, os mesmos não ficaram satisfeitos com o desfecho da história, esperavam mais, tudo foi resolvido com muita facilidade, segundo eles.

Ao serem questionados se conheciam alguma história parecida, responderam que o texto “As mil e uma noites” lembra um pouco este conto pelo fato de o sultão ter matado todas as suas ex-esposas, mas mesmo assim Sherazade se anima e se casa com ele e consegue se livrar da morte ao contar histórias toda noite para sua irmã.

O trabalho feito com o conto Barba Azul foi muito proveitoso, pois a maioria dos alunos não conhecia esta narrativa. Mais uma vez, confessamos que a escolha deste conto foi muito feliz, alavancando um pouco mais o interesse dos alunos pela leitura de contos.

3.4.2 2ª Oficina: Debatendo o tema do conto: Barba Azul

Duração: 2 horas/aula

Após a análise do conto Barba Azul foi realizado um debate com a turma sobre a curiosidade feminina.

O debate foi de muito proveito, pois os meninos tentaram defender que as mulheres são mais curiosas que os homens e estas apresentaram vários argumentos com situações comuns do dia a dia para provar que os homens são tão curiosos quanto as mulheres.

No final, eles chegaram à conclusão de que a curiosidade não é uma característica só das mulheres, que todo ser humano é curioso e pode ser movido a ações embaraçosas devido a sua curiosidade, como ocorre no conto Barba Azul.

Apesar da falta de maturidade de alguns alunos para debater em grupo, o resultado desta atividade foi satisfatório, pois propiciamos um momento de reflexão de algumas atitudes diárias do ser humano diante da curiosidade. O debate de um assunto tratado no texto literário, a curiosidade, levou os alunos a questionarem as suas próprias ações, gerando também reflexão sobre elas, quando perceberam mais uma possibilidade de entendimento da obra literária.

3.4.3 3ª Oficina: Modificando o desfecho do conto: Barba Azul

Duração: 2 horas/aula

Como não ficaram satisfeitos com o final da história, os alunos criaram um novo desfecho para o conto Barba Azul. A transcrição dos desfechos para o conto Barba Azul foi realizada por nós com o intuito de facilitar a leitura dos mesmos. Mas procuramos deixá-los o mais próximo possível do original. Os textos produzidos pelos alunos estão anexados ao Apêndice C desta dissertação.

Desfecho 1

...Logo após matarem Barba Azul, os irmãos da princesa foram até o quarto onde estava as mulheres mortas, um de seus irmãos viu que a chave era encantada então apontou a mesma para as mulheres e com um passe de mágica todas voltaram a vida. Ao verem aquilo ficaram boquiabertos. Eles passaram um tempo ali conversando.

No final das contas descobriram que Barba Azul matava as mulheres para ficar com suas riquezas, por isso, era tão rico, as mulheres ficaram muito agradecidas e dividiram suas riquezas com a princesa e seus irmãos.

Assim a princesa voltou a viver com sua família, passando um bom tempo sem se relacionar com ninguém.

Percebemos que este aluno quis fazer justiça com o personagem Barba Azul e também com as mulheres mortas. Criando um motivo para o personagem matar todas as suas esposas. O conto trabalhado contribuiu para que o aluno tivesse uma nova representação da realidade na ficção, ele levou seu desejo de justiça para a história narrada. A forma como o leitor recebe a obra e os efeitos que essa causa no leitor são extremamente importantes para que ele amplie

seu horizonte de expectativa. Neste caso, o texto estabeleceu um diálogo com o leitor, fazendo com que este participasse da história associando à leitura suas referências de forma, gênero, temática, ou seja, suas referências literárias, à sua experiência de vida (pessoal e cultural). Zilberman nos revela que:

Jauss considera que, entre a obra e o leitor, estabelece-se uma relação dialógica. Essa relação, por sua vez, não é fixa, já que, de um lado, as leituras diferem a cada época, de outro, o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular. (ZILBERMAN, 2008, p.92).

A relação entre obra e leitor pode fazer surgir releituras diferentes de acordo com a época e o leitor, pois a cada leitura o leitor precisa contextualizar-se com a obra lida e também colocar aí sua experiência leitora e de vida.

Desfecho 2

...A mulher que também era psicopata, ao ver aquele quarto com os corpos, feliz ficou e planejou a morte de Barba Azul.

Planejara então matar Barba Azul antes que ele a matasse. Quando Barba chegou, o empurrou da sacada de um dos quartos, Barba morreu, e ela e seus irmãos ficaram com o palácio e toda riqueza como herança.

Neste desfecho o aluno coloca os personagens como pessoas doentes, que querem vingança. O aluno interpretou o conto e deu um desfecho bastante subjetivo, surgindo assim uma nova interpretação, na qual ele põe em jogo suas fantasias, pois mesmo sendo psicopata, a mulher consegue ficar rica e feliz no final da história. O texto literário faz com que o leitor consiga envolver durante a leitura diversos sentimentos, como a angústia, o desejo de realização pessoal, desejo de vingança, etc. Petit (2009, p.43-44) afirma que os leitores “se apropriam do que leem, interpretam o texto, e deslizam entre linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias”.

Desfecho 3

... Barba Azul ressuscita porque sua barba era mágica. Barba Azul foi atrás da sua mulher para matá-la, mas ele não encontrou ela. Semanas depois a mulher descobriu que ele ressuscitou então fugiu mas ele a achou bem depressa em uma floresta bem afastada e lá ele disse:

- Eu irei te matar. Não pôde fazer isto antes, mas farei agora.

Ela muito assustada disse:

- Como você ressuscitou?_ pergunta ela.

- Eu ressuscitei com minha barba mágica. E do jeito que eu voltei a vida vou tirar a sua.

Então Barba Azul mata ela e some sem ninguém nunca mais achar.

Neste desfecho o foco maior é dado ao objeto mágico, a barba, que faz com que o personagem Barba Azul ressuscite, mas querendo praticar o mal contra a sua esposa. Diante da leitura e interpretação de um texto, caminhos muitas vezes desconhecidos são tomados pelo leitor, isto é fruto de sua subjetividade que não pode ser controlada pelo autor, pois o leitor idealiza nesta experiência sentimentos que estão em seu universo interno, que carrega suas experiências pessoais, expectativas, sonhos, etc., e assim acaba reinventando e acrescentando fatos ao texto lido. Guimarães nos alerta para este “risco”:

A constituição subjetiva advinda da experiência do texto literário tem a perspectiva adotada como conhecimento formador, deformador e transformador. A leitura pode ser considerada como viagem, rumo ao desconhecido, visto que tem perigos, como também, gratas surpresas. É utópico imaginar a leitura como algo que possa ser “objetivável”, porque diversos leitores chegariam a se projetar, devido ao fato, de que, o texto literário não é independente da subjetividade daqueles que o leem (GUIMARÃES, 2016, p.49).

A obra se renova diante dos olhos do leitor, pois a subjetividade está ligada à experiência de vida do mesmo, não sendo mais possível separá-las.

Desfecho 4

... A mulher implorando para não ser morta, os seus irmãos acabaram chegando para salvar sua irmã, começaram uma luta até que conseguiram matar Barba Azul. A mulher totalmente assustada e chorando deu um abraço em seus irmãos.

Passou dias ela ficou sabendo que ficaria com a herança toda de Barba Azul e então ela resolveu ajudar sua irmã e seus irmãos.

Anos se passaram e a moça continuava sozinha ela tinha medo de se apaixonar, tinha medo dos homens que poderia acontecer até que passou um dia um belo rapaz viu essa moça, ele fazia de tudo para ter a atenção da moça. Quando por um momento a moça começou a se interessar por ele, e ele por ela. Até que num belo dia eles resolvem se casar e aquele belo rapaz fez aquela moça muito feliz.

Neste novo desfecho, matam Barba Azul, a mulher fica um pouco traumatizada e depois de muito tempo ela se apaixona por outra pessoa que a faz muito feliz. Fica claro o desejo de que tudo fique resolvido, refletindo a tendência do final “...felizes para sempre” comum dos contos maravilhosos e também bastante característico para esta faixa etária de 13, 14 anos, pois ainda acreditam que na vida tudo caminha em prol da busca pela felicidade. Guimarães assegura que:

...as subjetividades norteiam o ato de ler, porque é um dos meios, pelos quais o sujeito constrói os significados do texto, está intimamente relacionado ao seu universo interno, que carrega experiências, expectativas e vivências singulares, que são mobilizadas no momento da leitura. (GUIMARÃES, 2016, p.53).

O leitor dispõe em sua leitura de toda sua experiência de vida, leva em conta suas emoções e expectativas, com isso sua experiência leitora também se amplia em cada obra lida.

Desfecho 5

[...] Quando a mulher abre a porta e se depara com os corpos no quartinho, rapidamente ela saiu correndo para o seu quarto e pensa em alguma coisa para fazer.

A moça muito aflita desce e fala para a sua irmã o que está acontecendo então elas decidem fazer uma armadilha para ele, quando ele chegasse de viagem ele iria ser decapitado em praça pública diante de todos, chegando a noite a moça recebe uma carta de seu marido dizendo que iria voltar de noite. Juntamente com sua irmã elas esperam-no chegar.

Muito tarde da noite ele chega e vê um bilhete de sua esposa a sua espera dizendo para ele ir para a praça local, chegando lá os guardas amarram o homem e colocaram ele na guilhotina e ali mesmo ele foi decapitado por seu crimes.

Nesta proposta de desfecho, apesar de diferente, a justiça tende a ser realizada da maneira mais cruel possível. Jouve (2002, p.19) ressalta que “[a]s emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção”, ou seja, o leitor se identificou com o texto e quis dar o final que gostaria que tivesse se fosse um fato real.

Apesar de não gostarem do final do conto Barba Azul, os alunos criaram finais bem parecidos com o do conto e tenderam a fazer justiça com o personagem Barba Azul. A oficina foi interessante, pois eles perceberam que criticar, reclamar de um final de texto literário é fácil, mas criar um desfecho diferente e atrativo não é tão simples assim. É necessária muita inspiração e técnica para produzir um texto literário. Este desafio foi proposto aos alunos para que eles pudessem ter uma melhor compreensão do conto lido, percebendo que um único texto pode ter várias interpretações, ou seja, diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato. Ao desenvolverem um novo desfecho, os alunos usaram de bastante subjetividade, tornando-se leitores ativos, entraram na história, mudaram o que não lhes agradara, com tudo isso, perceberam que também são essenciais na interpretação de um texto, podendo projetar no texto lido seus desejos e fantasias. Segundo Petit:

[...] os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido ou interpretado. (PETIT, 2009, p. 26).

Sendo assim, concluímos que a leitura de um texto literário sempre vai estar ligada à subjetividade de seu leitor, o que poderá levar a interpretações variadas, não dependendo somente do texto e de seu autor, mas precisando também da participação ativa do leitor. Guimarães (2016, p.55) reitera: “o leitor diante do texto literário é um agente, capaz de

interagir, reinventar ou até mesmo acrescentar fatos, porque, entende que há no ato de ler uma vivência subjetiva, dotada de reflexões e posicionamentos.”

3.4.4 4ª Oficina: Expressando impressões do conto: Barba Azul

Duração: 2 horas/aula

Nesta oficina pedimos para os alunos pintarem telas com imagens que representassem a passagem que mais lhes chamara a atenção durante o trabalho com o conto Barba Azul.

Acreditamos que esta foi a oficina mais apreciada pelos alunos, eles acharam o máximo trabalhar em sala de aula com tintas, pincéis e tela, ficaram muito relaxados e se comportaram muito bem durante a realização da pintura. Até mesmo o aluno com deficiência visual quis fazer a sua pintura. (Imagens 36 a 54). Ficou claro que existem inúmeras maneiras de expressarmos uma leitura realizada e que na escola podemos utilizar técnicas mais prazerosas no dia a dia de nossos alunos. Apesar de não termos tido tempo para analisar cada uma das imagens, ficou evidente que a transposição do texto lido para a pintura foi apreciada e os objetos representados são uma forma de manifestação do imaginário ativo do leitor.

Imagem 36 - Aluno durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 37 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 38 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 39 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 40 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 41 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 42 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 43 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 44 - Alunos durante a atividade de pintura



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 45 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 46 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 47 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 48 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 49 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 50 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 51 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 52 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 53 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 54 - Pinturas feitas pelos alunos



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

3.5 OFICINAS SOBRE O CONTO A BELA ADORMECIDA

3.5.1 1ª Oficina: Leitura e compreensão do conto A Bela Adormecida (Versão de Perrault – Anexo F e a versão dos irmãos Grimm – Anexo G)

Duração: 3 horas/aula

Nesta oficina foi feita a leitura coletiva das duas versões do conto “A Bela Adormecida”, em sala de aula, com o auxílio do *datashow*: a de Charles Perrault e a dos Irmãos Grimm. Depois os alunos fizeram alguns comentários sobre os textos lidos e a professora fez alguns questionamentos a fim de verificar o entendimento dos contos lidos, abordando as principais semelhanças e diferenças entre as duas versões.

Os alunos perceberam que na versão de Perrault (ERA UMA VEZ..., 2014a), o príncipe é um homem solteiro e sem filhos que busca uma princesa para constituir uma família, há a presença de sete fadas madrinhãs e uma fada má, que não foi convidada para o batismo de Bela Adormecida, que resolve infligir uma maldição à princesa. A maldição diz que quando fizesse quinze anos espetaria o dedo no fuso e morreria. Ouvindo isso uma das fadas madrinha resolve abrandar a maldição, fazendo com que a princesa dormisse por cem anos. Passados os quinze anos, a profecia se concretiza e a princesa fica desacordada por cem anos. Um dia, um belo príncipe consegue entrar no castelo e a beija, desfazendo assim por completo o encantamento e vivendo os dois felizes para sempre.

Já a versão dos Irmãos Grimm possui alguns fatos que se diferenciam da versão de Perrault, pois são no total, treze fadas, os pais também ficam desacordados durante cem anos e há a presença de uma rã que faz uma previsão para a Rainha de que teria uma filha (ERA UMA VEZ...2014b).

Também as duas versões, a de Perrault e a dos Irmãos Grimm, têm em comum a espera pela realização do casal em terem um filho, pois o Rei e a Rainha nos dois contos têm dificuldades para a concepção. No conto de Perrault, por exemplo, o Rei e a Rainha partiram até para a devoção religiosa “Fizeram tratamentos em termas de todo o mundo, promessas, peregrinações e devoções especiais. Experimentaram tudo, mas sem resultado.” (ERA UMA VEZ..., 2014a).

Esta oficina foi muito benéfica, tendo colaborado para a comparação de duas versões do mesmo conto *A Bela Adormecida*, permitindo que os alunos pudessem ter uma visão ampliada desta narrativa.

3.5.2 2ª Oficina: Leitura e compreensão do conto a Bela Adormecida (Versão de Giambattista Basile) (Anexo H)

Duração: 3 horas/aula

Nesta oficina foi feita a leitura da versão de “A Bela Adormecida”, de Giambattista Basile (BASILE, 2018), por todos os alunos da sala. Cada um lia um trecho, com o auxílio do *datashow*. Os alunos apreciaram muito a história contada, pois nunca tinham ouvido esta versão do conto *A Bela Adormecida*. De imediato comentaram que o que acontecera com a personagem Tália fora um estupro. Também se sentiram bastante envolvidos na parte em que a rainha pede para o cozinheiro cozinhar as crianças para o próprio pai, e também decide queimar Tália na fogueira.

A versão de Basile, cujo título é “Sol, Lua e Tália”, é bastante diferente das demais, pois apresenta fatos bastante violentos como: o pai que abandona a filha após perceber que ela estava sem vida “Depois, cerrada a porta, abandonou para sempre a casa, motivo de todos os seus males, para apagar completamente de sua lembrança o infortúnio sofrido.” (BASILE, 1925, p.2). O rei, que era casado e morava em um reino distante, encontra Tália e faz amor com ela desacordada: “O rei, acreditando que ela dormia, chamou-a. Mas ... tendo ficado excitado por aquela beleza, carregou-a para um leito e colheu dela os frutos do amor” (BASILE, 1925, p.2), Tália dá à luz a dois filhos “Depois de nove meses, Tália deu à luz a um par de crianças, um menino e uma menina”(BASILE, 1925, p.2), a rainha pediu ao cozinheiro que preparasse os filhos para o próprio pai “ordenou ao cozinheiro que os degolasse e preparasse com eles diversas iguarias e molhos para dar de comer ao pobre pai”(Ibid, p.3), a rainha ainda tenta queimar Tália viva em uma fogueira “a rainha não quis ouvir desculpas e, mandando acender no meio do pátio do palácio uma grande fogueira, ordenou que Tália fosse nela lançada.”(Ibid, p.4), e por fim quem acaba queimada é a própria rainha.

Algo bastante positivo na leitura deste conto é que os próprios alunos perceberam o nível da linguagem empregada e disseram ter gostado muito, pois segundo eles a história fica

mais rica, mais interessante, cheia de detalhes. Então explicamos que foi utilizada uma linguagem literária, e que realmente torna o texto mais rico.

Os alunos comentaram que este conto é muito pesado para crianças, logo tivemos que explicar que o mesmo não foi feito para ser contado para crianças, e sim para pessoas adultas. Também ressaltamos que existem alguns estudiosos, como Bruno Bettlheim (2019), que nos esclarece sobre algumas conotações sexuais presentes no conto A Bela Adormecida, como por exemplo, a transição de criança para a adolescência, sendo esta simbolizada pelo derramamento de sangue ao tocar a roca. Ainda na simbologia, a portinha com chave e fechadura costuma representar, nos sonhos, os órgãos sexuais femininos, girar a chave simboliza a cópula, os movimentos da roca conotam também a cópula. Ainda, não pudemos também deixar de lembrar a menstruação, que na origem bíblica é chamada de “maldição”, e que faria a mulher sangrar em um determinado período do mês. Os alunos acharam fantástica a apresentação destas simbologias.

Esta oficina foi muito proveitosa e representou um avanço na discussão de uma terceira versão do conto A Bela Adormecida. Nesse momento, ficou muito evidente que a progressão dos textos trabalhados havia gerado uma contribuição riquíssima para o letramento literário dos alunos. A novidade nesta versão estava a cargo da discussão da simbologia que poderia ser lida através do texto e sua linguagem, demonstrando para eles a riqueza a explorar em um texto literário.

3.6 OFICINAS SOBRE O CONTO A BELA E A FERA

3.6.1 1ª Oficina: Filme: A Bela e a Fera

Duração: 4 horas/aula

Para iniciarmos os trabalhos do conto A Bela e a Fera conversamos com os alunos sobre o filme A Bela e a Fera, alguns disseram já ter assistido, mesmo assim pedimos para que procurassem assistir prestando bastante atenção aos detalhes como roteiro, musicalização e a linguagem utilizada no decorrer das cenas.

Os alunos assistiram ao filme na sala de vídeo da escola, pelo *Youtube* (A Bela e a Fera, 2017) e foram necessárias três aulas para verem o filme completo, pois sua duração é

de 2h:09min.:51s. Eles ficaram bastante atentos, pois normalmente eles gostam de assistir filmes.

Após assistirem ao filme, conversamos sobre as cenas que mais chamaram a atenção deles. Foi relatado que as cenas que mais gostaram foram aquelas com efeitos especiais, como a viagem do pai até chegar ao castelo da Fera, as cenas em que os objetos se comportam como seres humanos, e também não deixando de lado a cena da dança da Bela e a Fera.

3.6.2 2ª Oficina: Trabalhando a canção do filme A Bela e a Fera

Duração: 2 horas/aula

Nesta oficina foi trabalhada a canção *Beauty and The Beast*, adaptada ao português como *Sentimentos*, disponibilizada através do vídeo do *Youtube* com a animação da cena da dança da Bela e a Fera. (SENTIMENTOS, 2010). Discutimos alguns fragmentos do texto da canção, como as frases: "Sentimentos são fáceis de mudar", e "sentimentos vêm para nos trazer novas sensações". Os alunos apontaram pontos importantes, como o fato de atualmente as pessoas valorizarem mais a aparência física do que as atitudes, o motivo da banalização do amor e também a coragem de Bela.

3.6.3 3ª Oficina: Leitura e compreensão do conto a Bela e a Fera (versão dos irmãos Grimm) (Anexo I)

Duração: 2 horas/aula

Após termos assistido ao filme e debatido alguns elementos do texto de uma de suas canções, propusemos a leitura coletiva em sala de aula do conto *A Bela e a Fera*, na versão dos Irmãos Grimm (MICROVIP, s.d.). Em seguida, tecemos alguns comentários comparando o filme com o conto lido.

- ✓ Você já tinha ouvido ou lido esse conto de fadas?
- ✓ As aparências podem enganar ou é sempre assim, quem é feio é mau e quem é bonito é bom?
- ✓ Qual o problema da personagem Fera? O que lhe falta? Qual sua necessidade?

- ✓ Por que ela é infeliz?
- ✓ Você já viveu momentos em que foi infeliz? Pode contá-los?
- ✓ Bela tinha qualidades, cite-as.
- ✓ Qual a sua opinião sobre a beleza externa e interna das pessoas?
- ✓ Essas qualidades são comuns nas pessoas que você conhece?
- ✓ Bela trocou de lugar com o pai, tendo uma atitude de mulher cuidadora. Você conhece pessoas que fizeram ou fariam o mesmo que Bela? Comente.
- ✓ Quanto à relação entre irmãos: existe uma disputa envolvendo ações boas e más?
- ✓ Quem vence nessa disputa? Os bons ou os maus? Justifique.
- ✓ Você já sentiu ódio, raiva, medo de alguém e depois quando conheceu melhor a pessoa, mudou seus sentimentos? Justifique.
- ✓ E ao contrário, amou, gostou, simpatizou com alguém e depois passou desenvolveu um sentimento contrário? Justifique.
- ✓ Você concorda com o que a Fera fez com o pai de Bela? Justifique.
- ✓ A Fera maltratou Bela?
- ✓ E Bela maltratou a Fera?
- ✓ Por que a Fera ficou doente?
- ✓ No conto A Bela e a Fera, as irmãs de Bela são invejosas. Invejar alguém é uma atitude correta?
- ✓ Quais semelhanças e diferenças notadas entre o filme e o conto lido?

Durante nossa conversa, percebemos que grande parte dos alunos já tinha ouvido este conto, revelando uma grande admiração pela história contada, relataram que este encanto provém do fato de o caráter ser mais valorizado do que a aparência física, o que não acontece com frequência na sociedade moderna, pois a aparência muitas vezes vale mais do que a atitude, o caráter de uma pessoa. No conto e também no filme revela-se a Fera como uma personagem que não é feliz, pois tem aparência animalesca e não sabe lidar com suas emoções advindas dessa maldição. Essa tensão impede a sua felicidade e acabou levando os alunos ao entendimento de que na vida real existem muitas pessoas que se sentem infelizes pelo fato de não serem bonitas, apesar de terem bom coração. Muitos deles revelaram que já se sentiram infelizes em momentos como: quando tiraram nota muito baixa, viram seus familiares brigando, quando se apaixonaram por alguém que os desprezou, por se acharem feios, por não serem muito sociáveis na escola, etc.

Eles destacaram também que Bela era “perfeita” porque tinha beleza física e bom coração, que conhecem algumas pessoas assim, mas que são raras e especiais. Quanto à atitude de Bela em aceitar ficar no lugar do pai, por amor a ele, eles afirmaram que a única pessoa que tomaria uma atitude desta na vida real seria a mãe deles, para salvar a vida dos filhos. Já ao falarem dos irmãos disseram que alguns irmãos são invejosos, mas que não são tão maus quanto às irmãs de Bela, a ponto de desejarem o pior para eles. Ainda acreditam que o mal sempre vencerá o bem, que isto não é só coisa de conto de fadas.

Quanto à mudança de sentimentos ao conhecer melhor uma pessoa, eles disseram que o ser humano é carregado de muito preconceito, por isso muitas das vezes os sentimentos mudam quando passam a conviver mais com o outro. E ainda ilustraram o argumento com o conto A Bela e a Fera, pois Bela foi para a casa de Fera com muito medo, com a missão de salvar o pai e achava a Fera horrorosa. Com o passar do tempo e também com as atitudes de carinho e respeito entre as personagens Bela e Fera, nasceu o amor entre eles.

Entre os alunos houve unanimidade em afirmar que a inveja é um sentimento muito ruim, e que só faz as pessoas sofrerem. Eles acharam as histórias contadas tanto no conto quanto no filme bastante parecidas, mas o filme possui muitos efeitos especiais o que o torna mais divertido, possui mais personagens. Gastón, por exemplo, é um personagem que não aparece nos contos lidos; existe uma perseguição à personagem Fera que também não é narrada nos contos, além do filme ter mais ações e a musicalização que o torna mais agradável.

3.6.4 4ª Oficina: Leitura e compreensão do conto A Bela e a Fera (Versão original)

(Anexo J)

Duração: 3 horas/aula

Antes de começar a leitura do conto, trabalhamos suas imagens e depois lemos coletivamente o conto em sala de aula, com auxílio do *Datashow*. Demorou bastante tempo, pois é um conto longo (BEAUMONT; VILLENEUVE, 2016).

Os alunos prestaram bastante atenção às imagens que mostravam a Fera. Em cada uma, a Fera se parecia com um animal diferente: uma hora falavam que o personagem se parecia com um macaco; outra, com um lobisomem e no final se tornou um homem. Também mencionaram a diferença das imagens do texto com imagens do filme, observaram detalhes

nas vestimentas dos personagens e na decoração dos lugares o que sugeria ser de uma época bem antiga.

Durante a leitura, cada aluno lia um trecho para evitar que a atividade ficasse cansativa. Quando terminaram a leitura, começaram a comparar o filme e os dois contos lidos. Acharam bastante interessante a diferença entre eles, pois apesar de o filme ser recheado de efeitos especiais, o conto conta mais detalhes, as descrições ajudam a visualizar melhor as cenas.

Ao término desta oficina, ficaram bem claras as diferenças e semelhanças entre os contos lidos, a música do filme e o próprio filme. Os alunos puderam compreender melhor que são três leituras diferentes, mas que cada uma toca o leitor de uma forma única, com emoções e sensações diferenciadas. Sendo assim, salientamos que nossos alunos amadureceram um pouco ao experienciarem cada uma destas leituras.

3.7 OFICINAS SOBRE OS CONTOS CINDERELA, BARBA AZUL, A BELA ADORMECIDA, A BELA E A FERA.

3.7.1 1ª Oficina: Apresentações variadas

Duração: 4 horas/aula

Para finalizar o trabalho feito com os contos, os alunos prepararam algumas apresentações mostrando uma nova interpretação dos contos lidos. Fizeram teatros, paródias, desenhos, cartazes, teatro de sombras e outros. A seguir algumas fotos das apresentações sobre todos os contos trabalhados feitas pelos alunos (Imagens 55 a 64).

Imagem 55- Apresentação realizada pelos alunos - teatro



Fonte: Acervo da autora (2019)

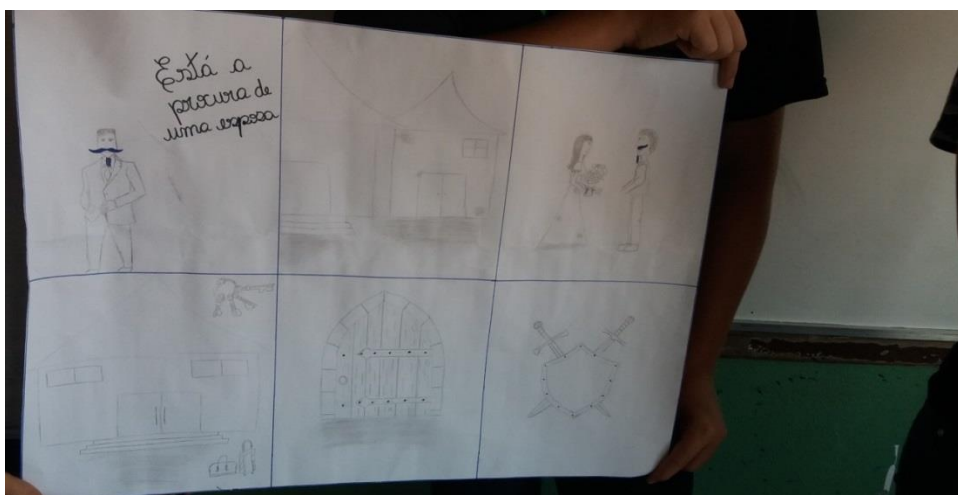
Imagem 56 - Apresentação realizada pelos alunos- teatro



Fonte: Acervo da autora (2019)

Este grupo de alunos representou o conto Cinderela de uma forma bastante moderna, alguns elementos do enredo foram adaptados, como por exemplo: um baile *funk*, um príncipe com trajes de funkeiro, em vez de sapatinho de cristal, a princesa usa um chinelo moderno. Na verdade, eles mostraram como é a realidade deles hoje. Normalmente frequentam estes bailes *funk* e se conhecem de forma rápida. Mas o que nos interessa aqui é que eles conseguiram de alguma forma retratar o conto Cinderela nos dias atuais.

Imagem 57- Apresentação realizada pelos alunos- cartaz ilustrativo



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Esta foto mostra o trabalho de uma garota que recontou o conto Barba Azul através de uma sequência de imagens, desenhos feitos por ela mesma. O mais interessante é perceber que os contos ficam armazenados na imaginação deles de formas bastante variadas.

Imagem 58 - Apresentação realizada pelos alunos- paródia



Fonte: Acervo da autora (2019)

Aqui vemos os alunos que fizeram uma paródia com o conto A Bela Adormecida; é perceptível a alegria deles ao apresentarem-na para a turma.

Imagem 59- Apresentação realizada pelos alunos- cartaz



Fonte: Acervo da autora (2019)

Mais um grupo que apresentou o conto Cinderela através de um cartaz com desenhos feitos por eles mesmos e contaram oralmente a história para toda a turma.

As imagens a seguir são de um trabalho feito por um único aluno, mas o trabalho teve uma grande repercussão na escola, pois todos apreciaram muito, o aluno contou a história do conto A Bela e a Fera através de um teatro de sombras. As pessoas que assistiram ficaram encantadas com o capricho e criatividade do aluno. E o mesmo foi convidado para apresentar no contraturno o trabalho para os alunos do Ensino Fundamental I da Escola.

Mais uma vez, colhemos os frutos do nosso trabalho, conseguimos atingir a equipe escolar, fazendo com que o trabalho com leitura de contos seja divulgado e valorizado em nossa escola.

Imagem 60- Apresentação realizada por aluno- teatro de sombras



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 61- Material confeccionado por aluno- teatro de sombras



Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Imagem 62 - Apresentação realizada por aluno para outras turmas da escola - teatro de sombras



Fonte: Acervo da autora (2019)

O grupo abaixo apresentou o conto A Bela e a Fera, mas de uma maneira diferente, eles mostraram a história de criação do conto, pesquisaram desde a origem até as adaptações feitas para o cinema. Foi muito interessante, pois realizaram uma bela pesquisa.

Imagem 63 - Apresentação realizada pelos alunos- pesquisa do conto A Bela e a Fera



Fonte: Acervo da autora (2019)

Imagem 64 - Apresentação realizada pelos alunos - teatro



Fonte: Acervo da autora (2019)

Este grupo de alunos fez um teatro cheio de humor com fundo crítico, em que foi representado um casal de avós que contam para os netos a história da Cinderela. Os netos questionam, o tempo todo, a história contada. O mais interessante é quando os netos questionam se os avós viveram felizes para sempre, os avós se entreolham e dizem que são felizes até hoje. Lembrando que a avó interpretava a própria Cinderela e o avô, o príncipe. Eu gostei muito da postura dos alunos ao proporem esta visão crítica para os colegas e também por ser uma contação de história teatralizada.

Seguidamente temos a transcrição de uma paródia sobre o conto Barba Azul criada por um único aluno.

Paródia: *Barba Azul*

*O Barba Azul era um cara irritante
louco, com cara de doente
Foi assim que descreveu
certo dia uma menina na sua casa apareceu.*

*E então depois de um tempo nela passou
a confiar
Disse que precisava sair e a chave com ela
ele ia deixar
Mas botou logo uma condição
E já falou logo não abra essa porta não.*

*A menina ficou muito curiosa mas prometeu
não abrir a porta não
Assim que o Barba Azul saiu ela já começou
logo a limpar a casa.*

*Até que chegou na porta e resolveu abrir
Assim que viu o que tinha dentro ficou
horrorizada e logo um grito soltou
Barba Azul estava ali perto correu
para ver o que aconteceu
E assim que chegou em casa ficou
enfurecido e disse que a avisou.*

*Agora a menina estava ferrada
coitada dela ele ia a matar
Mas seus irmãos chegaram a tempo de a salvar
Eles mataram aquele monstro e o seu final feliz
todos iriam encontrar.*

Fonte: Autoria do aluno participante desta pesquisa (2019)

Um aluno criou esta paródia sobre o conto Barba Azul em cima da letra da música Faroeste Caboclo do grupo Legião Urbana. O que mais me chamou a atenção nesta paródia foi a criatividade e coragem do aluno ao apresentar sozinho para toda a turma.

3.7.2 2.^a Oficina: Fechamento dos contos: misturando os contos

Duração: 2 horas/ aula

Nesta oficina os alunos criaram contos novos a partir dos contos estudados, misturaram personagens, tempo, espaço, parte do enredo, enfim, usaram e abusaram de toda criatividade possível. Os textos produzidos foram transcritos por nós e apresentam erros gramaticais e sintáticos, pois procuramos deixá-los o mais próximo possível do original. Lembrando que os textos originais estão no Apêndice desta dissertação.

Surpresa

Barba Azul, um homem muito conhecido por sua beleza e por ser um dos homens mais ricos da cidade. Ele se sentia sozinho então resolveu fazer uma festa para escolher uma noiva.

Na festa ele escolheu a mais bonita das moças. Mas uma outra moça ficou com raiva e então colocou um feitiço em Barba Azul por não amar ninguém a não ser ele mesmo e julgar pela aparência, o transformou em fera, e junto à aparência uma maldição o seguia.

Depois de um tempo uma garota ouviu falar sobre o Barba Azul ter virado fera, e não acreditava que existiria alguém tão ruim, então ela foi conferir.

Chegando no lugar ela se deparou com uma horrível fera, ela se assustou muito, mas não saiu do lugar, seus pés não mexiam, parecia que estavam dizendo-lhe para ficar ali, ela

resolveu ficar, mas a Fera não gostou da ideia, mas a deixou entrar e ficar. O tempo passou e a Fera começou a gostar de Bela, e começou a ver semelhança entre a moça que ele tinha escolhido para ser sua futura esposa e a Bela. Logo ela caiu em sono profundo, pois essa era a maldição que ele carregava junto com sua aparência, a Fera ficou muito chateada, pois tinha pensado que Bela era seu amor verdadeiro, então ele a colocou na mais bela cama, não queria colocar Bela junto as outras moças que antes haviam tentado tirar a maldição de Barba Azul. O tempo foi a passar e Fera ficou muito doente pois sentia falta de sua amada. Com o tempo seus empregados começaram a se preocupar com ele, um dia disseram-lhe que ele precisava esquecer Bela, nesse momento Barba Azul foi ao quarto de Bela e se despediu dela com um beijo em sua testa, quando estava a ir embora Bela o chamou, quando Barba Azul escutou a linda voz de Bela ele correu para abraçá-la, então a Fera resolveu lhe contar toda a verdadeira história, Bela ficou muito chateada com tudo aquilo que acontecera com Barba Azul, então lhe deu um beijo e assim ele voltou ao que era antes, apenas a aparência mudou, mas o caráter que ele tinha antes desaparecera.

De repente ouviram gritos e lembraram das outras mulheres que ele havia colocado em um quarto pois haviam adormecido, correram até lá e as deixaram ir embora. Depois de rirem bastante da situação, Barba Azul mostrou a Bela uma caixa que ele havia colocado a lembrança da moça mais bonita que já havia conhecido, Bela começou a rir muito e Barba Azul então perguntou o que havia acontecido, então ela respondeu:

- Eu perdi esse sapatinho de cristal no dia do baile, que você havia feito.

Eles riram muito disso.

O tempo passou, eles se casaram, viveram felizes para sempre.

Moral: *Sempre conheça a pessoa melhor antes de tomar uma decisão precipitada.*

Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

A aluna A. contou uma nova história misturando as personagens dos contos Barba Azul, A Bela Adormecida e Cinderela e também aproveitou de algumas partes do enredo destes três contos.

Tudo misturado

Certo dia Barba Azul, um cara cheio de charme... entrou no conto da Bela Adormecida uma grande dorminhoca que sem querer parou no imenso castelo da Bela e a Fera, uma loucura e tanto.

Barba Azul, Bela Adormecida e Bela e a Fera se meteram em uma grande enrascada, colocando seus contos em perigo.

Era Natal e queriam se reunir, porém seria impossível, pois no momento que se juntassem iriam virar um só conto! E foi aí que saiu a brilhante ideia de voltarem aos seus contos antes da meia noite como a história da Cinderela. E lá se foram passar o Natal juntos, era muita comida, amigo secreto, brincadeiras entre outros, meia noite estava próximo e todos saíram correndo na última badalada do enorme relógio, não conseguiram chegar aos seus contos e então o grande livro de história onde todos ficam começou a bugar e todas as páginas estavam brancas, sem conto algum, naquela noite todos ficaram desesperados não pensavam em nada a não ser como iriam consertar o grande livro!

O Natal estaria ao fim e páginas sem contos ficariam. Cinderela que não via sua fada madrinha há tempos resolveu convocá-la e para isso precisaria de uma gigante abóbora, igual a que sua madrinha usou na noite do baile.

“Vamos à caça!” _ disse Bela.

Chegaram a uma horta logo depois do castelo da Bela Adormecida, a princesa qualquer lugar que encostava dormia, mas no final conseguiram a abóbora com uma gentil camponesa. Voltaram para o Reino da Cinderela e conseguiram falar com a Fada Madrinha e então ela os ajudou mas no final pediu para que nunca mais fizessem isso.

E viveram felizes para sempre, CADA UM NO SEU CONTO!!!

Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019).

Nesta produção, a aluna fez uma grande mistura dos personagens dos contos trabalhados, misturou os elementos mágicos, mas não deixou ninguém esquecer de que cada um pertence ao seu conto, que nem mesmo a magia do Natal pode deixá-los misturados.

Era uma vez um castelo mágico, que vivia uma pequena família composta por 3 princesas.

Barba Azul era pai de Aurora, Cinderela e Bela. Eles viviam a anos no castelo, só que as garotas não podiam sair para nada. Certo dia ocorreu um baile de máscaras onde todas as garotas da cidade foram convocadas para conhecer a Fera e quebrar o feitiço.

O pai das meninas proibiu-as de irem ao baile, sendo assim deu um chá para as três fazendo elas apagarem por dias.

Quando acordaram fugiram pro castelo de noite, já que Barba Azul estava dormindo. Chegando lá não havia ninguém, elas exploraram o local até acharem o quarto da Fera.

A Fera estava deitada custando respirar, as princesas assustadas tentavam ajudar só piorando a situação.

Cinderela deu a ideia de beijar a Fera. Quando o beijou quebrou o feitiço transformando-o em um lindo príncipe.

Eles se casaram e foram pra longe junto com a Bela e a Aurora.

Barba Azul se arrependeu de ter dado o chá as suas filhas, já que se deu conta que havia sido deixado por elas.

Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019).

Mais uma vez houve uma mistura total de elementos dos contos lidos, mas não deixou de lado o romantismo dos contos clássicos de fadas. O interessante é três princesas serem da mesma família e morarem juntas.

Bela

Era uma vez, uma bela jovem chamada Bela, uma garota meiga, educada, mas odiada por sua família, invejada por suas irmãs, o pai não ligava para nenhuma das filhas, e sua mãe havia falecido. Mas Bela nunca ligou para as irmãs e o pai, eles a faziam de empregada, ela fazia todo o serviço de casa.

Bela era uma moça que amava ler e se aventurar. Bela estava cansada, resolveu ir a floresta para ler, acabou que ela adormeceu e quando acordou estava escuro e ela se perdeu, ela começou a andar, andar, andar... até que ela chegou a um castelo, parecia ser

abandonado, mas mesmo assim ela entrou, e um homem desceu as escadas para recebê-la. Bela assustada, resolveu ficar para jantar.

O homem do castelo se apresentou, seu nome era Paulo, e ele contou sua história, que ele não ia a cidade, porque todos da cidade diziam que ele matava mulheres que ele se casava, mas pediu para ela não se assustar, pois não era verdade. Bela não aceitou ficar lá, pois seu pai estava esperando ela. Paulo insistiu que ela dormisse no castelo, ou que ela contasse sua história, porque ele não acreditou na desculpa do pai. Bela contou sua história para ele e acabou adormecendo, no outro dia, suas irmãs estavam mortas, pois ele havia matado elas, ele alegou que a inveja delas não deixava ela ser feliz, ela tentou fugir, mas, ela acabou sendo morta também, porque ele disse que ela foi ingrata, ninguém nunca mais soube da história, que continuou acontecendo com outras garotas.

Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019).

Uma coisa ninguém pode negar: o personagem Barba Azul ficou marcado na memória dos alunos. Em todas as produções textuais temos a presença deste personagem!

Berella Azul

Era uma vez, uma princesa não tão comum. Ela tinha reino, vestidos, sapatos, jóias raras e perfil impecável, mas era amaldiçoada. Quando estava para nascer, seus pais (que eram gananciosos) fizeram enxoval de ouro, berço de diamantes e enfeitaram seu quarto com lustres de cristais. No dia de seu nascimento, uma fada revoltada decepcionada com o rei e a rainha, lançou uma maldição onde ela crescerá com um homem horrendo.

Ele a proibia de sair de casa, e jurava que era sua esposa. Não havia algum dia em que Berella não pensasse em degolá-lo com sua enorme Barba Azul.

Um belo dia, convites foram entregues para o grande baile, e ela o recebeu. Escondeu do velho e saiu para festejar. Lá, se encontrou com o príncipe e dançou com o mesmo. Foi embora à meia-noite, pois Barba Azul não podia notar. Perdeu sua jóia mais preciosa que usava na noite, mas não voltou para buscar, pois ele corria atrás dela para que não fosse.

Os guardas do castelo, quando souberam, impediram-no de procurá-la. Relutante, o príncipe lutou até o fim.

A princesa, arrependida voltou para seu encontro, mas achou ele ao chão. Preocupada, o socorreu enquanto dizia que lhe amava e que não podia abandoná-lo. Então, o príncipe abriu seus olhos e se encheu de felicidade por vê-la. Se recuperou pelas lágrimas derramadas por ela, que eram mágicas.

E então, Berella se livrou de sua maldição, pois pela única vez, o amor era mais forte e mais valioso que suas regalias.

Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019).

Neste novo conto, a criatividade rola solta, pois começa com o título: Berella, mistura de Bela e Cinderela. Tem maldição, perda de joia em vez de sapatinho, lágrimas mágicas.

Quanta imaginação!

As três mulheres

Em um reino um pouco distante dos outros moravam dois príncipes, um era muito bonito e o outro nem tanto.

Muitas mulheres queriam morar naquele castelo, mas nenhuma delas sabia a verdade, quando uma mulher se apaixonava pelo o outro príncipe conhecido como Barba Azul, eles a matavam. O príncipe mais bonito se transformava em uma fera muito grande e Barba Azul guardava os corpos em um quarto escondido em seu castelo.

Três mulheres, tachadas como loucas, tentavam avisar as outras mulheres para que não entrassem no castelo, mas ninguém ouvia elas. As três se chamavam Cinderela, Bela e Aurora e eram muito belas.

Uma das irmãs de Cinderela se apaixonou por Barba Azul, Cinderela e suas amigas muito preocupadas com ela foram para dentro do castelo dos príncipes enquanto eles saíram.

As três entraram no castelo juntas e foram entrando em cada cômodo do castelo, Aurora o quarto com os corpos das mulheres, Bela achou uma espada mágica no quarto da fera que poderia mata-los só que era muito pesada e precisaria de todas juntas para segurar a espada.

Cinderela achou sua irmã amarrada no quarto de visita e a soltou, quando acabou de desamarrá-la, os dois chegaram e viram que tinha alguém em seu castelo.

Bela, Aurora, Cinderela e sua irmã se juntaram, pegaram a espada mágica e mataram eles rancando suas cabeças. Quando morrem os príncipes uma magia que tinham lançado no reino se foi e todos viram que as três estavam certas e elas viraram as novas princesas do reino.

Fonte: Autoria dos alunos participantes desta pesquisa (2019)

Aqui há a mistura de personagens, mas o desfecho é bastante triste para os príncipes, que são assassinados pelas princesas.

Gostaríamos de enfatizar que todas as produções textuais foram transcritas da mesma forma que os alunos as produziram, por isso existem muitos erros de concordância, ortografia, e até mesmo de coesão e coerência. O que levamos em conta nesta análise foi a criatividade e o sentido dado aos textos.

4 REPENSANDO O TRABALHO REALIZADO E OS RESULTADOS

Assim que encerramos as oficinas, fizemos a leitura de todo o material coletado e aplicamos o segundo questionário para verificarmos alguma mudança no resultado do desenvolvimento desta intervenção com nossos alunos.

O segundo questionário de mapeamento de leitura possui algumas perguntas idênticas às feitas no primeiro, mas tem como objetivo analisar o desenvolvimento de letramento literário de nossos alunos pós-atividades da intervenção. A primeira observação a ser discutida é que percebemos algo muito importante: já não é mais necessária a separação dos alunos em dois grupos, pois detectamos que ambos os grupos tiveram um grande aproveitamento superando expectativas. Notamos, portanto, que a intervenção foi extremamente válida para criar uma equidade no processo de letramento literário, uma vez que no início era visível o distanciamento das turmas.

Começando com a primeira questão: *Para você, o que é leitura?*

Para nossa surpresa, 100% dos alunos responderam ao questionário aplicado. Lembrando que no primeiro questionário alguns alunos não quiseram responder ou talvez se sentissem inseguros para responder. As respostas foram bastante variadas e também mais complexas.

Algumas respostas dos alunos à questão 01 que define o que é leitura para eles:

“... é poder compreender melhor o que acontece ou aconteceu ao nosso redor.”

“... é abrir o coração para coisas novas.”

“... é resgatar a criança que existe em cada um de nós.”

“... é compreender a importância da fantasia em nossa vida.”

“... é viajar com um simples conto de fadas.”

“... é poder ver o mundo através de outros olhos.”

“... é uma magia.”

“... é fazer uma ligação entre a ficção e a realidade.”

“... é se inspirar nas histórias, se envolver nos contos.”

“... é conhecer novos mundos.”

“... é algo muito prazeroso.”

“... é dar vida a um texto.”

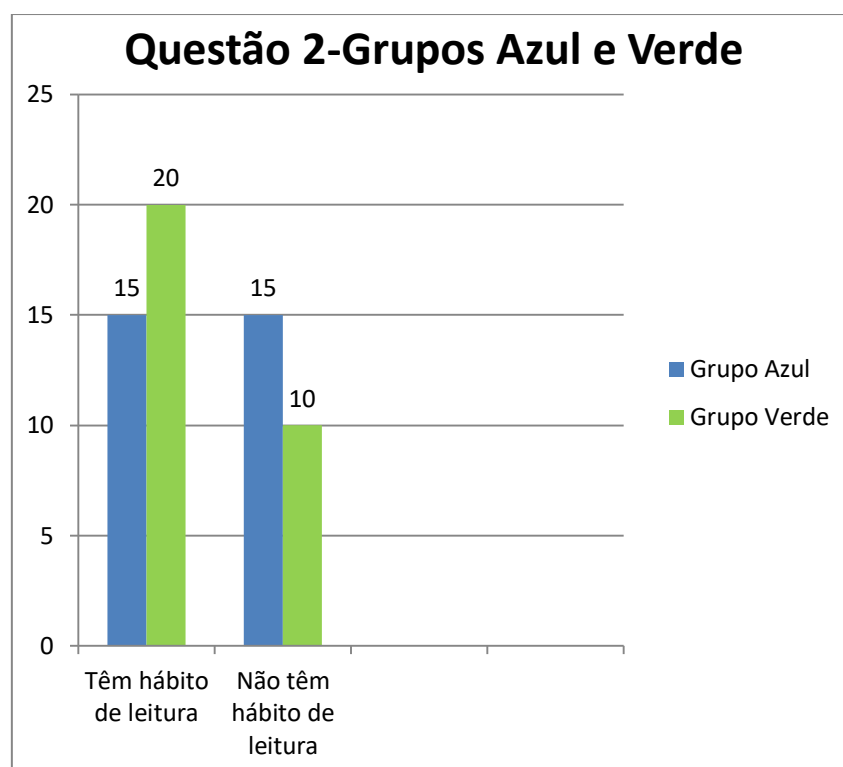
Ficou bem claro que os alunos amadureceram sua ideia sobre leitura e que a maioria entendeu seu verdadeiro valor, apesar de vivermos em um lugar onde ela é ainda pouco

valorizada, podemos afirmar que estes alunos aproveitaram com êxito o conhecimento compartilhado.

A segunda questão averigua a prática de leituras no dia a dia: *Você tem hábito de leitura?*

Nesta questão, os alunos ainda se revelaram um pouco tímidos, desencorajados em se afirmarem leitores. No Grupo Azul 15 (50%) alunos responderam que possuem o hábito de leitura e 15 (50%) não possuem hábito de leitura. (Gráfico 17). Já no Grupo Verde 20 (66,6%) alunos disseram ter o hábito de leitura e 10 (33,3%), não. (Gráfico 17).

Gráfico 17- Dados referentes à questão 02 (Grupo Azul e Verde) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019)

Apesar de alguns continuarem afirmando não terem hábito de leitura, eles se propuseram a tentar ler um pouco mais, pois agora compreenderam melhor a importância de ler, que não é apenas um objetivo escolar, que a leitura pode propiciar bons momentos e até prazeres em suas vidas. Também pudemos notar através das porcentagens, que aumentou o número de leitores. Provavelmente o projeto tenha contribuído para que estes alunos entendam que eles praticam leitura o tempo todo, que existem formas diferenciadas de realizá-la.

A questão de número três procura desvendar o gosto dos alunos leitores: *Se sim, o que você lê?*

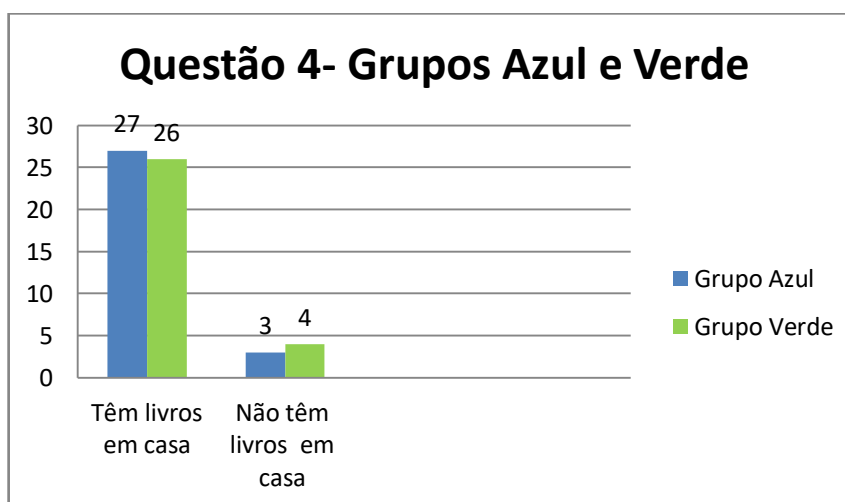
Ao responderem esta questão, as repostas dos dois grupos foram bastante parecidas, pois a maioria gosta de ler romances, o interessante é que agora eles afirmaram também que gostam de ler textos em redes sociais e textos informativos, percebemos que tiveram uma maior abertura sobre o conceito de leitura.

A quarta questão verifica a presença de livros no lar dos alunos: *Em sua casa há livros? Se sim, que tipos de livros?*

No Grupo Azul 27 (90%) alunos afirmaram ter livros em casa. Sendo estes: romances, livros religiosos, livros didáticos, livros de contos de fada e livros científicos. E 03 (10%) disseram não ter livros (Gráfico 18).

No Grupo Verde 26 (86,6%) alunos afirmaram ter livros em casa. Sendo variados: livros religiosos, livros infantis, romances, mangás e livros didáticos. E 04 (13,4%) não possuem nenhum tipo de livro em casa. (Gráfico 18).

Gráfico 18 - Dados referentes à questão 04 (Grupos Azul e Verde) do Q2



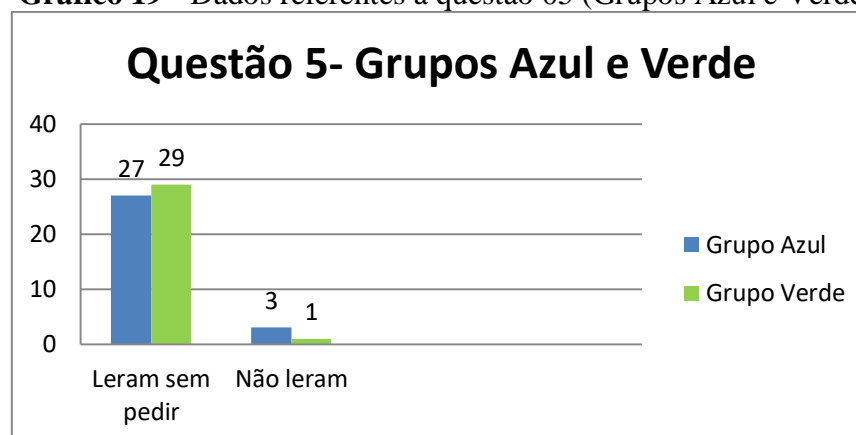
Fonte: Autoria própria (2019)

Nesta questão não tivemos nenhuma mudança, a maioria dos alunos dos dois grupos possuem livros em casa, e constatamos que realmente o que falta aos nossos alunos é o estímulo à leitura, que deve acontecer diariamente. Esse estímulo deve contar com atividades que propiciem o desenvolvimento de habilidades múltiplas como: ler textos de gêneros variados, escrita e reescrita de textos, leituras prazerosas, busca de informações, aguçando cada vez mais a curiosidade do leitor.

A quinta pergunta remete ao comprometimento dos alunos com a leitura: *Você já leu um livro por vontade própria, ou seja, sem que o professor pedisse para ler? Se sim, qual?*

A maior surpresa no questionário foi a resposta dos alunos dada a este questionamento, pois afirmaram no Grupo Azul que 27 (90%) alunos já leram sem que o professor pedisse e 03 (10%) nunca leram sem que o professor pedisse. (Gráfico 19). Os livros lidos foram: **O Pequeno Príncipe, Não se apegue não, Diário de um banana, P.S ainda amo você, Quatro vidas de um cachorro, Alice no país das maravilhas, Por trás do paraíso, Câmera na mão, guarani no coração, A pequena sereia, gibis, O diário de Anne Frank**, entre outros. No Grupo Verde 29 (97%) alunos disseram já terem lido sem que o professor pedisse e 01 (3%) não leu sem que o professor pedisse. (Gráfico 19).

Gráfico 19 - Dados referentes à questão 05 (Grupos Azul e Verde) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019)

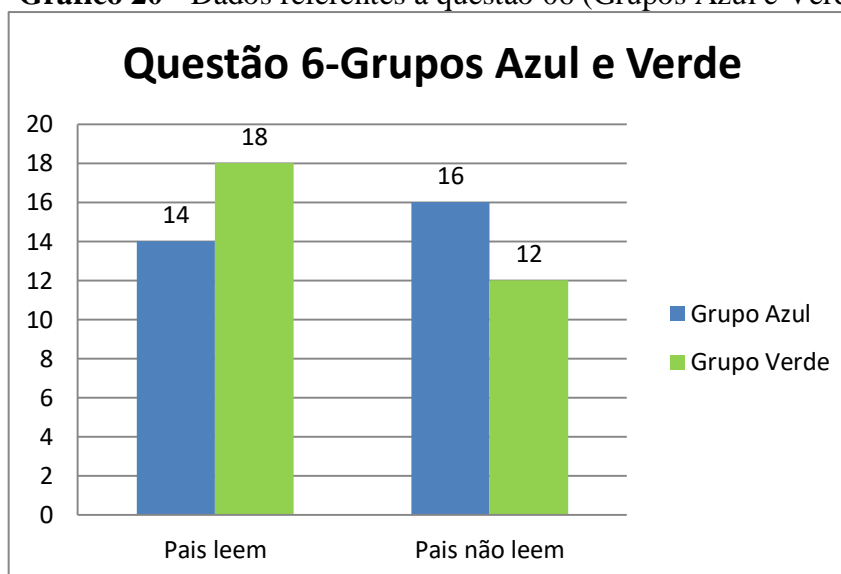
Os livros lidos foram: **Harry Potter, Diário de um banana, Pequeno príncipe, Diário de um idiota, Mundo de papel, O jogo das palavras, A vizinha antipática que sabia matemática, Pegasus, Outros jeitos de usar a boca, De volta à cabana, The kiss of deception, Assassins cruds, Não se apegue não, Jardim do céu, Percy Jackson**, a Bíblia e outros romances.

Quanto às obras lidas não houve muita mudança de títulos, mas foi realizado pela professora um rodízio de livros entre os alunos do nono ano, devido à ausência de exemplares que chamassem atenção destes alunos na biblioteca da escola e para que todos pudessem compartilhar suas experiências de leitura durante o ano letivo. Com isso percebemos que o índice de leituras sem a obrigatoriedade do professor aumentou. Isso mostra que aqueles que não liam de jeito nenhum começaram a ler por vontade própria, com certeza uma semente foi plantada e agora deverá ser regada por todos.

A questão de número 6 investiga o hábito de leitura dos pais dos alunos: *Seus pais leem? Se sim, o que leem?*

Os alunos do Grupo Azul 14 (46,6%) disseram que seus pais leem romances, a Bíblia, e livros de estudos científicos. Mas 16 (44,4%) alunos afirmaram que os pais não leem. (Gráfico 20). Já no Grupo Verde, 18 (60%) alunos afirmaram que os pais leem jornais, história em quadrinhos, a Bíblia, romances, livros técnicos e livros didáticos. E 12 (40%), que os pais não leem. (Gráfico 20).

Gráfico 20 - Dados referentes à questão 06 (Grupos Azul e Verde) do Q2

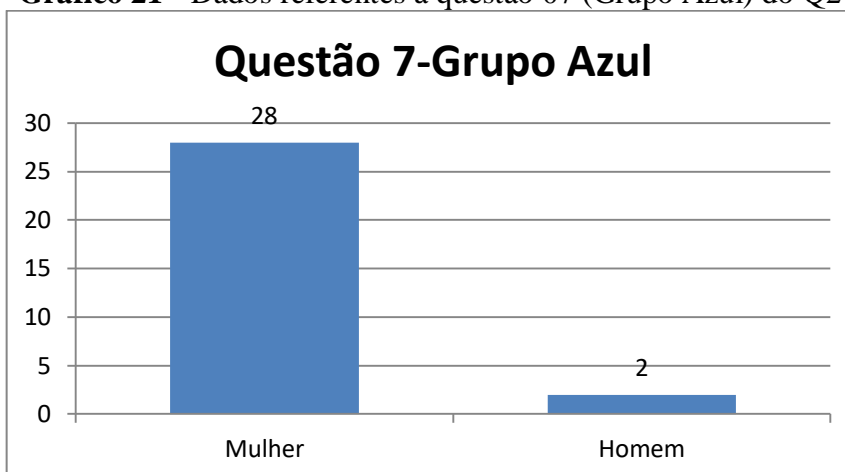


Fonte: Autoria própria (2019)

Aqui os filhos afirmaram que uma grande parte dos pais lê; as informações não mudaram do primeiro para o segundo questionário, mas pudemos perceber durante a realização do projeto que muitos não leem devido a uma extensa carga horária de trabalho e também muitas vezes falta motivação para realizarem uma leitura. No decorrer da realização do projeto, pensamos em futuramente desenvolver nesta escola um projeto de leitura com os pais dos alunos, pois assim eles teriam mais condições de motivar seus filhos também.

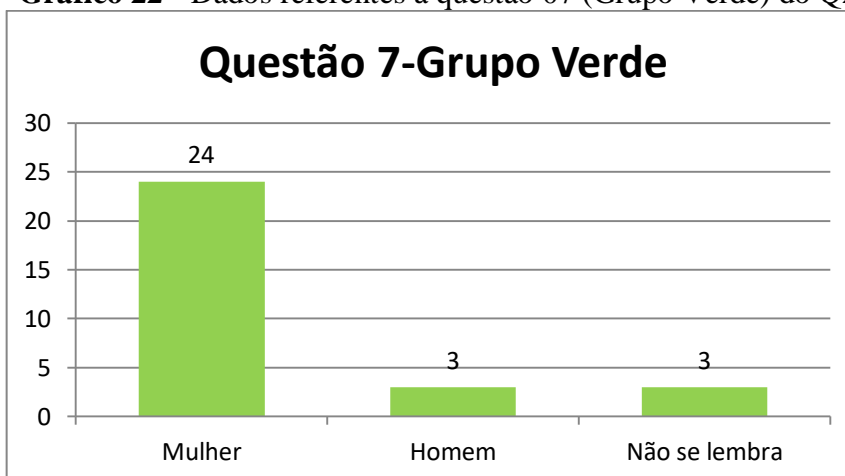
O sétimo questionamento procura definir o sexo do primeiro contador de histórias para os alunos: *Quem leu a primeira história para você foi homem ou mulher?*

Ao serem analisadas as respostas dadas a este questionamento não tivemos muitas mudanças nos dados: 28 (93,3%) alunos do Grupo Azul responderam que quem leu a primeira vez para eles foi uma mulher, 02 (6,6%) alunos disseram ser homem, o pai. (Gráfico 21).

Gráfico 21 - Dados referentes à questão 07 (Grupo Azul) do Q2

Fonte: Autoria própria (2019)

No Grupo Verde o resultado foi muito parecido, 27 (80%) responderam que foi uma mulher que leu para eles a primeira vez e 03 (10%) afirmaram ser homem, no caso o pai, e os outros 03 (10%) não se lembram quem leu para eles a primeira vez. (Gráfico 22).

Gráfico 22 - Dados referentes à questão 07 (Grupo Verde) do Q2

Fonte: Autoria própria (2019)

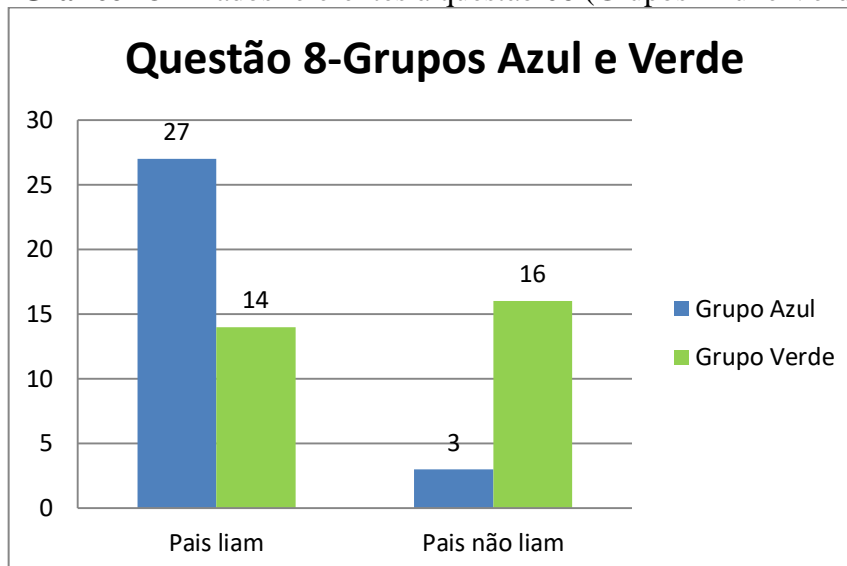
Conforme os dados apresentados pelas pesquisas, a primeira leitura realizada para estes alunos foi feita por uma figura feminina. Já percebemos a grande importância da leitura feita pela mãe, parentes, professoras do maternal e do Ensino Fundamental, mas o que nos deixou mais felizes foi a afirmação feita por alguns alunos do Grupo Azul que disseram na primeira pesquisa não se lembrarem de quem tinha lido pela primeira vez para eles e agora responderam: “Agora sabemos quem fez a primeira leitura para nós!! Você, professora!” Este momento foi importantíssimo, pois reconhecemos a importância de realizarmos a leitura em sala de aula com eles, porque na correria do dia a dia para passarmos o conteúdo cobrado por

avaliações externas, muitas vezes não valorizamos, tanto quanto deveríamos, a leitura literária na escola. Esse fator, com certeza, contribui para que vejam o espaço escolar de uma outra forma, especialmente com uma lembrança afetiva da primeira leitura realizada.

A questão 8 investiga quais histórias as crianças ouviam: *Quando criança, seus pais contavam história para você? Quais histórias?*

Neste questionamento não houve mudanças nas respostas dadas por eles. O Grupo Azul permanece com 27 (90%) alunos que os pais liam para eles e 03 (10%) que os pais não liam histórias. (Gráfico 23). Já no Grupo Verde 14 (46,6%) alunos disseram que os pais liam para eles e 16 (53,3%) não liam. (Gráfico 23).

Gráfico 23 - Dados referentes à questão 08 (Grupos Azul e Verde) do Q2



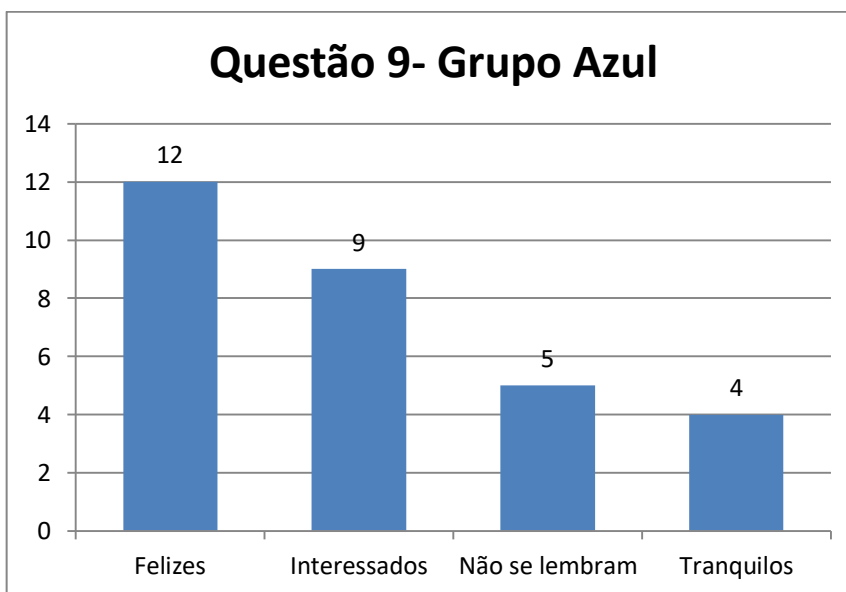
Fonte: Autoria própria (2019).

Em ambos os grupos os pais liam contos de fada como: “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos”, “João e o pé de feijão”, “Branca de neve”, “Cinderela”, histórias bíblicas e causos.

Ao refazermos esta questão aos alunos, apesar de não haver mudança nas respostas, pudemos apontar que uma grande maioria dos pais não está tendo tempo de praticar leituras com os filhos. Este fato ficou comprovado quando realizamos uma oficina em que os alunos tinham que ler para os pais, muitos alunos relataram a dificuldade de conseguir um tempo com os pais, pois os mesmos trabalham o dia todo fora e chegam cansados em casa, assim a atividade foi realizada pela maioria no período noturno e muitas vezes no quarto. Sendo assim, percebemos a dificuldade que existe para que a família estimule a leitura com as crianças nos tempos atuais.

O nono questionamento averigua as sensações que estes alunos tiveram ao ouvir histórias quando crianças: *Como você se sentia ao ouvir essas histórias?* Ao responder novamente o questionário as respostas ficaram iguais. No Grupo Azul 12 (40%) alunos disseram ficar felizes, 09 (30%) afirmaram ficar interessados e querendo conhecer aquele mundo (entrar na história), 05 (16,6%) não se lembraram do que sentiam e 04 (13,3%) disseram ficar mais tranquilos, relaxados. (Gráfico 24).

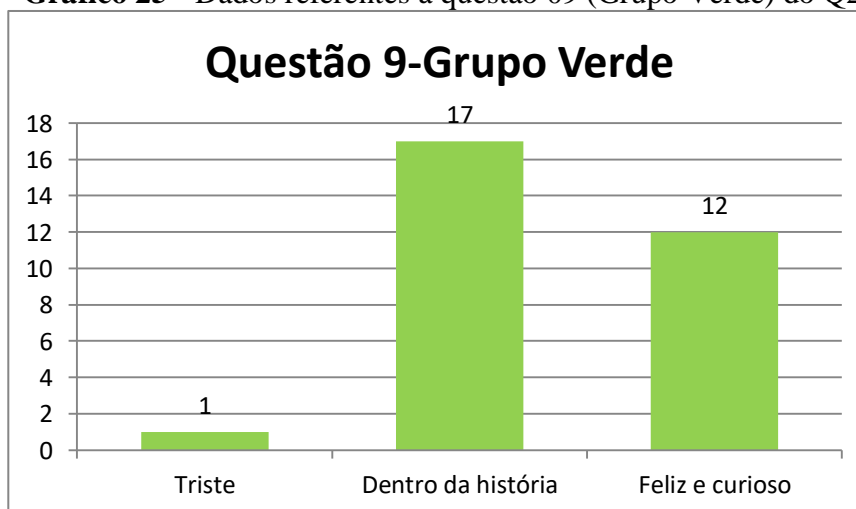
Gráfico 24 - Dados referentes à questão 09 (Grupo Azul) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019).

No Grupo Verde 17 (56,6%) alunos afirmaram que se sentiam dentro da história, como heróis, 12 (40%) se sentiam felizes e querendo saber mais (curiosos) e 01 (3,3%) disse que às vezes se sentia triste. (Gráfico 25).

Gráfico 25 - Dados referentes à questão 09 (Grupo Verde) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019)

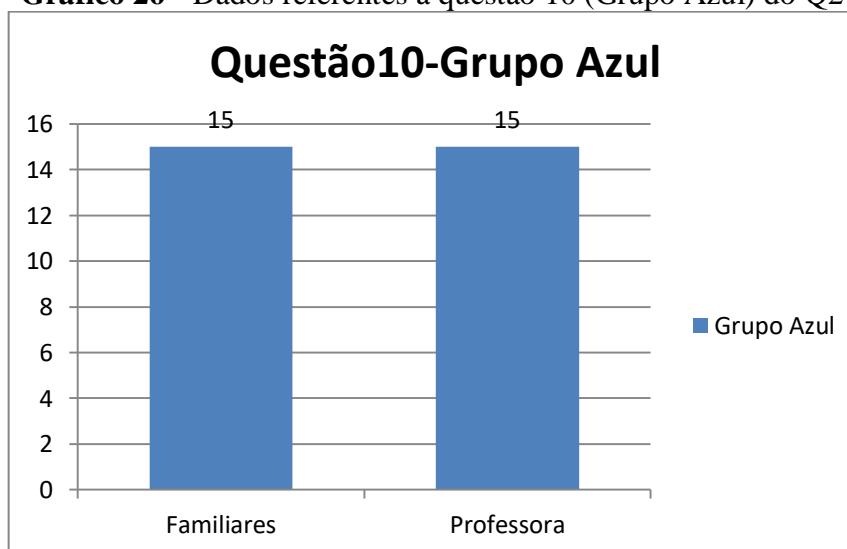
Ao analisar as respostas dadas pelos alunos, percebemos que as emoções estão intimamente relacionadas com a leitura, levando a uma identificação pessoal com a obra e Jouve nos lembra disso (2002, p.19) assegurando que “[a]s emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção”. Percebemos que os alunos se identificam muito com o gênero contos.

Com o desenvolvimento deste projeto ficou bem claro que a literatura traz efeitos maravilhosos para as crianças, os alunos participantes do projeto vivenciaram várias oficinas, e em cada uma delas experimentaram sensações diferentes, perceberam que é possível, através da leitura, embarcar em outros universos que nunca tinham imaginado existir antes.

A questão 10 investiga os responsáveis pela leitura literária para os alunos em pesquisa: *Quem já fez leitura literária para você?*

Esta foi talvez a questão que mais teve alteração nas respostas, pois percebemos que ao ser perguntado pela primeira vez quem fez leitura literária para eles, responderam ser familiares, professora e algumas vezes que ninguém tivesse feito esta leitura para eles. Já ao serem questionados pela segunda vez, aqueles que afirmaram que ninguém tinha feito leitura literária para eles mudaram suas respostas, e atribuíram a leitura à professora, mudando positivamente os números apontados na pesquisa. Logo 15 (50%) alunos do Grupo Azul disseram que familiares (mães, avós, pais) fizeram leitura literária para eles, e 15 (50%) disseram ser a professora, a responsável pela leitura literária oferecida a eles. (Gráfico 26).

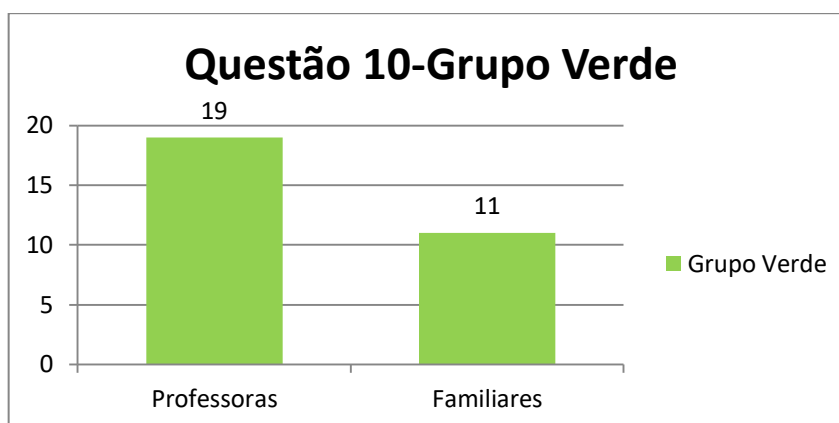
Gráfico 26 - Dados referentes à questão 10 (Grupo Azul) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019)

Já no Grupo Verde, o índice de leitura feito por professores aumentou um pouco, 19 (63,3%) afirmaram que professoras fizeram leitura literária para eles, e 11 (36,6%) disseram que os familiares fizeram, aqueles que afirmaram que ninguém nunca tinha realizado a leitura, não puderam mais fazer a mesma afirmação, dando o mérito da leitura à professora. (Gráfico 27).

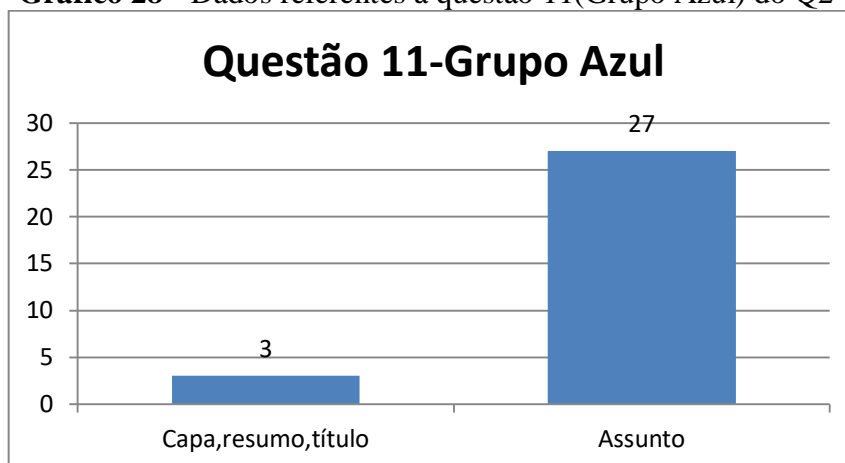
Gráfico 27 - Dados referentes à questão 10 (Grupo Verde) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019)

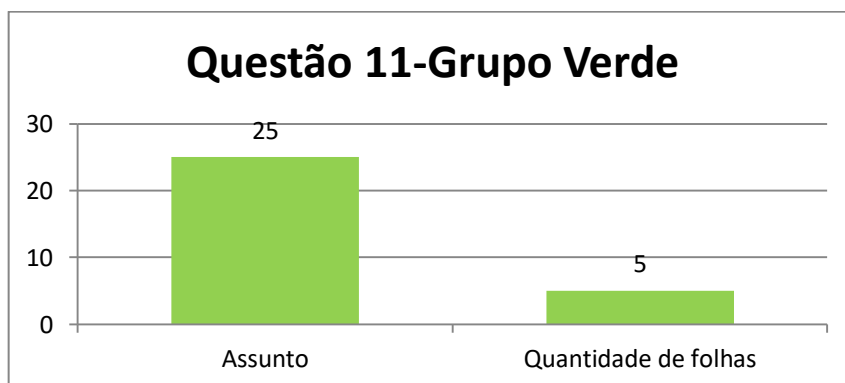
Esta questão mostra com clareza a importância dos professores no incentivo à leitura no dia a dia dos alunos, pois quando são estimulados conseguem progredir e realizar posteriormente suas próprias escolhas de leitura.

Na questão 11 verificamos como ocorre a escolha de um livro para leitura: *Como você escolhe um livro para ler?* Nesta questão foi notada uma grande mudança de pensamento de nossos alunos, pois antes do projeto a maioria escolhia um livro para ler pela sua capa ou até mesmo pela quantidade de folhas, agora a resposta da grande maioria foi que escolhem o livro pelo assunto abordado; se o assunto for do interesse deles, leem, mas se não, nem tentam ler. Veja que no Grupo Azul 27 (90%) responderam que escolhem pelo assunto, e somente 03 (10%) afirmaram analisar a capa, resumo e título da obra. (Gráfico 28).

Gráfico 28 - Dados referentes à questão 11(Grupo Azul) do Q2

Fonte: Autoria própria (2019)

E no Grupo Verde, 25 (83,3%) alunos disseram escolher um livro pelo assunto e os outros 05 (16,6%) pela quantidade de folhas. (Gráfico 29).

Gráfico 29 - Dados referentes à questão 11(Grupo Verde) do Q2

Fonte: Autoria própria (2019)

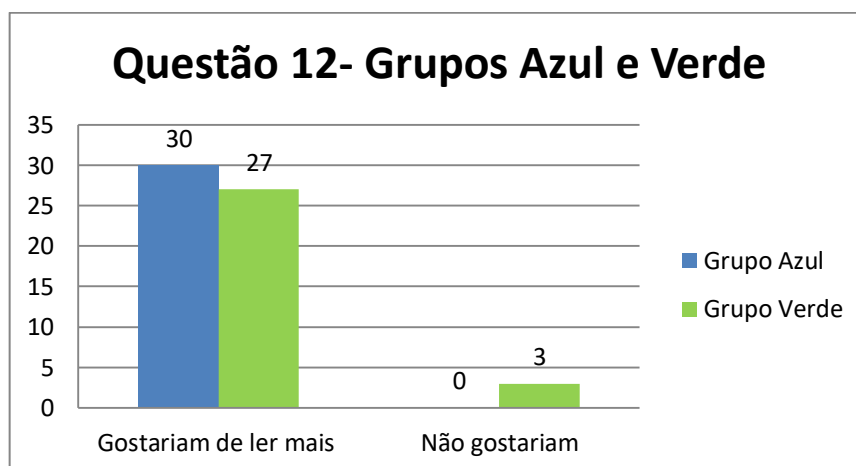
Ao finalizar o levantamento de dados deste questionamento, percebemos uma certa mudança de postura dos alunos com relação ao livro literário, pois estão tentando fazer uma escolha mais consciente de suas leituras, talvez estejam desenvolvendo um estilo próprio de leituras.

Na questão 12, tentamos descobrir o que realmente atrapalha a realização de mais leituras pelos alunos: *Você gostaria de ler mais do que lê? O que impede esta leitura?*

Ao responder novamente a este questionamento, a maioria dos alunos afirmou querer ler mais do que leem, o que não mudou foi a assertiva de possuírem preguiça de ler. No Grupo Azul, 30 (100%) alunos disseram que gostariam de ler mais (Gráfico 30), já no Grupo

Verde 27 (90%) alunos disseram que gostariam de ler mais, e também o que os impede é preguiça. (Gráfico 30).

Gráfico 30- Dados referentes à questão 12 (Grupos Azul e Verde) do Q2



Fonte: Autoria própria (2019)

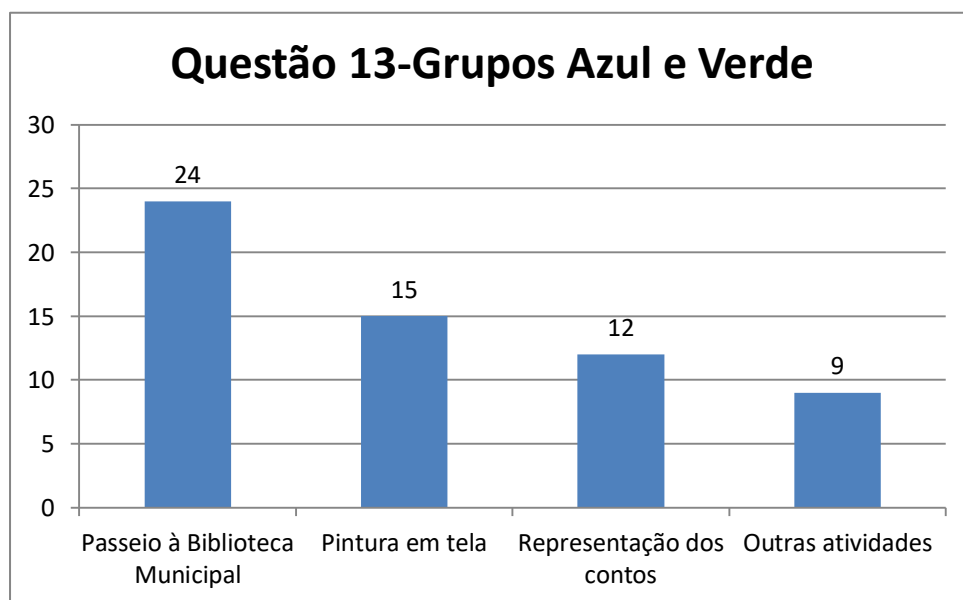
Concluimos através destas respostas que o nosso trabalho foi apenas uma gota d'água no oceano, pois estes alunos precisarão de muitos outros estímulos para continuarem com suas leituras e não perderem o interesse por este rico mundo da imaginação. Cabendo aos próximos professores continuarem a estimulação da leitura literária com eles. Lembrando que o primeiro passo já foi dado, é interessante ressaltar a citação de Proust (2003, p. 39): “Parece que o gosto pelos livros cresce com a inteligência, um pouco abaixo dela, mas no mesmo tronco, como toda paixão se faz acompanhar de uma predileção pelo que cerca seu objeto”. A partir do contato com obras literárias, haverá uma grande probabilidade de aumento do gosto pela leitura em nossos alunos.

Na questão 13 investigamos a oficina aplicada e preferida pelos alunos: *Qual oficina do projeto de intervenção você mais gostou?*

Nesta questão, preferimos já não separar por grupo mais, pois as respostas foram bastante parecidas. A oficina que eles mais gostaram foi o passeio à Biblioteca Municipal (40%), pois saíram do ambiente escolar, foi um dia atípico para eles. Em segundo lugar, a atividade de pintura em tela (25%), podendo expressar com liberdade criativa o entendimento de uma obra estudada. Na terceira posição (20%), eles apontaram a representação dos contos, pois puderam recontá-los de uma forma bastante próxima da vivência deles e com muita criatividade. E (15%) preferiram as outras atividades (Leitura e interpretação de versões mais antigas dos contos, Filme: A Bela e a Fera, debates, leitura para a família, recontação escrita

dos contos), justificando que são atividades mais comuns no dia a dia escolar deles. (Gráfico 31).

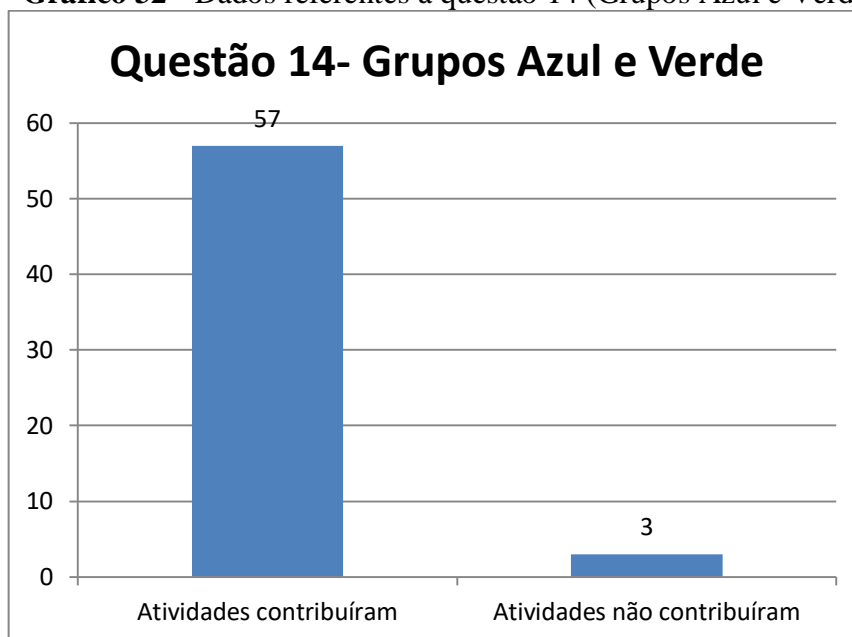
Gráfico 31- Dados referentes à questão 13 (Grupos Azul e Verde) do Q2



Fonte: A autoria própria (2019)

Na questão 14 quisemos verificar a importância das atividades realizadas pelos alunos para a promoção de aprendizagem dos mesmos: *As atividades realizadas contribuíram para melhorar sua leitura?*

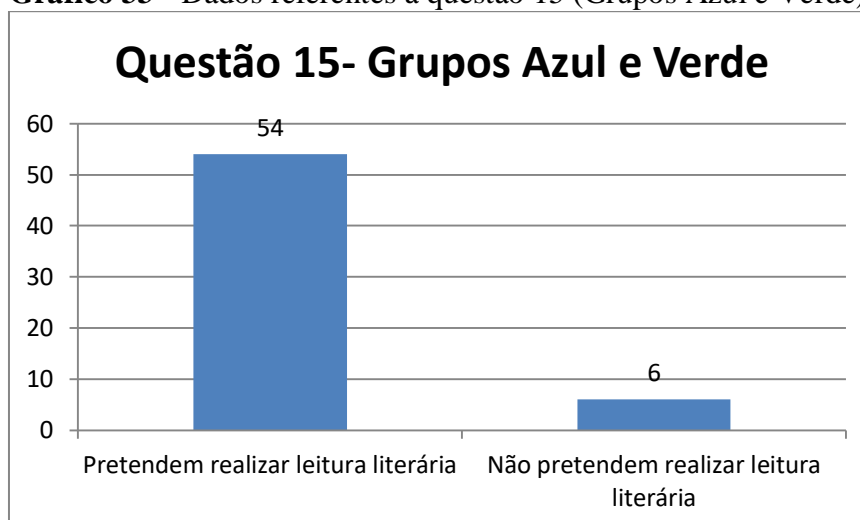
Ao analisarmos as respostas dadas a esta questão, percebemos a importância de um trabalho organizado, direcionado, porque sentimos que este projeto mexeu muito com nossos alunos, eles sentiram que são capazes de recriar, recontar, interpretar obras literárias. Mesmo sabendo que alguns alunos apresentam certa resistência à leitura, podemos afirmar que 100% deles participaram do projeto com bastante empenho, e 95% afirmaram que as atividades realizadas foram de extrema importância para melhorar sua leitura, somente 5% acharam que não acrescentou nada em sua vida, apesar de terem gostado das oficinas realizadas. (Gráfico 32).

Gráfico 32 - Dados referentes à questão 14 (Grupos Azul e Verde) do Q2

Fonte: Autoria própria (2019)

Na última questão foi verificada a intenção dos alunos quanto a futuras leituras: *Você pretende continuar realizando leitura literária?*

Cerca de 90% dos alunos afirmaram que vão realizar leituras literárias mesmo depois de encerrado nosso projeto de leitura, conseguindo entender que a leitura é muito importante em suas vidas, mas 10% disseram que não gostam e não desejam praticar leituras literárias, somente irão ler o necessário para conseguirem a aprovação escolar ao longo da vida. (Gráfico 33). Percebemos que os projetos de leitura devem ser pensados a longo prazo e esse grupo ainda precisa de estímulo para melhorar o próprio entendimento da leitura.

Gráfico 33 - Dados referentes à questão 15 (Grupos Azul e Verde) do Q2

Fonte: Autoria própria (2019)

É muito importante para nós, professores, encararmos com clareza o ponto de vista dos alunos. Desconfiávamos que não atingiríamos 100% dos nossos alunos, mas podemos comemorar que conseguimos um resultado bastante positivo entre a maioria deles, pois 90% dos alunos responderam que pretendem realizar leitura literária, enquanto 10% não pretendem realizar leitura literária. O trabalho com leitura literária deve ser realizado sempre, pois não vamos realizar milagres, o resultado não surgirá de imediato, é como se plantássemos uma árvore frutífera, os frutos não surgirão da noite para o dia, é necessário esperar um tempo para colhermos os frutos do plantio realizado.

A semente foi lançada agora é esperar a colheita!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que nossos alunos praticam leituras em seu dia a dia, mas que precisaríamos desenvolver a habilidade leitora literária com eles, promovendo assim, um avanço do letramento literário destes adolescentes. Realizamos um trabalho com Contos de fadas e Contos maravilhosos com duas turmas que foram divididas em dois grupos, pois apresentavam níveis diferenciados de aprendizagem.

Foram realizados questionários de mapeamentos de leitura para entendermos melhor o nível de letramento literário destes alunos antes e depois da intervenção. Antes de iniciarmos a intervenção com os alunos buscamos embasamento teórico sobre os principais conceitos trabalhados na presente dissertação: Literatura, Leitura, Letramento Literário e Recepção da obra. Trabalhamos com diversos autores, dentre eles: Wolfgang Iser (1996), Regina Zilberman (2003), Mirian Hisae Yaegashi Zappone (2008), Magda Soares (2014), Michèle Petit (2009), Angela Kleiman (2005).

A maior dificuldade que enfrentamos para o desenvolvimento deste projeto foi o fato de ter que trabalhar esta intervenção sem deixar de lado as exigências de cumprir o currículo escolar, pensando nas avaliações externas, ou seja, pouco tempo para execução das oficinas.

Nossa intervenção foi realizada com 19 oficinas de diferentes versões dos seguintes contos: Cinderela, Barba Azul, A Bela Adormecida e A Bela e a Fera. No início, surgiram muitos questionamentos, pois havia dúvidas quanto ao interesse dos alunos por este tipo de leitura. Mas após o término das oficinas propostas, podemos afirmar que esta intervenção realmente foi de enorme valor para os alunos e a escola, pois, através das apresentações, percebemos que os contos ficaram, de alguma forma, representados e fazem agora parte de suas vidas, o que cumpre algo essencial da escola em relação à formação humana e social. Não existe nada melhor do que ver o trabalho concretizado de uma forma criativa e tão espontânea. Confessamos que fomos surpreendidas com o resultado do nosso trabalho.

A escola em que foi realizado este projeto de intervenção passou a ter um novo olhar para a leitura literária, percebeu o quanto é importante a mediação de um leitor mais experiente, seja este os pais, os professores e até mesmos os colegas de sala de aula; verificou que o leitor traz toda sua experiência de vida e de leituras anteriores, colaborando na interpretação de textos literários, experienciando o que está lendo, colocando sua subjetividade para compreender melhor seu mundo, promovendo reflexões, tornando-se um ser humano mais crítico e consciente.

Conforme foi dito anteriormente, no início do nosso trabalho os alunos foram divididos em dois grupos, pois apresentavam níveis diferenciados de aprendizagem. Mas no decorrer da execução das atividades de intervenção, percebemos que ambos os grupos participaram com muito afinco e assim foi possível detectar um grande avanço no letramento literário dos dois grupos, não sendo, muitas das vezes, nem possível avaliá-los de forma isolada. Sendo assim, não podemos associar alunos com baixo rendimento escolar à ausência de letramento literário, o que é necessário é uma boa mediação para que os alunos consigam aprimorar suas leituras e expressar com clareza seus sentimentos diante de diferentes pontos de vista.

Lembrando que, durante todo processo, houve muita interação entre os alunos e a professora, facilitando a construção de sentidos para as leituras realizadas, promovendo também uma reflexão crítica dos assuntos abordados nos clássicos contos de fadas, através de rodas de conversa, debates, comparações de diferentes versões, exteriorização de sentimentos e impressões em forma de pinturas, teatros, paródias, desenhos e até mesmo comentários entre os colegas.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que, ao usarmos uma metodologia diferenciada e bastante estímulo, é possível promover o letramento literário, mesmo quando temos níveis de aprendizagem diferenciados, alunos mergulhados no uso de diversas tecnologias, pois eles demonstraram interesse nas atividades propostas, resgataram suas próprias experiências como leitores, superaram obstáculos e deram o melhor de si, aprenderam a se posicionar com mais criticidade diante de uma obra literária. Alguns passos foram direcionados ao crescimento do letramento literário de nossos alunos. Sabemos que ao desenvolver esta missão não existe uma solução rápida, fácil, tudo é conquistado a passos lentos, mas confessamos ter dado um grande passo e esperamos que de agora em diante nossos alunos continuem esta caminhada com bastante firmeza e sabedoria.

Acreditamos que nossa mediação foi essencial, pois utilizar a função lúdica como objeto de conhecimento foi fundamental com estes alunos e isso fez com que percebêssemos que trabalhar com atividades diferenciadas podem contribuir muito no processo de aprendizagem deles, pois mesmo apresentando, no início do projeto, níveis desiguais de aprendizagem, ao chegar ao fim da intervenção já era imperceptível esta desigualdade entre eles.

Algo que não pode ser esquecido e que durante a realização do projeto ouvimos muito foi o seguinte questionamento: “Mas não é estranho trabalhar contos de fadas com alunos de

nono ano, que estão no auge da adolescência? Eles não terão interesse por este tipo de leitura mais, não!”

Muito pelo contrário, podemos afirmar que foi um trabalho que deixou claro algumas coisas. A primeira delas é que muitas vezes o professor trata alunos desta faixa etária como adultos, mas na verdade até mesmo os adultos precisam, em algum momento, de um pouco de fantasia, seja para fugir um pouco da dura realidade, que às vezes é carregada de problemas e chateações, e até mesmo para refletir sobre sua experiência como leitores. A segunda é que o trabalho foi realizado fazendo um paralelo triplo entre a versão original, que normalmente é um pouco mais “pesada” e até mesmo desconhecida pela maioria dos alunos, a versão adaptada para crianças, que normalmente traz um final feliz, e por fim, sempre trazendo a história contada para os dias atuais, para a realidade vivida pelos nossos alunos, contextualizando-a, nascendo assim uma nova versão criada pelos próprios alunos.

Quando um aluno consegue compreender uma obra lida, por mais simples que ela pareça, para ele muda o sentido de tudo que ele já aprendeu, pois ele percebe que é possível, que pode ver o que está além do texto. Logo ele começa a se interessar por leituras que antes não teriam valor nenhum para ele, sentindo-se capaz de desbravar outros mundos através da leitura.

Não podemos também deixar de comentar o quanto crescemos como pessoas e também como profissionais durante a realização deste projeto de intervenção. Saímos bem mais fortes e conscientes do nosso papel enquanto educadores, valorizando cada vez mais nosso compromisso em contribuir para o crescimento de nossos alunos.

REFERÊNCIAS

- A BELA e a fera. Direção de Bill Condon, produção da Walt Disney Pictures, 2017. Dublado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jd-X1Cu_W_c/. Acesso em: 02 nov. 2018.
- BASILE, Giambattista. **Sol, Lua e Tália**. Tradução de Karin Volobuef. 1925. Disponível em: volobuef.tripod.com/op_basile_sol_lua_talia_kvobuef. Acesso em: 02 nov. 2018.
- BASILE, Giambattista. **O conto dos contos**. Tradução de Francisco Degani. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.
- BEAUMONT, Madame de; VILLENEUVE, Madame de. **A Bela e a Fera**. Editora Zahar, 2016.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 37. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; Humanitas, 1999.
- CONTOS de fadas. **Cinderela (versão irmãos Grimm)**. 17 jul. 2005. Disponível em: <http://folkstories.blogspot.com/2005/07/cinderella-verso-dos-irmos-grimm.html>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014 .
- ERA UMA VEZ... **A bela adormecida, conto de Charles Perrault**. 2014a. Disponível em: <http://byblosfera.blogspot.com/2014/11/a-bela-adormecida-conto-de-charles.html>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- ERA UMA VEZ... **A bela adormecida, contos dos irmãos Grimm**. 2014b. Disponível em: <http://byblosfera.blogspot.com/search/label/A%20Bela%20Adormecida>. Acesso em: 02 nov. 2018.
- FERREIRA, Paula. Brasil ainda tem 11,3 bilhões de analfabetos. **Jornal on-line O Globo**. 19 de junho de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-113-milhoes-de-analfabetos-23745356>. Acesso em: 20 jun. 2019.

GONÇALVES, Magaly Trindade; BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura “revisitada”**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOTLIB, Nádía Battela. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRIMM, Irmãos. **A bela adormecida**. Disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/bauhistorias/A%20Bela%20Adormecida.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2018.

GRIMM, Irmãos. **A gata borralheira**. 17 jul. 2005. Disponível em: <http://folkstories.blogspot.com/2005/07/cinderella-verso-dos-irmos-grimm.html>. Acesso em: 02 nov. 2018

GUIMARÃES, Ana Rosa Gonçalves de Paula. O leitor e a leitura literária subjetiva: processos receptivos, emancipados e performáticos. **Revista Travessias**. Volume 10, n-02, 27. ed. 2016.

ILLUSTRATIONS – Joëlle Jones. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/UcQ2c3e3yW1MANqt7>. Acesso em: 02 nov. 2018.

IMAGEM: **Bocejo**. 30 ago. 2016. Disponível em: <https://www.judicemed.com.br/index.php/54>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Broche**. Disponível em: <https://www.lenach.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Camundongo**. Disponível em: <https://www.portalmelhoresamigos.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Carruagem**. Disponível em: <https://www.culturaestadao.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Cinderela**. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/UcQ2c3e3yW1MANqt7/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

IMAGEM: **Corpete**. Disponível em: <https://www.corsetlacing.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Definição de palavra do dicionário**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Definição de palavra do dicionário**. Disponível em: <https://www.dicionario10.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Fidalgo**. Disponível em: <https://www.bsp.org.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Lareira**. Disponível em: <https://www.br.iha.com/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Mantô**. Disponível em: <https://www.shoeloe.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Núpcias**. Disponível em: <https://www.casamentos.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Renda inglesa**. Disponível em: <https://www.casadasmeninas.loja2.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Renda inglesa**. Disponível em: <https://www.casadasmeninas.loja2.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Roupas suntuosas**. Disponível em: <https://www.mdemulher.abril.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Sentimentos**. Disponível em: <https://www.academiaipuense.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Sótão**. Disponível em: <https://www.filmestipo.com/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Trompa**. Disponível em: <https://www.pt.wikipedia.org/>. Acesso em: 20 maio 2019.

IMAGEM: **Violino**. Disponível em: <https://www.magazineluiza.com.br/>. Acesso em: 20 maio 2019.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela Bustos. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ler e escrever?** Linguagem e letramento em foco. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LLOSA, Mario Vargas. **A importância da literatura**. Disponível em: <http://sarauxyz.blogspot.com/2009/03/importancia-da-literatura-mario-vargas.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MICROVIP Cursos. Vipkids. Histórias. **A Bela e a fera**. Adaptado dos contos dos irmãos Grimm. S.d. Disponível em: https://www.microvip.com.br/vipkids/historias/bela_fera.htm. Acesso em: 02 de nov. 2018.

NEWTON, Isaac. **Astronomia on-line**. Disponível em: http://www.ccvalg.pt/astronomia/historia/isaac_newton.htm. Acesso em: mar. 2019.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *In: Os pré-socráticos. Coleção os pensadores*. Tradução José Cavalcanti de Souza *et al.* São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 32.

PERRAULT, Charles. **A bela adormecida**. S.d. Disponível em: <http://byblosfera.blogspot.com/search/label/conto%20de%20Charles%20Perrault>. Acesso em: 02 nov. 2018.

PERRAULT, Charles. **Barba azul**. Tradução: Tamara Queiroz. Conversão para Kindle: Marina Ávila. Editora Wish, 2013a.

PERRAULT, Charles; GRIMM, Wilhelm; GRIMM, Jacob; ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de fadas**. Maria Tatar (org.). Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 2003.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: os amores difíceis. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (org.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

REVISTA. **Retratos da leitura no Brasil 4**/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

SENTIMENTOS. (Beauty and The Beast). Compositores: Howard Ashman; Alan Menken. EUA: Walt Disney Records(vídeo, 2min17s), versão. 2010 (relançamento). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ljvfi8qgs4s>. Acesso em: 02 nov. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Flávio de. **Príncipes e princesas, sapos e lagartos**. São Paulo: FTD, 1996.

VERSANINI, Zélia. Escolhas literárias e julgamento e valor por leitores jovens. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (org.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**, v. 3, p. 47-62, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. rev., atual e ampl.- São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. *In: Revista Via Atlântica*, número 14, dez. 2008.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. Rio de Janeiro: *In: Alea, Estudos Neolatinos*, volume 10, número 1, jan.- jun. de 2008.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO 1 (MAPEAMENTO DE LEITURA)

1-Para você, o que é leitura?

2-Você têm hábito de leitura?

Sim () Não()

3-Se sim, o que você lê?

4-Em sua casa há livros? Se sim, que tipos de livros?

5-Você já leu um livro por vontade própria, ou seja, sem que o professor pedisse para ler? Se sim, qual?_____

6-Seus pais leem? Se sim, o que leem?

7-Quando criança, seus pais contavam história para você? Quais histórias?

8-Como você se sentia ao ouvir essas histórias?

9-Quem já fez leitura literária para você?

10-Como você escolhe um livro para ler?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO 2 (MAPEAMENTO DE LEITURA)

1-Para você, o que é leitura?

2-Você têm hábito de leitura?

Sim () Não ()

3-Se sim, o que você lê?

4-Em sua casa há livros? Se sim, que tipos de livros?

5-Você já leu um livro por vontade própria, ou seja, sem que o professor pedisse para ler? Se sim, qual?

6-Seus pais leem? Se sim, o que leem?

7-Quem leu a primeira história para você foi homem ou mulher?

8-Quando criança, seus pais contavam história para você? Quais histórias?

9-Como você se sentia ao ouvir essas histórias?

APÊNDICE C - ATIVIDADES FEITAS PELOS ALUNOS (RECONTANDO A HISTÓRIA CINDERELA)

7 de 07/18

Cinderela nos dias atuais

Em algum dia de 2018, havia uma menina chamada Cinderela, vivia com sua mãe e duas irmãs em uma casa pequena e pobre. Ela trabalhava muito para ajudar a sustentar a família. Um dia, ela foi convidada para ir ao baile da cidade, mas não tinha nada para usar. Sua mãe lhe deu um vestido velho e ela foi ao baile. Lá, ela conheceu o príncipe e eles se apaixonaram. O príncipe a levou para casa dele e eles se casaram. Cinderela ficou muito feliz e passou o resto da vida com o príncipe.

que não era a Cinderela porque não tinha as coisas, e ela se foi Cinderela chegando lá como se nada fosse, com o nome de Cinderela e ela não conheceu o príncipe e ela não foi ao baile.

"Ela tinha um vestido bonito e ela se apaixonou e quando ela voltou para casa, ela não tinha mais o vestido bonito e ela não tinha mais o príncipe."

"Ela não tinha mais o príncipe e ela não tinha mais o vestido bonito e ela não tinha mais o príncipe."

"Ela não tinha mais o príncipe e ela não tinha mais o vestido bonito e ela não tinha mais o príncipe."

"Ela não tinha mais o príncipe e ela não tinha mais o vestido bonito e ela não tinha mais o príncipe."

Cinderela começou a trabalhar cedo na casa da mãe e ela não tinha dinheiro para comprar roupas bonitas. Ela trabalhava muito e ela não tinha dinheiro para comprar roupas bonitas. Ela trabalhava muito e ela não tinha dinheiro para comprar roupas bonitas.

Um dia, ela foi convidada para ir ao baile da cidade, mas não tinha nada para usar. Sua mãe lhe deu um vestido velho e ela foi ao baile. Lá, ela conheceu o príncipe e eles se apaixonaram. O príncipe a levou para casa dele e eles se casaram. Cinderela ficou muito feliz e passou o resto da vida com o príncipe.

15 de 10/18

Cinderela

Após todas as experiências, eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor.

Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor.

Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor.

Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor. Eu tive um primeiro amor e eu tive um primeiro amor.

11

Professora: Liliana

13.06.2019

Condição

Em uma vez em um tempo não tão distante disso, em plena década XXI, uma garota chamada Celina, ela fazia faculdade de design de moda na França, Celina tinha o apelido de "mãezela" entre os amigos pelo fato de seu pai ter morrido enquanto viajava e ter que ir morar com sua madrasta e sua mãe meio irmã, pois sua mãe morreu em um acidente, e seu pai casara com sua madrasta há nove meses de sua morte. Como Celina era muito boazinha ela fazia tudo que a madrasta e sua mãe lhe pediam. Uma coisa que ela não sabia era que sua vida estava prestes a mudar.

Em um dia chuvoso Celina como sempre foi para a faculdade de moda, mas naquele dia sua rotina iria mudar drasticamente, ela colocou o telefone quieto e colocou a melhor música no momento. Quando ela chegou em sua sala, todos haviam feito uma festa para a mesma, ela não sabia mas iria ser contratada para trabalhar com Stella Nova McCoy They em New York na sua nova coleção, no instante em que Celina viu o saber disso ela não deu nem notícias a sua madrasta e foi para New York.

Um tempo depois ela conheceu Bryan, eles foram se conhecendo melhor, visitaram grandes amigos, aqueles que cantam todos os sete dias um pro outro, a única segredo que Bryan não havia contado era que ele a amava. Um certo dia sua madrasta descobriu onde ele estava e com quem ele trabalhava, como podem imaginar a madrasta foi até New York para

11

ver sua enteada "querida", devia que depois que Celina anunciou a sua madrasta começou a mimar ela, e seus netos também começaram a plorar a situação e elas começaram a dar atenção de Bryan porque já que ele era rico e elas queriam dinheiro claro que casar com alguém rico seria o jeito mais fácil de ganhar dinheiro. Depois que Celina mandou elas irem, embora pois ela tinha "muito trabalho", ficaram apenas Celina e Bryan, depois de hrs. Simples de silêncio constrangedor, Bryan quebra o silêncio, ele simplesmente olha para Celina e fala "Cusa que você está sempre muito ocupada, e que eu também devo te fazer o saio por te ligar todo dia às 3:30 da manhã para reclamar do meu cheiro, mas scara diteto quer memorizar comigo?" Nesse momento a única coisa que ela fez e olhar para Bryan e gritar "Sim", bom depois disso pediu para Celina não falar com quem ela estava e a festa do noite.

Em plena sábado às 6:00 da manhã se acordou na festa na porta de casa de Celina sua madrasta e a mãe meio irmã, Celina se levantou e foi abrir a porta, e como ela sabia que era sua madrasta e companhia? Simples pelo fato de não poderem se gritar o nome dela, a ouvindo chegou a port se se escutar a voz delas. Quando ela abriu as portas já foram enfrente, sentando na sofa e colocaram vários papéis na mesa e pediram para que Celina assinasse obviamente que Celina recusou assinar papéis que ela nem chegou a ler, então ela começou a ler sua madrasta pular os papéis de sua mãe e disse "Vamos ler de relia, pare com isso e seja boazinha com o

11

sempre foi e assinou os papéis."

Celina nunca gostou do apelido de Condição por isso sua madrasta a chama assim. Ela não se contou e recusou. "Oh você sabe muito bem que eu sei que me chamem de Condição e eu não vou assinar coisa nenhuma, por que eu sei que vocês querem meu dinheiro, agora sabem na minha casa por que aqui vocês não são bem-vindos", a madrasta abriu espantada para Celina, pois ela nunca havia dado uma resposta desse jeito para ela, em vez de irem embora sua madrasta e suas irmãs continuaram a pedir que ela assinasse os papéis, Celina estava por um fio de dar um tapa pelas mães mandarem elas irem embora, por sua sorte Bryan apareceu e pediu que elas estivessem quietas, ele educadamente pediu para a madrasta e companhia saírem da casa e em vez de Celina antes que ele chame a polícia para retirá-las de lá. Depois disso pediu elas saírem e mandaram se ir ou apenas Celina e Bryan, o tempo foi passando e não se ouvia notícias de sua madrasta e companhia, até que um dia elas foram pegas pela polícia assinando um cheque, elas foram presas e Celina e Bryan se casaram e adotaram dois cachorrinhos, Elm e Vera, até então elas são felizes trabalhando, viajando pelo mundo, brincando pois ninguém é perfeito, e como eu sei disso tudo? Por que essa é a minha história.

5

5/2019

11

Condição nos dias atuais.

Yamé: um dia em a história limpa de sua vida quando Bryan conseguiu o título por mais de 10 anos de trabalho de princípio na comunidade. De repente um número de telefone veio da sua mãe, era uma ligação de "condição" que queria saber de mais sobre a sua vida e família e a história... Era simples, os irmãos de Celina, um grupo de irmãos e no lugar de uma conversa, transformou e ficou um um pedinte sempre amarelo.

Com a confirmação da sua vida moderna, a Condição chegou ao final de um dia de trabalho no emprego que ela tinha conseguido. Ela não se lembra de quando chegou a casa e quando ela chegou a casa, ela não se lembra de quando chegou a casa, ela não se lembra de quando chegou a casa...

Naquele momento em que ela chegou ao final de um dia de trabalho, ela não se lembra de quando chegou a casa, ela não se lembra de quando chegou a casa, ela não se lembra de quando chegou a casa...

APÊNDICE D - MODIFICANDO O DESFECHO: BARBA AZUL



Barba

1º episódio

O Barba Azul era um cara visitando
 Louca com cara de demente
 foi assim que descobri
 Certo dia um menino me veio abraçar
 E então depois de um tempo veio de férias
 o menino
 Disse que precisava sair e o chamei como se
 fosse o pai
 Mas depois disso não mais comentei
 E já gelou logo mais depois de algumas
 semanas
 A menina ficou muito curiosa mas quando
 não disse a verdade
 Então que o Barba Azul veio ela já sabia
 logo a tempo a casa
 Ela que chegou na noite e não deu
 conta de que o que tinha dentro ficou
 horrorizado e logo um preto veio
 Barba Azul tinha a ideia de como
 era o céu acentua
 E assim que chegou em casa ficou
 muito triste e não se movia
 mas não se esqueça obrigamos a todos

1 / 1

Barba
 Ela matava os filhos e os filhos
 todos eram exaltados

DOM SEG TER QUA CUI SEX SÁB
 DOM SEG TER QUA CUI SEX SÁB

30/10/2023

3º episódio

Barba Azul

A mulher casando para não se meter no
 seu marido acabou de repente por sua
 irmã, começaram uma vida de que consigu-
 ram casar. Barba Azul, a mulher se tornou
 apaixonada e chorando deu um abraço um pouco
 mais.
 Como disse ela ficou sabendo que se casou com
 eu Barba Azul, do Barba Azul, então doente
 seu marido sua irmã e seu irmão.
 Então procuramos a minha produção, então
 depois disso de repente, finalmente deu
 tempo de que se casou com o que, passou
 um dia um mês depois, esse mês, ele ficou, eu
 tudo para dar a direção de minha vida
 por um momento o meu, começou a se interessar
 por ela, e de repente, ele que não sabe de
 nada, então se casou, e depois de tempo, ele
 acabou me muito feliz.

DOM SEG TER QUA CUI SEX SÁB
 DOM SEG TER QUA CUI SEX SÁB

Quando a mulher deu a filha se usou alguma
 com os corpos no quarto, então ela
 saiu, então ela se casou com
 alguma coisa para ser
 A mulher muito bonita deu a filha
 para a sua irmã, e que não poderia
 ver os olhos de um homem
 para ele, quando ele chegou de viagem
 ele viu um casamento em uma praça
 diante de todos, quando o marido
 vestiu uma coroa de rei, então ele
 que uma mulher de noite, quando
 viu a sua irmã, então ele se casou
 com ela.
 Muito forte da mãe ele chegou
 e ele um dia de sua esposa a
 sua esposa chegou para ele, para a
 praça de casar, então ele
 não se casou, então ele se casou
 com ela, e ele mesmo ele foi despedido
 por seus irmãos. P. 7

.....ele.....
.....o.....

Barba azul resucitou porque sua
barraca era mágica. Barba azul foi
voto de sua mulher para matá-
lo, mas ele não morreu. Ela
sinteu depois a mulher, de-
sejo que ele resucitou então
foi o mas ele o, com o bem
depressa em uma floresta. Uma
voadora e de ele disse:
- tu não de matar, não pode
dizer não contra, mas não ogra.
Ele muito assustado, disse:
- como não resucitou - pergunto ela
- tu resucitab com minha barra
mágica. É de jeito que eu voltei
a vida, vou tirar a sua.
Então azul matou ela e sempre sem
ninguém nunca mais voltar.

de ombrela.



Nome: _____ 9: _____

uma mulher que também no paripata, ao
vir aquela quarta com a caixa, fez ficar
e planejou o matar de Barba azul.
Planejou então matar logo azul antes que
ele o matar. Quando Barba chegou, a
mulher do saculo de um dos quartos
deu a caixa, e ele e sua irmã
ficaram com o palácio, todo riqueza
como huana.

Barba
Azul

Logo após mataram Barba
Azul, a coroa da floresta, por um
ou 9 quart onde vive as mulheres
matou um de sua filha. Ela era
a chefe da mágica mágica respon-
deu a mágica para as mulheres
com um bar de mágica toda
mataram a vida de azul e azul
ficaram bequitos. Ela passou um
tempo em conversando.

No final das coisas, disse quem
que Barba azul matava as mulheres
para ficar com sua riqueza. Ela era
na sua vida, as mulheres muito agrida
e dividiam sua riqueza com a
pauzão e sua irmã.

Após a pauzão, voltou a viver com
sua família, passando um bom tempo
sem se relacionar com ninguém.

Nome: _____

9: _____



APÊNDICE E - MISTURANDO OS CONTOS

data: 23.10.2019
000000

Surpresa:

Barba Azul, um homem muito conhecido por sua beleza e por ser um dos homens mais ricos da cidade. Ele se sentia sozinho então resolveu fazer uma festa para escolher uma noiva.

Não ficou ele escolheu a mais bonita das moças, mas uma outra moça ficou com raiva e então colocou um feitiço em Barba Azul por não amar ninguém a não ser ele mesmo e julgou pela aparência, e transformou em fera, e junto a aparência uma maldição se seguiu.

Depois de um tempo uma garota ouviu falar sobre o Barba Azul transformado em fera, e não acreditava que existia alguém tão ruim, então ela foi confidenciar ao pai.

Quando no lugar ela se despediu com uma barreira fera, ela se assustou muito, mas não saiu do lugar, pois não mexiam, parecia que estavam dizendo-lhe para ficar ali, ela resolveu ficar, mas a fera não gostou da ideia mas a desistiram e ficou. O tempo passou e a fera começou a gostar da Bela, e começaram a ser semelhantes entre a moça que ela tinha escolhido para ser sua futura esposa e a Bela. Logo ela caiu em

sono profundo, pois essa era a maldição que ele carregava junto com sua aparência, a fera ficou mais chateada, por tinha pensado que Bela era sua amor verdadeira, então ele a colocou no mais belo sono, não queria colocar Bela junto as outras moças que antes haviam tentado tirar a maldição de Barba Azul. O tempo foi a passar e Bela ficou muito triste por sua falta de seu amado. Com o tempo seus empregados começaram a se preocupar com ele, um dia disseram-lhe que ele precisava esquecer Bela, nesse momento Barba Azul foi ao quarto de Bela e se despediu dela com um beijo em sua testa, quando estava se a embora Bela o chamou, quando Barba Azul ouviu a linda voz de Bela ele correu para abraçá-la, então a fera resolveu lhe contar toda a verdadeira história, Bela ficou muito chateada com tudo aquilo que aconteceu com Barba Azul, então ele deu um beijo e assim ele voltou ao que era antes, apenas a aparência mudou, mas o caráter que ele tinha antes desapareceu.

De repente ouviram gritos e lembrou com das outras mulheres que ele havia colocado em um quarto por haviam sido maldade, correram até lá e se desgruaram a sombra. Depois de verem bastante da situação, Barba Azul mostrou a Bela uma caixa que ele havia colocado a

data: . . .
000000

Esperança da moça mais bonita que já havia conhecido, Bela começou a rir muito e Barba Azul então perguntou o que havia acontecido, então ela respondeu: Eu perdi esse sapatinho de cristal no dia do baile, que você havia feito.

Ele ficou muito triste.

O tempo passou, eles se casaram, viveram felizes para sempre.

Moral: sempre conheça a pessoa melhor antes de tomar uma decisão precipitada.

Parabéns!
Adriana!
C. CAVALHO

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Uberaba-MG

Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS
Av. Frei Paulino, nº 30, 3º andar - Bairro Abadia - CEP: 38025-180 - Uberaba - MG
sec.profletras@uftm.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**ESCLARECIMENTO – RESPONSÁVEL LEGAL**

TÍTULO DA PESQUISA: O imaginário por trás dos contos: perspectivas e leituras com alunos do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental.

Convidamos o menor sob sua responsabilidade a participar da pesquisa: **O imaginário por trás dos contos: perspectivas e leituras com alunos do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental.** O objetivo desta pesquisa é ler diferentes versões de contos fabulares e estimular a criticidade dos alunos diante da comparação de alguns contos maravilhosos com sua versão antiga. Sua participação é importante, pois o cotidiano escolar da Escola Estadual pesquisada é que os alunos ainda não possuem hábito de leitura, embora estejam bastante conectados às tecnologias, possuam um grande acesso às informações, pois realizam uma leitura superficial voltada para interesses particulares, como redes sociais e *WhatsApp*. Estes alunos acabam perdendo as principais habilidades de leitura, não sendo estimulados a ler, interpretar, criticar e concluir suas ideias de forma clara e objetiva. Sendo assim, este projeto torna-se necessário numa tentativa de resgatar o prazer pela literatura e provocar reflexões pertinentes para estes alunos, levando-os a perceberem que existem outras formas de leitura, além das que estão acostumados em seu dia a dia.

Caso você aceite que o menor sob sua responsabilidade participe desta pesquisa será necessário que ele(a) responda questionários, participe das aulas de Língua Portuguesa, leia os contos maravilhosos originais e algumas adaptações, faça diversas apresentações e escrita de textos, no local nas dependências da Escola Estadual Presidente João Pinheiro; com tempo estimado de aproximadamente um ano e meio, na data da aprovação pelo sistema CEP-CONEP até o final do ano de 2019. Os riscos desta pesquisa são inexistentes, para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes medidas. Espera-se que, da participação do menor sob

sua responsabilidade na pesquisa, resultará para ele(a) desenvolvimento na leitura e reescrita de textos literários; assim como o despertar para o texto literário.

Você poderá obter quaisquer informações relacionadas à participação dele(a) nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, por meio dos pesquisadores do estudo. A participação do(a) seu(sua) filho(a) é voluntária, e em decorrência dela, seu(sua) filho(a) não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por seu(sua) filho(a) participar desse estudo, pois qualquer gasto que tenha por causa dessa pesquisa lhe será ressarcido. Ele(a) poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores, ou prejuízo quanto ao atendimento escolar, bastando informar o pesquisador que lhe entregou este documento. Seu(sua) filho(a) não será identificado(a) neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores da pesquisa, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Ele(a) tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que sofra em decorrência dessa pesquisa.

Contato da pesquisadora:

Pesquisadora:

Nome: Eliana Aparecida da Silva Bino

E-mail: elianesilvanp@hotmail.com

Telefone: (34) 99158-5326

Endereço: Rua Menelick de Carvalho, 383

Formação/Ocupação: Professora

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Rua Conde Prados, 191, Bairro Nossa Senhora da Abadia – Uberaba – MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 11:30 e das 13:00 às 17:30. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.



Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Uberaba-MG

Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

Av. Frei Paulino, nº 30, 3º andar - Bairro Abadia - CEP: 38025-180 - Uberaba - MG
sec.profletras@uftm.edu.br

CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

TÍTULO DA PESQUISA: O imaginário por trás dos contos: perspectivas e leituras com alunos do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental

Eu, _____ e o(a) menor sob minha responsabilidade, voluntário(a) a participar dessa pesquisa, lemos e/ou ouvimos o esclarecimento acima e compreendemos para que serve o estudo e a quais procedimentos a criança sob minha responsabilidade será submetida. A explicação que recebemos esclarece os riscos e benefícios do estudo. Nós entendemos que somos livres para interromper a participação dele(a) a qualquer momento, sem precisar justificar nossa decisão e que isso não afetará o atendimento escolar que ele(a) recebe. Sei que o nome dele(a) não será divulgado, que não teremos despesas e não receberemos dinheiro para participar do estudo. Concordamos juntos que ele(a) participe do estudo **O imaginário por trás dos contos: perspectivas e leituras com alunos do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental**, e receberemos uma via assinada (e rubricada em todas as páginas) deste documento.

Uberaba,//.....

Assinatura do responsável legal

Assinatura do pesquisador responsável
Fani Miranda Tabak

Assinatura do pesquisador assistente
Eliana Aparecida da Silva Bino

Telefone de contato dos pesquisadores:

(034)99158-5326

ANEXO B - TEXTO: DOIS BEIJOS: O PRÍNCIPE DESENCANTADO



O primeiro beijo foi dado por um príncipe numa princesa que estava dormindo encantada há cem anos. Assim que foi beijada, ela acordou e começou a falar:

- Muito obrigada, querido príncipe. Você por acaso é solteiro?

- Sim, minha querida princesa.

- Então nós temos que nos casar, já! Você me beijou, e foi na boca, afinal de contas não fica bem, não é mesmo?

- É... querida princesa.

- Você tem um castelo, é claro.

- Tenho... princesa.

- E quantos quartos tem o seu castelo, posso saber?

- Trinta e seis.

- Só? Pequeno, hein! Mas não faz mal, depois a gente faz umas reformas... Deixa eu pensar quantas amas eu vou ter que contratar... Umas quarenta eu acho que dá!

- Tantas assim?

- Ora, meu caro, você não espera que eu vá gastar as minhas unhas varrendo, lavando e passando, não é?

- Mas quarenta amas!

- Ah, eu não quero nem saber. Eu não pedi para ninguém vir aqui me beijar, e já vou avisando que quero umas roupas novas, as minhas devem estar fora de moda; afinal passaram-se cem anos, não é mesmo? E quero uma carruagem de marfim, sapatinhos de cristal e... e... joias, é claro! Eu quero anéis, pulseiras, colares, tiaras, coroas, cetros, pedras preciosas, semipreciosas, pepitas de ouro e discos de platina!

- Mas eu não sou o rei das Arábias, sou apenas um príncipe...

- Não me venha com desculpas esfarrapadas! Eu estava aqui dormindo e você veio e me beijou e agora vai querer que eu ande por aí como uma gata borralheira? Não, não e não, e outra vez não e mais uma vez não!

Tanto a princesa falou que o príncipe se arrependeu de ter ido até lá e a beijado. Então teve uma ideia. Esperou a princesa ficar distraída, jogou-se sobre ela e deu outro beijo, bem forte. A princesa caiu imediatamente em sono profundo, e dizem que até hoje está lá, adormecida. Parece que a notícia se espalhou, e os príncipes passam correndo pela frente do castelo onde ela dorme, assobiando e olhando para o outro lado.

SOUZA, Flávio de. **Príncipes e princesas, sapos e lagartos**. São Paulo: FTD, 1996.

ANEXO C - TEXTO: CINDERELA

Era uma vez um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo.

Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecer ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, com camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés.

A pobre menina suportava tudo com paciência. Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa. Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas. Por isso, todos passaram a chamá-la Gata Borralheira. Mas a caçula das irmãs, que não era tão estúpida quanto a mais velha, começou a chamá-la Cinderela. No entanto, apesar das roupas suntuosas que as filhas da madrasta usavam, Cinderela, com seus trapinhos, parecia mil vezes mais bonita que elas.

Ora, um dia o filho do rei deu um baile e convidou todos os figurões do reino – nossas duas senhoritas estavam entre os convidados, pois desfrutavam de certo prestígio. Elas ficaram entusiasmadas e ocupadíssimas, escolhendo as roupas e os penteados que lhes caíam melhor. Mais um sofrimento para Cinderela, pois era ela que tinha de passar a roupa branca das irmãs e engomar seus babados. O dia inteiro as duas só falavam do que iriam vestir.

“Acho que vou usar meu vestido de veludo vermelho com minha renda inglesa”, disse a mais velha. “Só tenho minha saia de todo dia para vestir, mas, em compensação, vou usar meu mantô com flores douradas e meu broche de diamantes, que não é de se jogar fora.”

Mandaram chamar o melhor cabeleireiro das redondezas, para levantar-lhes os cabelos em duas torres de caracóis, e mandaram comprar moscas do melhor fabricante. Chamaram Cinderela para pedir sua opinião, pois sabiam que tinha bom gosto. Cinderela deu os melhores conselhos possíveis e até se ofereceu para penteá-las. Elas aceitaram na hora. Enquanto eram penteadas, lhe perguntavam: “Cinderela, você gostaria de ir ao baile?”

“Pobre de mim! As senhoritas estão zombando. Isso não é coisa que convenha.”
“Tem razão, todo mundo riria um bocado se visse uma Gata Borralheira indo ao baile.”

Qualquer outra pessoa teria estragado seus penteados, mas Cinderela era boa e penteou-as com perfeição. As irmãs ficaram quase dois dias sem comer, tal era seu alvoroço. Arrebentaram mais de uma dúzia de corpetes de tanto apertá-los para afinar a cintura, e passavam o dia inteiro na frente do espelho.

Enfim o grande dia chegou. Elas partiram, e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de...” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase.

A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?”

“Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo.

“Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile.”

A fada madrinha foi com Cinderela até o quarto dela e lhe disse: “Desça ao jardim e traga-me uma abóbora.”

Cinderela colheu a abóbora mais bonita que pôde encontrar e a levou para a madrinha. Não tinha a menor ideia de como aquela abóbora poderia fazê-la ir ao baile. A madrinha escavou a abóbora até sobrar só a casca. Depois bateu nela com sua varinha e, no mesmo instante, a abóbora foi transformada numa bela carruagem toda dourada. Em seguida foi espiar a armadilha para camundongos, onde encontrou seis camundongos ainda vivos. Disse a Cinderela que levantasse um pouquinho a portinhola da armadilha. Em cada camundongo que saía dava um toque com sua varinha, e ele era instantaneamente transformado num belo cavalo; formaram-se assim três belas parelhas de cavalos de um bonito cinza-camundongo-rajado. E vendo a madrinha confusa, sem saber do que faria um cocheiro, Cinderela falou: “Vou ver se acho um rato na ratoeira. Podemos transformá-lo em cocheiro.”

“Boa ideia”, disse a madrinha, “vá ver.” Cinderela então trouxe a ratoeira, onde havia três ratos graúdos. A fada escolheu um dos três, por causa dos seus bastos bigodes, e, tocando-o, transformou-o num corpulento cocheiro, bigodudo como nunca se viu. Em seguida ordenou a Cinderela: “Vá ao jardim, e encontrará seis lagartos atrás do regador. Traga-os para mim.” Assim que ela os trouxe, a madrinha os transformou em seis lacaios, que num segundo subiram atrás da carruagem com suas librés, e ficaram ali empoleirados, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

A fada se dirigiu então a Cinderela: “Pronto, já tem como ir ao baile. Não está contente?”

“Estou, mas será que vou assim, tão maltrapilha?”

Bastou que a madrinha a tocasse com sua varinha, e no mesmo instante suas roupas foram transformadas em trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. Depois ela lhe deu um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo. Deslumbrante, Cinderela montou na carruagem. Mas sua madrinha lhe recomendou, acima de tudo, que não passasse da meia-noite, advertindo-a de que, se continuasse no baile um instante a mais, sua carruagem viraria de novo abóbora, seus cavalos camundongos, seus lacaios lagartos, e ela estaria vestida de novo com as roupas esfarrapadas de antes. Cinderela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite. Então partiu, não cabendo em si de alegria.

O filho do rei, a quem foram avisar que acabara de chegar uma princesa que ninguém conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão quando ela desceu da carruagem e conduziu-a ao salão onde estavam os convidados. Fez-se então um grande silêncio; todos pararam de dançar e os violinos emudeceram, tal era a atenção com que contemplavam a grande beleza da desconhecida. Só se ouvia um murmúrio confuso: “Ah, como é bela!” O próprio rei, apesar de bem velhinho, não se cansava de fitá-la e de dizer bem baixinho para a rainha que fazia muito tempo que não via uma pessoa tão bonita e tão encantadora. Todas as damas puseram-se a examinar cuidadosamente seu penteado e suas roupas, para tratar de conseguir iguais já no dia seguinte, se é que existiam tecidos tão lindos e costureiras tão habilidosas.

O filho do rei conduziu Cinderela ao lugar de honra e em seguida a convidou para dançar: ela dançou com tanta graça que a admiraram ainda mais. Foi servida uma magnífica ceia, de que o príncipe não comeu, tão ocupado estava em contemplar Cinderela. Ela então foi se sentar ao lado das irmãs, com quem foi gentilíssima, partilhando com elas as laranjas e os limões que o príncipe lhe dera, o que as deixou muito espantadas, pois não a reconheceram.

Estavam assim conversando quando Cinderela ouviu soar um quarto para a meia-noite. No mesmo instante fez uma grande reverência para os convidados e partiu chispando.

Assim que chegou em casa foi procurar a madrinha. Depois de lhe agradecer, disse que gostaria muito de ir de novo ao baile do dia seguinte, pois o filho do rei a convidara. Enquanto estava entretida em contar à madrinha tudo o que acontecera no baile, as duas irmãs bateram à porta; Cinderela foi abrir. “Como demoraram a chegar!” disse, bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando como se tivesse acabado de acordar; na verdade não sentira nem um pingo de sono desde que as deixara.

“Se você tivesse ido ao baile”, disse-lhe uma das irmãs, “não teria se entediado: esteve lá uma bela princesa, a mais bela que se possa imaginar; gentilíssima, nos deu laranjas e limões.”

Cinderela ficou radiante ao ouvir essas palavras. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs responderam que ninguém a conhecia e que até o príncipe estava pasmo. Ele daria qualquer coisa para saber quem era ela.

Cinderela sorriu e lhes disse: “Então ela era mesmo bonita? Meu Deus, que sorte vocês tiveram! Ah, seu eu pudesse vê-la também! Que pena! Senhorita Javotte, pode me emprestar aquele seu vestido amarelo que usa todo dia?”

“Com certeza”, respondeu a senhorita Javotte, “vou fazer isso já, já! Emprestar meu vestido para uma Gata Borralheira asquerosa como esta, só se eu estivesse completamente louca.”

Cinderela já esperava essa recusa, que a deixou muito satisfeita; teria ficado terrivelmente embaraçada se a irmã tivesse lhe emprestado o vestido.

No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, mas ainda mais magnificamente trajada que da primeira vez. O filho do rei ficou todo o tempo junto dela e não parou de lhe sussurrar palavras doces. A jovem estava se divertindo tanto que esqueceu o conselho de sua madrinha. Assim foi que escutou soar a primeira badalada da meia-noite quando imaginava que ainda fossem onze horas: levantou-se e fugiu, célere como uma corça.

O príncipe a seguiu, mas não conseguiu alcançá-la. Ela deixou cair um dos seus sapatinhos de vidro, que o príncipe guardou com todo cuidado. Cinderela chegou em casa sem fôlego, sem carruagem, sem lacaios e com seus andrajos; não lhe restara nada de todo o seu esplendor senão um pé dos sapatinhos, o par do que deixara cair.

Perguntaram aos guardas da porta do palácio se não tinham visto uma princesa deixar o baile. Responderam que não tinham visto ninguém sair, a não ser uma mocinha muito malvestida, que mais parecia uma camponesa que uma senhorita.

Quando suas duas irmãs voltaram do baile, Cinderela perguntou-lhes se tinham se divertido novamente, e se a bela dama lá estivera. Responderam que sim, mas que fugira ao toque da décima segunda badalada, e tão depressa que deixara cair um de seus sapatinhos de vidro, o mais lindo do mundo. Contaram que o filho do rei o pegara, e que não fizera outra coisa senão contemplá-lo pelo resto do baile. Tinham certeza de que ele estava completamente apaixonado pela linda moça, a dona do sapatinho.

Diziam a verdade, porque, poucos dias depois, o filho do rei mandou anunciar ao som de trompas que se casaria com aquela cujo pé coubesse exatamente no sapatinho. Seus homens foram experimentá-lo nas princesas, depois nas duquesas, e na corte inteira, mas em vão. Levaram-no às duas irmãs, que não mediram esforços para enfiarem seus pés nele, mas sem sucesso. Cinderela, que as observava, reconheceu seu sapatinho e disse, sorrindo: “Deixem-me ver se fica bom em mim.” As irmãs começaram a rir e a caçoar dela. Mas o fidalgo que fazia a prova do sapato olhou atentamente para Cinderela e, achando-a belíssima, disse que o pedido era justo e que ele tinha ordens de experimentá-lo em todas as moças. Pediu a Cinderela que se sentasse. Levou o sapato até seu pezinho e viu que cabia perfeitamente, como um molde de cera.

O espanto das duas irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse instante chegou a madrinha e, tocando com sua varinha os trapos de Cinderela, transformou-os de novo nas mais magníficas de todas as roupas. As duas irmãs perceberam então que era ela a bela jovem que tinham visto no baile. Jogaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão por todos os maus-tratos que a tinham feito sofrer. Cinderela perdoou tudo e, abraçando-as, pediu que continuassem a lhe querer bem.

Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe pareceu mais bela que nunca e poucos dias depois estavam casados. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte.

MORAL

É um tesouro para a mulher a formosura,
Que nunca nos fartamos de admirar.
Mas aquele dom que chamamos doçura
Tem um valor que não se pode estimar.

Foi isso que Cinderela aprendeu com a madrinha,
Que a educou e instruiu com um zelo tal,
Que um dia, finalmente, dela fez uma rainha.
(Pois também deste conto extraímos uma moral.)

Beldade, ela vale mais do que roupas enfeitadas.
Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha,
A doçura é que é a dádiva preciosa das fadas.
Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha.

OUTRA MORAL

É por certo grande vantagem
Ter espírito, valor, coragem,
Um bom berço, algum bom senso –
Talentos que tais ajudam imenso.
São dons do Céu que esperança infundem.
Mas seus préstimos por vezes iludem,
E teu progresso não vão facilitar,
Se não tiveres, em teu labutar,
Padrinho ou madrinha a te empurrar.

(PERRAULT, Charles. [et al.]. **Contos de fadas**. Edição, introdução e notas: Maria Tatar.

Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Vários ilustradores. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.)

ANEXO D - TEXTO: CINDERELA - VERSÃO DOS IRMÃOS GRIMM

A mulher de um homem rico ficou muito doente. Quando ela percebeu que a morte se aproximava, chamou sua única filha ao seu leito e disse "Filha querida, seja boa e piedosa que o bom deus sempre lhe protegerá. Eu estarei no céu olhando pra você e nunca te abandonarei." Dito isso, ela fechou os olhos e morreu. Todos os dias a moça visitava o túmulo de sua mãe. Ela chorava e se mantinha piedosa e boa. Quando o inverno veio, a neve cobriu o túmulo com uma manta branca e quando o sol da primavera a derreteu, o homem encontrou uma nova esposa.

A mulher trouxe consigo duas filhas que eram bonitas e agradáveis de rosto, mas más e feias de coração. Começava um período ruim para a pobre moça. "Essa pata-tonta vai sentar-se na sala de visitas conosco?", elas perguntavam. "Se quer comer o pão, terá que trabalhar para ganhá-lo. Trabalhará na cozinha." Elas tiraram suas belas roupas, vestiram-na com um camisolão cinza e velho e lhe calçaram com sapatos de madeira.

"Olhem só para a princesa orgulhosa! Como está fora de moda," elas gritavam, riam e a levavam para a cozinha. Lá ela tinha que trabalhar pesado durante todo o dia, se acordava antes de o sol nascer, carregava água, acendia o fogo, cozinhava e lavava. Além disso, as irmãs ainda a maltratavam de todas as formas imagináveis - gozavam dela e derramavam as ervilhas e lentilhas nas cinzas do fogão para que ela tivesse que catar tudo de novo. Ao anoitecer, quando ela já estava cansada de tanto trabalhar, ela não tinha uma cama onde dormir e acabava deitando-se ao lado do forno, nas cinzas. Por isso ela sempre parecia suja e empoeirada e foi então que começaram a chamá-la Cinderella.

Um dia, o pai estava indo para a feira e perguntou às duas irmãs o que queriam que ele trouxesse para elas.

"Belos vestidos," disse uma delas,

"Pérolas e joias," disse a outra.

"E você, Cinderella," perguntou ele, "o que você quer?"

"Pai, traga-me o primeiro galho de árvore que bater em seu chapéu quando estiver voltando para a casa."

Então ele comprou belos vestidos, pérolas e joias para as enteadas, voltando para a casa, quando cavalgava por um bosque, um ramo de uma aveleira passou pelo seu chapéu. Então ele quebrou o ramo e levou consigo. Quando chegou em casa, ele deu às enteadas o que haviam pedido, e para Cinderella ele deu o ramo da aveleira. Cinderella agradeceu, foi até o túmulo de sua mãe, plantou o ramo que ganhou de seu pai, e chorou tanto que as lágrimas chegaram ao chão e regaram a planta. O pequeno ramo cresceu e transformou-se em uma árvore frondosa. Três vezes por dia Cinderella sentava-se sob a árvore, chorava e rezava. Um passarinho branco sempre vinha para a árvore e se Cinderella expressasse um desejo, o passarinho jogava para ela o que ela pedira.

Um dia o rei anunciou que haveria uma festa que duraria três dias para a qual todas as moças jovens e bonitas do reino estavam convidadas para que o príncipe escolhesse sua noiva. Quando as duas irmãs souberam que estavam convidadas, ficaram eufóricas, chamavam Cinderella e diziam, "penteie nossos cabelos, engraxe nossos sapatos e ajude-nos a nos vestir, porque nós vamos ao casamento no palácio real."

Cinderella obedecia e chorava, porque ela queria ir com elas para o baile, e implorava à madastra que a deixasse ir.

"Você, Cinderella," disse ela, "coberta de pó e sujeira como você sempre está. Você não tem roupas nem sapatos, e nem ao menos sabe dançar." E mesmo assim Cinderella continuava pedindo. Depois de um tempo a madrastra disse, "Eu despejei um prato de lentilhas nas cinzas, se você conseguir catar todas em duas horas, deixarei você vir conosco."

A moça foi até a porta dos fundos e chamou:

"Mansas pombinhas e rolinhas
E todas as aves do céu
Venham me ajudar a catar as lentilhas.
As boas no prato,
As ruins no papo."

Logo duas pombinhas brancas entraram pela janela da cozinha, em seguida as rolinhas, e por último todas as aves do céu, vieram numa revoada e pousaram nas cinzas. As pombinhas balançaram a cabeça e começaram a catar e os outros passarinhos fizeram o mesmo. Logo juntaram todos os grãos bons no prato. Não tinha passado nem uma hora quando acabaram o serviço e se foram.

A moça, contente, levou o prato para a madrastra. Ela acreditava que com isso poderia ir ao baile com elas.

Mas a madrastra disse, "Não, Cinderella, você não tem roupas e não sabe dançar. Você seria motivo de risos." Como Cinderella começou a chorar, a madrastra disse: se você conseguir catar dois pratos de lentilhas das cinzas em uma hora, poderá ir conosco. Ela achava que desta vez, Cinderella não conseguiria.

Quando a madrastra derramou os dois pratos de lentilhas nas cinzas, a moça foi até a porta dos fundos e chamou:

"Mansas pombinhas e rolinhas
E todas as aves do céu
Venham me ajudar a catar as lentilhas.
As boas no prato,
As ruins no papo."

Logo duas pombinhas brancas entraram pela janela da cozinha, em seguida as rolinhas, e por último, todas as aves do céu vieram numa revoada e pousaram nas cinzas. As pombinhas balançaram a cabeça e começaram a catar e os outros passarinhos fizeram o mesmo. Logo juntaram todos os grãos bons no prato. Não tinha passado nem meia hora quando acabaram o serviço e se foram. A moça estava muito feliz achando que agora ela teria permissão para ir ao baile.

Mas a madrastra disse: "Isso não adianta nada. Você não pode ir conosco, pois não tem roupas e não sabe dançar. Só nos faria passar vergonha." Dito isso, ela virou as costas e partiu com suas orgulhosas filhas.

Quando não tinha mais ninguém em casa, Cinderella foi ao túmulo de sua mãe, sentou-se sob a árvore e disse:

"Balance e se agite, árvore adorada,
Me cubra toda de ouro e prata."

O passarinho entregou-lhe um vestido de ouro e prata e sapatos de seda com bordados de prata. Ela vestiu-se com pressa e foi ao baile. A madrastra e as irmãs não a reconheceram e pensaram que deveria ser uma princesa estrangeira de tão bela que ela estava em seu vestido dourado. Elas nem imaginavam que poderia ser Cinderella e acreditavam que ela estava suja em casa, sentada ao lado do fogão catando lentilhas. O príncipe aproximou-se dela, pegou sua mão e dançou com ela. Ele não quis dançar com nenhuma outra moça, não soltou a mão dela por um único instante e, se alguém a convidava para dançar, ele dizia: "Ela é minha dama."

Dançaram até tarde da noite, e então ela quis ir embora. Mas o príncipe disse: "Eu te acompanho," pois ele queria saber a que família tão bela moça pertencia. Ela conseguiu escapar-se dele e se escondeu no pombal. O príncipe esperou em frente à casa até que o pai de Cinderella veio e ele disse que a moça desconhecida havia se escondido no pombal.

O pai de Cinderella pensou, "Deve ser Cinderella." Trouxeram um machado e uma picareta e quebraram o pombal em pedacinhos, mas já não tinha ninguém lá dentro.

Quando chegaram em casa, encontraram Cinderella com suas roupas sujas deitada nas cinzas à luz mortiça de uma lamparina. O que aconteceu foi que Cinderella se escapou rápido pela parte de trás do pombal e correu até a aveleira. Lá ela tirou suas belas vestes, deixou-as sobre o túmulo de sua mãe e o passarinho as levou. Então ela voltou pra casa e deitou-se nas cinzas vestida com seu camisolão.

No dia seguinte, a festa recomeçou. A madrasta e as irmãs foram de novo. Cinderella foi até a aveleira e disse:

“Balance e se agite, árvore adorada,
Me cubra toda de ouro e prata.”

Logo o passarinho lhe entregou um vestido ainda mais bonito que o da noite anterior. E quando Cinderella apareceu no baile com seu vestido, todos ficaram espantados com tanta beleza. O príncipe, que estava esperando por ela, logo pegou sua mão e não dançou com nenhuma outra moça. Quando outros vinham e a convidavam para dançar, ele dizia: “Ela é minha dama.”

Quando anoiteceu, ela quis ir embora e o príncipe a seguiu para ver em que casa ela entraria. Mas ela se escapou se escondendo no jardim de sua casa. Lá havia uma árvore alta e bela que dava peras maravilhosas. Ela subiu ágil como um esquilo e o príncipe não sabia onde ela estava. Ele esperou até que o pai dela veio e disse a ele, "A moça desconhecida se escapou de mim e acredito que ela tenha subido na pereira." O pai pensou: "Deve ser Cinderella." Trouxeram um machado e derrubaram a árvore, mas já não havia ninguém lá. Quando chegaram em casa, encontraram Cinderella com suas roupas sujas deitada nas cinzas à luz mortiça de uma lamparina.

O que aconteceu foi que Cinderella se escapou rápido pela parte de trás da pereira. Lá ela tirou suas belas vestes, deixou-as sobre o túmulo de sua mãe e o passarinho as levou. Então ela voltou pra casa e deitou-se nas cinzas vestida com seu camisolão.

No terceiro dia, quando a madrasta e as irmãs já tinham saído, Cinderella foi mais uma vez até o túmulo de sua mãe e disse para a aveleira:

"Balance e se agite, árvore adorada,
Me cubra toda de ouro e prata."

E o passarinho lhe trouxe um vestido ainda mais esplêndido e magnífico que os outros e sapatinhos de ouro. E quando ela chegou ao baile, todos emudeceram de admiração. O príncipe dançou apenas com ela e para todos que a convidavam para dançar, ele dizia: "Ela é minha dama".

Quando a noite chegou, Cinderella quis ir embora e o príncipe estava ansioso para ir com ela. Mas ela escapou-se tão rápido que ele não conseguiu segui-la. O príncipe, desta vez, usou a inteligência: mandou que passassem piche na escadaria e, quando a moça passou, o sapato do pé esquerdo ficou grudado. O príncipe pegou o sapatinho: era pequenino, gracioso e todo de ouro.

Na manhã seguinte, ele disse a seu pai que não se casaria com nenhuma moça, a não ser a dona do pé que coubesse neste sapato. As duas irmãs estavam felizes, pois tinham pés pequenos. A mais velha entrou no quarto com o sapato e tentava calçá-lo enquanto sua mãe olhava. Mas ela não conseguiu colocar o sapato por causa de seu dedão do pé. O sapato era muito pequeno para ela. Então a mãe lhe deu uma faca e disse: "Corta o dedão, quando você for rainha, não precisará andar muito a pé."

A moça cortou fora o dedão, forçou o pé para dentro do sapato, disfarçou a dor e foi ver o príncipe. Ele colocou-a na garupa de seu cavalo e saiu com ela como se fosse sua noiva. Eles tinham que passar pelo túmulo da mãe de Cinderella, e quando por lá passaram, da aveleira duas pombinhas cantaram:

“Olhe para trás, olhe para trás,
há sangue no sapato,

o sapato é pequeno demais,
sua noiva lhe espera muito atrás.”

Então ele olhou para o pé dela e viu o sangue pingando. Ele deu meia volta com o cavalo e levou a falsa noiva de volta para a casa, e disse para a outra irmã calçar o sapato. Ela colocou seus dedos do pé sem problemas, mas deu calcanhar era largo demais. A madrasta deu-lhe uma faca e disse: Corta fora um pedaço do teu calcanhar, quando fores rainha não precisarás andar a pé.”

A moça cortou um pedaço de seu calcanhar, forçou seu pé para dentro do sapato, disfarçou a dor e foi ver o príncipe. Ele colocou-a na garupa de seu cavalo e saiu com ela como se fosse sua noiva. Quando passaram pela aveleira, duas pombinhas cantaram:

"Olhe para trás, olhe para trás,
há sangue no sapato,
o sapato é pequeno demais,
sua noiva lhe espera muito atrás."

Ele olhou para o pé dela e viu o sangue escorrendo pelo sapato e manchando a meia de vermelho. Ele deu meia volta com o cavalo e levou a noiva falsa de volta para casa.

"Esta também não é a noiva certa," disse ele, "vocês não têm outra filha?" "Não", disse o homem, "temos apenas a pequena e raquítica ajudante de cozinha, filha de minha ex-mulher, mas não é possível que ela seja a noiva." O príncipe pediu para vê-la, mas a mulher disse: "oh, não! Ela está sempre muito suja. Não está apresentável." Mas o príncipe insistiu e Cinderella foi chamada.

Ela primeiro lavou suas mãos e o rosto, e curvou-se diante do príncipe que lhe entregou o sapatinho de ouro. Ela sentou-se em um banquinho, tirou o pesado sapato de madeira, e calçou o sapatinho de ouro, que serviu como uma luva. Ela ergueu-se e o príncipe olhou para o seu rosto e reconheceu a bela moça com quem tinha dançado e disse: "Esta é a noiva verdadeira."

A madrasta e suas filhas estavam horrorizadas e ficaram pálidas de raiva, ele, entretanto, colocou Cinderella sobre seu cavalo e levou-a consigo. Quando passaram pela aveleira, as duas pombinhas cantaram:

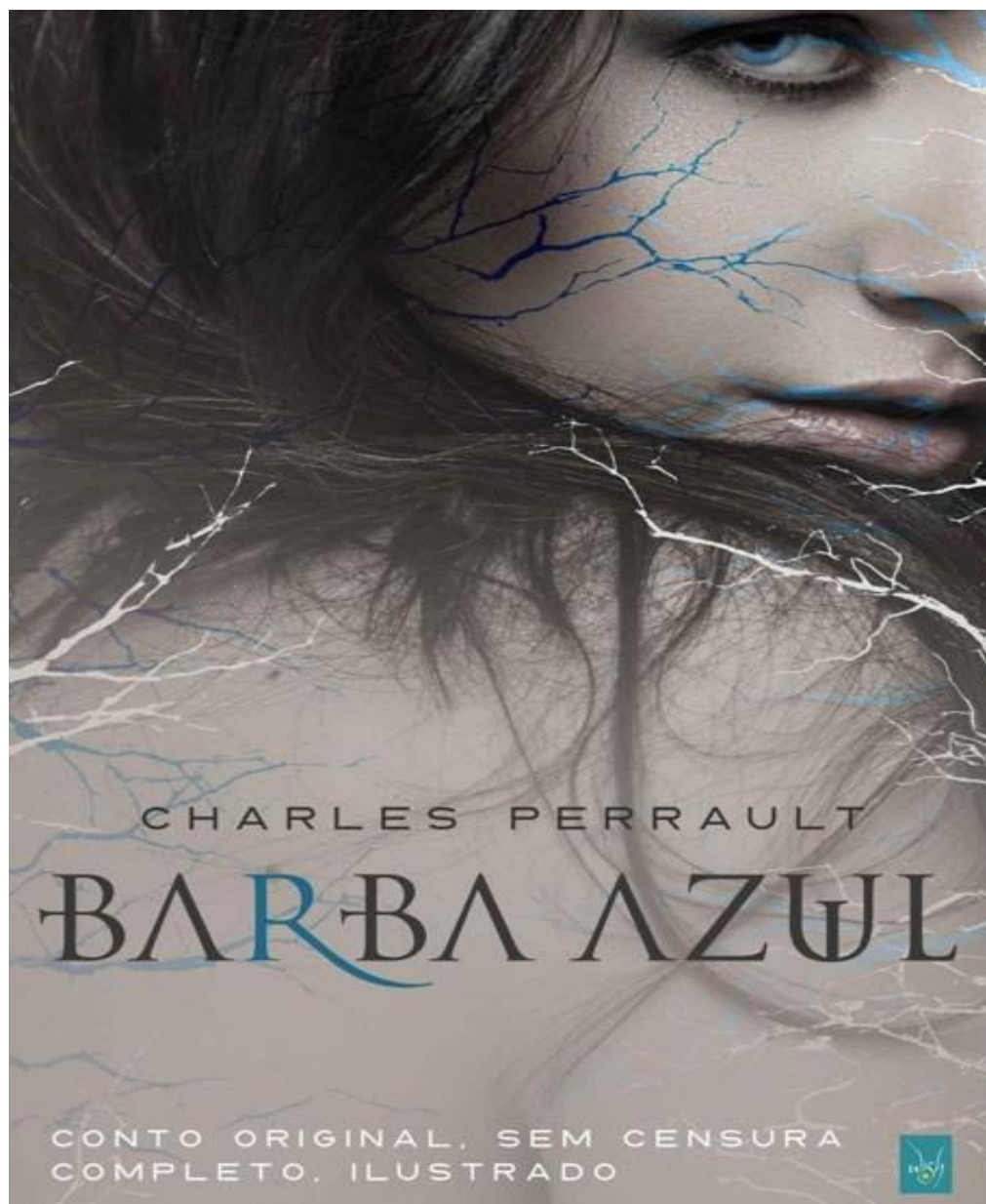
“Olhe para trás, olhe para trás,
não tem sangue no sapato,
que não lhe é apertado,
É com a noiva certa que estás.”

E depois de cantar, as duas pombinhas pousaram nos ombros de Cinderella, uma no direito, a outra no esquerdo, e ficaram sentadinhas lá.

Na cerimônia do casamento do príncipe, as duas irmãs falsas foram e queriam ficar de bem com Cinderella e dividir com ela a boa fortuna que teve. Quando os noivos chegaram à igreja, a mais velha estava à direita e a mais nova à esquerda, e as pombinhas arrancaram um olho de cada uma das irmãs. Depois, quando voltavam, a mais velha estava à esquerda e a mais nova à direita, e as pombinhas arrancaram o outro olho de cada uma delas. E então, por sua maldade e falsidade, elas foram punidas com a cegueira até o fim de suas vidas.

(GRIMM, Irmãos. **A gata borralheira**. 17 jul. 2005. Disponível em: <http://folkstories.blogspot.com/2005/07/cinderella-verso-dos-irmos-grimm.html>. Acesso em: 02 nov. 2018.)

ANEXO E - TEXTO: BARBA AZUL



PERRAULT, Charles. **Barba Azul**. 1697. Tradução: Tamara Queiroz. Conversão para Kindle: Marina Ávila, Editora Wish, 2013

Barba Azul

Era uma vez, um homem muito rico que tinha muitas propriedades, todas nobres palácios na cidade e no campo. Tudo nos castelos era belo e suntuoso, suas baixelas de ouro e prata, as cadeiras estofadas com as mais finas tapeçarias e as carruagens adornadas de ouro. Mas, apesar da riqueza, ele tinha uma tristeza: sua barba era azul. A barba o fazia parecer tão feio e assustador que as moças fugiam quando deparavam com ele.

Nas redondezas vivia uma distinta dama que tinha duas filhas e ninguém sabia dizer qual delas era a mais bela. O homem pediu a essa senhora que lhe concedesse a mão de uma de suas filhas e deixou que ela mesma escolhesse qual das duas lhe daria. O pedido não agradou a nenhuma delas, pois não queriam se casar com um homem de barba azul. O que tornava a situação ainda mais difícil é que este homem já se casara com muitas mulheres e ninguém sabia o que fora feito das antigas esposas.

A fim de conquistar a amizade da família, Barba Azul levou as duas moças, sua mãe, três ou quatro amigas delas e mais alguns rapazes conhecidos para uma festa em uma de suas casas de campo. A festa durou uma semana inteira e todos se divertiram muito. Fizeram incansáveis passeios, caçadas, pescarias, danças e banquetes. Os convidados estavam tão ocupados pregando peças uns nos outros e se embriagando que a mais jovem das duas irmãs começou a achar o senhor da barba azul um bom sujeito. Assim que retornaram à cidade, celebraram o casamento.

Um mês se passou e Barba Azul disse à sua esposa que viajaria para tratar de alguns negócios importantes nas províncias. Ele ficaria fora por pelo menos seis semanas e insistiu para que se divertisse na sua ausência. E se lhe agradasse, poderia convidar seus amigos mais próximos para passar um tempo na casa de campo. Qualquer coisa para mantê-la de bom humor.

Ele entregou à esposa uma argola cheia de chaves e descreveu: “Estas são as chaves dos dois grandes armazéns onde guardo meu ouro e minha prata. Esta outra é de onde estão as baixelas que não são de uso diário; esta, do quarto onde guardo todas as joias. E, finalmente, esta é a chave-mestra para todos os aposentos do palácio. Quanto a esta chave particular, ela abre o gabinete no final da longa galeria do térreo. Abra o que quiser. Vá a qualquer lugar que desejar. Mas proíbo-lhe terminantemente de entrar naquele quartinho e, se abrir nem que seja uma fresta da porta, nada irá protegê-la da minha ira”.



Gustave Doré (1862)

A mulher prometeu seguir exatamente as ordens dadas por seu marido. Barba Azul lhe deu um beijo de despedida, entrou na carruagem e partiu para sua jornada.



Harry Clarke, 1922

Amigos e vizinhos da recém-casada, ansiosos por conhecer o fausto do palácio, não pensaram duas vezes quando esta lhes fez o convite. Enquanto o marido estava por lá, eles não se atreveram a visitá-la, pois aquela barba azul os amedrontava. Sem perder tempo começaram a explorar tudo que encontravam: os salões ricamente decorados, os quartos, os armários e roupeiros, cada um mais esplêndido e suntuoso que o outro. Ficavam boquiabertos diante de tanta riqueza e de tamanha beleza das tapeçarias, camas, sofás, pratarias, cristaleiras e cristais, tecidos, louças das mais finas. Havia espelhos em que a pessoa poderia ver-se da cabeça aos pés. Alguns espelhos tinham moldura de vidro, outros

de prata, outros eram bisotados, mas todos eram os mais grandiosos e magníficos que já tinham visto.



Gustave Doré, 1862

Os convidados morriam de inveja da amiga e elogiavam tudo o que viam na casa. Esta, porém, era incapaz de desfrutar de qualquer destas riquezas, pois estava ansiosa para entrar no gabinete do piso térreo. Ela estava tão atormentada por sua curiosidade que, sem perceber que era uma falta da anfitriã abandonar seus convidados, correu a escada tão depressa que quase quebrou o pescoço. Por fim, chegou à porta da saleta e parou por um momento, considerando quais poderiam ser as consequências de seu ato, desobedecendo à veemente proibição do seu marido. A tentação era grande demais e ela foi incapaz de resistir. Tremendo de emoção, pegou a pequena chave e abriu a porta.

No início, ela não conseguia ver nada, pois as janelas estavam fechadas. Aos poucos seus olhos foram se acostumando à escuridão e começou a perceber que o assoalho estava pegajoso com sangue coagulado e, pior ainda, naquele sangue se refletia corpos de mulheres mortas, as antigas esposas do Barba Azul, dependurados nas paredes, degoladas e enfileiradas em um espetáculo macabro e aterrador.

A esposa ficou paralisada de pavor e ao puxar a chave da fechadura, esta caiu de sua mão trêmula. Depois de recobrar os sentidos, apanhou a chave, trancou a porta e subiu até o seu quarto para se recompor. Esforço em vão, seus nervos estavam em frangalhos. Naquele momento nada conseguiria tranquilizá-la. Foi, então, quando percebeu que a chave do sótano gabinete estava manchada de sangue. Esfregou-a duas ou três vezes, mas o sangue não saía. Tentou lavá-la com areia e sabão e ainda assim a mancha não saía, pois a chave era encantada e não havia maneira de remover aquele sangue. Bastava limpar o sangue de um lado da chave que ele reaparecia no outro.

Naquela mesma noite, Barba Azul voltou inesperadamente de sua viagem dizendo que seus negócios se resolveram antes do que pensava, auferindo grandes lucros. Sua esposa fez tudo que pôde para demonstrar que estava radiante com o seu regresso antecipado. Na manhã seguinte, ele pediu de volta as chaves e ela as devolveu, mas suas mãos tremiam tanto que ele adivinhou imediatamente o que acontecera na sua ausência.



Harry Clarke

— Onde está a chave do gabinete? – perguntou.

— Por que não está junto com as demais?

— Devo tê-la deixado em cima da minha penteadeira.

— Não se esqueça de devolvê-la logo mais – disse Barba Azul.

A esposa tentou o quanto pôde esquivar-se de devolver a chave, até que não foi mais possível. Barba Azul recebeu a chave e após examiná-la muito bem, disse:

— Por que a chave está manchada de sangue?

— Não tenho a menor ideia – respondeu a pobre mulher, pálida como a morte.

— Você não tem ideia, mas eu tenho – replicou Barba Azul. — Você me desobedeceu e entrou no gabinete. Bem, agora, minha senhora, já que você abriu, tomará o seu lugar ao lado das mulheres que lá viu.

Em prantos a pobre mulher se atirou aos pés do marido, chorando e implorando perdão, jurando arrependimento genuíno por tê-lo desobedecido. O seu sofrimento teria comovido um coração de pedra, mas o coração de Barba Azul era mais rigoroso do que um rochedo.

— Senhora, você deve morrer – o perverso declarou. — Sua hora chegou!

— Já que não há escapatória – ela respondeu, fitando-o com os olhos cheios de lágrimas. — Dá-me apenas algum tempo para que eu possa fazer minhas orações.



Harry Clarke

— Vou dar-lhe um quarto de hora – disse o marido. — Mas nem um segundo a mais. Quando a mulher ficou sozinha, chamou sua irmã e disse-lhe:

— Irmã Ana – pois esse era seu nome. — Eu imploro, suba para o topo da torre e veja se nossos irmãos estão a caminho daqui. Eles prometeram me fazer uma visita ainda hoje. Se você avistar um deles, faça um sinal para que se apressem.

Ana subiu rapidamente ao alto da torre e de vez em quando ouvia a pobre mulher perguntar desesperada:

— Ana, querida irmã Ana, não está vendo ninguém chegar?

E a irmã respondia:

— Não vejo nada, apenas o sol ofuscante e o capim verdejante.

Nesta hora, Barba Azul pegou um sabre enorme e gritou a plenos pulmões:

— Desça já, ou subirei aí para buscá-la.

— Apenas me dê mais um segundo, eu imploro – sua esposa respondeu e logo sussurrou:

— Ana, querida irmã Ana, você vê alguém vindo para cá?

— Não, ó não, querida irmã, apenas um rebanho de ovelhas.

— Trate de descer depressa – berrou Barba Azul.

— Só mais um segundo – respondeu a esposa que gritou:

— Ana, querida irmã Ana, você vê alguém vindo para cá?

— Eu vejo dois cavaleiros vindo para cá, mas ainda estão muito longe – ela respondeu.

Um momento depois, gritou:

— Graças a Deus, são nossos irmãos. Estou fazendo todos os sinais possíveis para que se apressem.

Barba Azul rugiu tão alto que a casa inteira estremeceu. Sua infeliz esposa desceu as escadas aos prantos com os cabelos revoltos e se atirou aos pés do marido.

— Nada que você faça poderá me comover – disse Barba Azul. — Prepare-se para morrer. Com uma mão a agarrou pelos cabelos e com a outra ergueu o sabre no ar, pronto para lhe cortar a cabeça. A pobre mulher se virou para ele e, com os olhos esmaecidos, suplicou que lhe desse um momento para se preparar para a morte.



A. Guillon, 1904

— Não, não – disse Barba Azul. — Prepare-se para conhecer o seu criador. E erguendo o braço...

Nesse instante bateram à porta com tanta força que Barba Azul ficou simplesmente paralisado. A porta foi arrombada com violência e por ela entraram dois soberbos cavaleiros que, empunhando as espadas, galoparam em direção a Barba Azul. Reconhecendo os irmãos de sua mulher – um era um dragão e o outro um mosqueteiro – fugiu na esperança de escapar, mas os dois irmãos não tiveram misericórdia e

atravessaram seu corpo com as espadas e o deixaram cair morto. A esposa completamente extenuada mal teve forças para se levantar e abraçar os irmãos.

Descobriu-se que Barba Azul não havia deixado herdeiros e assim a mulher recebeu a posse de todos os seus bens. Ela empregou parte de sua fortuna para casar a irmã Ana com um jovem fidalgo que estava profundamente apaixonado por ela. Outra parte empregou para ajudar seus dois irmãos. E o restante usou para se casar com um nobre homem, que a ajudou a banir a memória dos dias terríveis que passou com Barba Azul.

(PERRAULT, Charles. **Barba Azul**. Tradução: Tamara Queiroz. Conversão para Kindle: Marina Ávila. Editora Wish, 2013.)

ANEXO F - TEXTO: A BELA ADORMECIDA

Era uma vez um Rei e uma Rainha que viviam muito tristes por não terem filhos. Fizeram tratamentos em termas de todo o mundo, promessas, peregrinações e devoções especiais. Experimentaram tudo, mas sem resultado. Até que um dia a Rainha ficou grávida e deu à luz uma menina.

Fizeram-lhe um batismo magnífico. Foram escolhidas como madrinhas da Princesinha todas as fadas que foi possível de encontrar no país (e encontraram-se sete), para que, com os dons que lhe concedessem, conforme era costume das fadas naquele tempo, a Princesa tivesse todas as perfeições possíveis e imagináveis.

Depois da cerimônia do batismo, regressaram todos em cortejo ao palácio real, onde tinha sido preparado um grande banquete em honra das fadas. O lugar de cada uma tinha sido marcado com um estojo de ouro maciço que continha uma colher, um garfo e uma faca de ouro, enfeitado com diamantes e rubis.

Enquanto cada qual se sentava no seu lugar, chegou uma fada velha, que ninguém tinha-se lembrado de convidar, pois havia mais de cinquenta anos que não saía da sua torre e todos pensavam que já estivesse morta. O Rei arranhou-lhe um lugar na mesa, mas não lhe foi possível dar-lhe um estojo de ouro maciço como o das outras, porque só haviam sido feitos sete, um para cada uma das sete fadas. A velha julgou que estavam a desprezá-la e resmungou entredentes palavras ameaçadoras.

Uma das jovens fadas, a que estava sentada ao seu lado, ouviu-a e, temendo que pudesse dar à Princesinha algum presente maléfico, mal todos se levantaram da mesa, foi-se esconder por detrás de um cortinado, para ser a última a falar e, deste modo, poder reparar o mal que a velha lhe viesse a fazer. Entretanto, as fadas começaram a desfiar os dons que traziam à princesa.

A mais jovem deu-lhe o condão de ser a mulher mais bonita do mundo; a segunda, o de ser boa como um anjo; a terceira, ter um encanto admirável em tudo o que fizesse; a quarta, dançar maravilhosamente; a quinta, cantar como um rouxinol; e a sexta, saber tocar qualquer instrumento musical com a máxima perfeição.

Chegada a sua vez, a velha fada disse, abanando a cabeça mais por despeito do que por velhice, que a Princesa espetaria o bico de um fuso na mão e, desse modo, morreria. Um tão terrível dom fez estremecer os presentes, e não houve quem não chorasse. Nesse preciso momento a jovem fada saiu de trás do cortinado e pronunciou em voz clara estas palavras:

- Rei e Rainha, tranquilizai-vos! A vossa filha não morrerá assim. Infelizmente, não tenho poder que chegue para desfazer tudo o que fez uma fada mais velha do que eu. Sim, a Princesinha picar-se-á na mão com um fuso, mas, em vez de morrer, apenas cairá num sono profundo que durará cem anos, findos os quais um príncipe virá acordá-la.

O Rei, desejoso de evitar a desgraça anunciada pela velha, mandou logo distribuir um edital em que se proibia, a quem quer que fosse, fiar com um fuso ou ter fusos em casa, sob pena de morte.

Passados quinze ou dezesseis anos, numa altura em que o Rei e a Rainha tinham ido para uma das suas casas de campo, aconteceu que a jovem Princesa, passeando pelo castelo de quarto em quarto, chegou ao cimo de uma torre. Aí, num pequeno sótão, encontrou uma simpática velha que estava sozinha a fiar.

- Que está a fazer, avozinha? - perguntou a Princesa.

- Estou a fiar, minha querida - respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.

- Ah... Que bonito! - exclamou a Princesa. - Como se faz? Deixe-me experimentar, a ver se também sou capaz.

No seu entusiasmo, nem sequer teve tempo de pegar no fuso. O que a fada tinha anunciado, cumpriu-se e a jovem Princesa espetou a mão e caiu sem sentidos. A boa velha pôs-se a gritar por socorro. Acorreu gente de todo o lado. Salpicaram de água o rosto da Princesa, desapertaram-lhe os laços, deram-lhe pancadinhas nas mãos, esfregaram-lhe as têmporas com água-de-colônia, mas nada a fez voltar a si.

Então o Rei, que tinha subido depois de ouvir todo aquele rebuliço, lembrou-se do presságio das fadas. Mandou transportar a Princesa para o mais belo quarto do palácio e deitá-la numa cama bordada a ouro e prata. Parecia um anjo, tão bonita era. O desmaio não lhe alterara as cores: as faces permaneceram rosadas e os lábios cor de coral. Tinha os olhos fechados, mas podia sentir-se a respiração suave, o que significava que não morreria.

O Rei ordenou que a deixassem dormir tranquila, até que chegasse a sua hora de acordar. A fada boa que lhe salvara a vida encontrava-se no reino de Mataquim, a doze mil léguas de distância, quando se verificou aquele incidente. Contudo, foi logo avisada por um anãozinho que calçava as botas das sete léguas. A fada partiu de imediato e, uma hora depois, viram-na chegar num carro de fogo, puxado por dragões.

O Rei deu-lhe o braço para a ajudar a descer do carro e a fada aprovou tudo o que ele tinha feito, mas, porque era muito previdente, pensou que, quando a Princesa acordasse, se sentiria perdida, se ficasse completamente sozinha naquele velho castelo.

Assim, tocou com a sua varinha em tudo o que se encontrava no castelo (exceto no Rei e na Rainha): governantas, damas de honor, criadas de quarto, cortesãos, oficiais, mordomos, cozinheiros, ajudantes, moços, guardas, pajens, escudeiros. Tocou também em todos os cavalos que havia nas cavaliças, nos grandes mastins de guarda e, por fim, na pequena Pufi, a cadelinha da Princesa, que estava junto dela na cama. Mal lhes tocou, todos adormeceram, para só acordarem quando a sua Princesa acordasse. Deste modo, todos estariam prontos a servi-la quando fosse necessário. Até os espetos que estavam ao lume cheios de perdizes e de faisões adormeceram; e o mesmo aconteceu com o lume.

Tudo isto se passou num instante: as Fadas são desembaraçadas nas suas tarefas.

Então o Rei e a Rainha, depois de terem beijado a sua querida filha sem a despertarem, saíram do castelo e decidiram proibir que alguém se aproximasse dali. Esta proibição não era necessária, pois dentro de um quarto de hora cresceu a toda a volta do parque uma tal quantidade de árvores, grandes e pequenas, de silvas e de tojos, tão emaranhados uns nos outros que nem animal, nem homem algum poderia passar. Assim, só se conseguiam ver as ameias das torres do castelo e mesmo só de muito longe.

Passados cem anos, o filho do rei que então reinava, e que pertencia a uma família diferente da da Princesa, passou por aqueles lugares à caça. Quis saber o que eram as torres que se avistavam sobre tão grande e tão densa floresta. Cada qual lhe repetia o que tinha ouvido dizer. Segundo uns, tratava-se de um velho castelo habitado por espíritos, segundo outros, todos os bruxos do país vinham celebrar ali as suas cerimônias mágicas. De acordo com a maioria das pessoas, o edifício era habitado por um ogro que para ali levava todas as crianças que conseguia apanhar, a fim de comê-las confortavelmente e sem ser incomodado, pois só ele possuía o condão de abrir uma passagem através do bosque. O Príncipe não sabia em que havia de acreditar, até que um velho camponês lhe disse:

- Meu bom Príncipe, há mais de cinquenta anos ouvi o meu pai dizer que naquele castelo há uma Princesa, a mais bela do mundo. Deverá dormir durante cem anos e será acordada pelo filho de um Rei, ao qual está destinada.

Ao ouvir estas palavras, o jovem Príncipe sentiu uma grande emoção e decidiu sem hesitar que teria de ser ele a pôr fim a tão bela aventura. Levado pelo amor e pela glória, resolveu ir imediatamente saber o que realmente se passava.

Quando avançou em direção ao bosque, as grandes árvores, as silvas e os tojos afastaram-se para o deixarem passar. Caminhou, sem dificuldade, em direção ao castelo e,

surpreendido, verificou que nenhum dos membros da sua comitiva tinha podido segui-lo, porque as árvores se voltavam a cerrar mal ele passava.

Entrou num grande pátio e tudo o que aí viu o enregelou de medo: um silêncio terrível, por todo o lado a imagem da morte. Corpos de homens e de animais, estendidos no chão, pareciam sem vida.



Atravessou um grande pátio, subiu a escadaria, entrou na sala dos guardas que permaneciam alinhados, ressonando ruidosamente. Passou por vários quartos cheios de fidalgos e de damas, todos adormecidos, uns de pé, outros sentados. Entrou depois num quarto todo dourado, onde viu, sobre uma cama, uma Princesa muito bela que parecia ter quinze ou dezesseis anos. Aproximou-se a tremer e ajoelhou-se a admirá-la. Então, chegado o fim do encantamento, a Princesa acordou e, olhando-o ternamente, disse-lhe:

- Sois vós, meu Príncipe? Demorastes muito tempo!

O Príncipe, fascinado com estas palavras, não sabia como demonstrar a sua alegria. Declarou-lhe simplesmente que a amava mais do que a si próprio. Sentia-se mais tímido do que ela, o que não é para admirar: a linda Princesa tivera muito tempo para sonhar com o que havia de lhe dizer, pois, segundo parece a boa Fada, durante tão longo sono, dera-lhe o prazer de ter bons sonhos. Havia quatro horas que conversavam e ainda não tinham dito metade das coisas que queriam dizer um ao outro.

Entretanto, todo o palácio tinha acordado com a Princesa. Cada um tratava do que lhe dizia respeito e, como não estavam apaixonados, estavam cheios de fome. A dama de honor disse à Princesa que a refeição estava servida. O Príncipe ajudou a Princesa a levantar-se. Estava magnificamente vestida e muito linda.

Passaram ao salão dos espelhos e aí jantaram, servidos pelos criados da Princesa. Os violinos e os oboés tocaram músicas antigas, mas muito bonitas, embora tivessem estado quase cem anos sem se fazerem ouvir.

Terminada a refeição, celebrou-se o casamento. Os príncipes abriram o baile e a festa durou uma semana.

(PERRAULT, Charles. **A Bela Adormecida**. Disponível em:

<http://byblosfera.blogspot.com/2014/11/a-bela-adormecida-conto-de-charles.html>. Acesso em: 02 nov. 2018)

ANEXO G - TEXTO: A BELA ADORMECIDA – CONTO DOS IRMÃOS GRIMM

Há muito tempo, havia num distante reino, um rei e uma rainha que todos os dias diziam: "Ah, se nós tivéssemos uma criança!" Mas nunca conseguiam uma.



Uma vez, em que a rainha estava se banhando, um sapo rastejou para fora da água e lhe disse:



"Seu desejo será realizado; antes que se passe um ano você dará à luz uma menina".

A predição do sapo aconteceu. A rainha teve uma menina tão formosa que o rei mal se contendo de felicidade, preparou uma grande festa para o seu batizado. Ele convidou seus parentes e amigos, mas as fadas seriam as madrinhas da princesa, a fim de obter suas boas graças para a criança. Havia em seu reino treze fadas, mas como o castelo só possuía doze pratos de ouro, uma delas deixou de ser convidada. A festa foi celebrada com toda a pompa e as fadas presentearam a criança com dotes mágicos: uma com a virtude, outra com a formosura, a terceira com riqueza, e assim por diante, com tudo que havia de mais desejável no mundo.



Onze fadas já haviam falado, quando entrou a fada esquecida. Zangada, a fada esquecida queria se vingar por não ter sido convidada e, sem cumprimentar ou mesmo olhar para quem quer que seja, exclamou aos brados: "A princesa se espetará em um fusos, quando completar quinze anos, e morrerá." Sem dizer mais nada, virou as costas e deixou o salão.

Todos estavam assustados com a maldição. A décima segunda fada, que ainda não havia dado o seu presente à princesa, adiantou-se. Não podia anular a maldição, mas abrandou-a. Ela disse: "A princesa não morrerá, apenas cairá em um sono profundo que durará cem anos."

O rei, desejando salvar sua querida criança do infortúnio, ordenou que todos os fusos do reino fossem queimados. A menina, ao crescer, correspondia a todos os dons ofertados pelas fadas: era bela, educada, gentil e sensata. Todos que a viam encantavam-se com ela.



No dia em que completava quinze anos, a menina estava sozinha no castelo. Andou por todos os cantos, examinou à vontade aposentos e câmaras, e finalmente chegou até uma velha torre, que nunca vira antes. Subiu a estreita escada em espiral e deparou-se com uma pequena porta. Na fechadura havia uma chave enferrujada e, quando ela a girou, a porta se abriu de um só golpe e lá, em um quatinho, estava sentada uma velha com um fuso, fiando diligentemente seu linho.



"Bom dia, velha mãezinha", disse a princesa, "o que você está fazendo aí?"

"Eu estou fiando," disse a velha, balançando a cabeça.

"O que é isto, que pula tão alegremente?" perguntou a menina. Pegou o fuso querendo também fiar e... a maldição se realizou. Ela espetou o dedo e, no mesmo instante em que foi picada, foi tomada de um profundo sono. Este sono estendeu-se por todo o castelo: o rei e a rainha começaram a dormir e com eles toda a Corte. Dormiram os cavalos no estábulo, os cachorros no pátio, as pombas no telhado, as moscas na parede. Até o fogo, que chamejava no fogão, ficou imóvel e adormeceu; o assado parou de crepitar e o cozinheiro, que queria puxar seu ajudante pelos cabelos porque ele havia feito uma coisa errada, soltou o menino e também dormiu. O vento assentou-se e nas árvores defronte ao castelo nem uma folhinha se movia.

Ao redor do castelo começou a crescer uma cerca de espinhos, que a cada ano ficava mais alta, estendendo-se em toda a sua volta, cobrindo o castelo, de tal forma que nada mais se podia ver dele, nem mesmo a bandeira sobre o telhado. Surgiu a lenda da Bela Adormecida e, de tempos em tempos, príncipes tentavam penetrar no castelo através da cerca viva. Nenhum deles conseguiu, pois os espinhos estavam entrelaçados como se tivessem mãos. Os jovens ficavam presos neles e não conseguiam se soltar, sofrendo uma morte lastimável.

Depois de muito tempo, um príncipe ouviu quando um velho contava da cerca de espinhos, que ocultava um castelo no qual uma linda princesa, chamada Bela Adormecida, dormia há cem anos. O jovem disse: "Eu não tenho medo, eu quero ir lá e ver a Bela Adormecida." O bom velho tentou dissuadi-lo de todos os modos, mas ele não deu ouvidos às suas palavras.



Quando o príncipe se aproximou da cerca de espinhos, estes se transformaram em flores grandes e bonitas que se abriram, deixando-o passar ileso. No pátio do castelo, ele viu os cavalos e os cães de caça malhados deitados e dormindo, no telhado estavam pousadas as pombas, com as cabecinhas escondidas sob a asa. Quando ele entrou no castelo, as moscas dormiam na parede, o cozinheiro na cozinha ainda levantava a mão como se quisesse agarrar o menino e a criada estava sentada diante da galinha preta que deveria ser depenada. Ele continuou andando: avistou no salão toda a corte deitada e dormindo, e lá em cima, perto do trono, o rei e a rainha. Continuou andando ainda mais. Tudo estava tão quieto que se podia ouvir sua respiração. Chegou à torre e abriu a porta do quatinho no qual Bela Adormecida dormia. Lá estava ela deitada, tão bela que ele não conseguiu desviar os olhos. Inclinou-se e beijou-a.



Quando a tocou com os lábios, Bela Adormecida abriu os olhos, olhando para ele amavelmente. Os dois desceram; o rei acordou, a rainha e toda a corte, olhando espantados para o casal. Os cavalos no pátio se levantaram; os cães de caça pularam e abanaram suas caudas; as pombas no telhado tiraram a cabecinha de sob a asa, olharam ao redor e voaram para o campo; as moscas nas paredes recomeçaram a rastejar; o fogo na cozinha levantou-se, chamejou e cozinhou a comida; o assado voltou a crepitar; o cozinheiro deu um tamanho tabefe no menino que este gritou e a criada terminou de depenar a galinha. Com todas as pompas foram festejadas as bodas do príncipe com a Bela Adormecida, e eles viveram felizes para sempre.



(GRIMM, Irmãos. **A Bela adormecida**. Disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/bauhistorias/A%20Bela%20Adormecida.pdf>. Acesso em: 02 nov.2018.)

ANEXO H - TEXTO: A BELA ADORMECIDA (VERSÃO DE GIAMBATTISTA)



GIAMBATTISTA BASILE

Sol, Lua e Tália

TRADUÇÃO DE KARIN VOLOBUEF¹

Era uma vez um grande senhor, o qual, tendo-lhe nascido uma filha, a quem deu o nome de Tália, chamou todos os sábios e adivinhos de seu reino para que lhe dissessem a sorte. Estes, após várias consultas, concluíram que ela estava exposta a um grande perigo devido a uma farpa de linho. E o rei proibiu que em sua casa entrasse linho ou cânhamo ou outro pano similar para evitar qualquer encontro maligno.

Certa vez, quando Tália já estava crescida e se encontrava à janela, avistou uma velha que fiava; e, como jamais havia visto nem conhecia um fuso, agradando-lhe muito a dança

¹O conto "Sole, Luna e Talia" está na coletânea *Il Pentamerone ossia La fiaba delle fiabe* (1634), de Giambattista Basile (1575-1632). A tradução foi feita a partir da edição em italiano preparada por Benedetto Croce (Bari: Gius. Laterza & Figli, 1925, vol. II. p. 297-303).

que o fuso fazia, foi presa pela curiosidade e mandou chamar a velha para que subisse até ela, e, tomando a roca nas mãos, começou a estender o fio. Mas, por desgraça, uma farpa lhe entrou na unha e instantaneamente ela caiu morta ao chão. A velha, diante desta desgraça, fugiu precipitadamente pela escada; e o desventurado pai, após ter chorado um barril de lágrimas, assentou Tália em uma poltrona de veludo debaixo de um dossel de brocado, no interior do próprio palácio, que ficava em um bosque. Depois, cerrada a porta, abandonou para sempre a casa, motivo de todos os seus males, para apagar completamente de sua lembrança o infortúnio sofrido.

Depois de algum tempo, andava um rei à caça por aqueles lugares, e tendo-lhe fugido um falcão, que voou para a janela daquela casa e não atendia aos chamados, fez bater à porta, acreditando que a casa fosse habitada. Mas, após ter batido em vão por um longo tempo, o rei, tendo mandado buscar uma escada de um vinhateiro, quis subir pessoalmente à casa e ver o que acontecia lá dentro. Após subir e entrar, ficou pasmado ao não encontrar viva alma; e, por fim, chegou à câmara onde jazia Tália, como que encantada.

O rei, acreditando que ela dormia, chamou-a. Mas, como ela não voltava a si por mais que fizesse e gritasse, e, ao mesmo tempo, tendo ficado excitado por aquela beleza, carregou-a para um leito e colheu dela os frutos do amor, e, deixando-a estendida, voltou ao seu reino, onde por um longo tempo não se recordou mais daquele assunto.

Depois de nove meses, Tália deu à luz a um par de crianças, um menino e uma menina, duas joias resplandcentes que, guiadas por duas fadas que apareceram no palácio, foram por elas colocados nos seios da mãe. E uma vez que as crianças, querendo mamar, não encontravam o mamilo, puseram na boca justamente aquele dedo que tinha sido espetado pela farpa e tanto o sugaram que acabaram por retirá-la. Subitamente pareceu a Tália ter acordado de um longo sono; e, vendo aquelas duas joias ao lado, ofereceu-lhes o seio e enterneceu-se profundamente por elas. Mas não conseguia entender o que lhe tinha acontecido, encontrando-se totalmente só naquele palácio, com dois filhos ao lado, e vendo que lhe era trazido tudo o que ela desejava comer, sem que se notasse a presença de qualquer pessoa.

Um dia o rei se recordou da aventura com a Bela Adormecida e, aproveitando a ocasião de uma nova caçada naqueles lugares, veio vê-la. E, tendo-a encontrado desperta e com aqueles dois prodígios de beleza, sentiu um enorme contentamento.

Contou então a Tália quem ele era e o que tinha acontecido; e criou-se entre eles uma grande amizade e união, e ele ficou muitos dias em sua companhia. Depois se despediu com a promessa de vir buscá-la e levá-la para seu reino; e, nesse meio tempo, tendo retornado à sua casa, falava a todo momento em Tália e nos filhos. Quando comia, tinha Tália em sua boca, e também Sol e Lua (pois estes eram os nomes das crianças); quando deitava, chamava-a e aos filhos.

A mulher do rei, que por causa das demoradas caçadas do marido já tinha tido alguns lampejos de suspeita, com estas invocações de Tália, Lua e Sol foi tomada de um ardor maior do que de costume; e por isso, tendo chamado o secretário, disse-lhe: “Escute, meu filho, você está entre Cila e Caribde, entre o batente e a porta, entre a grade e a tranca. Se você me disser de quem meu marido está enamorado, eu o farei rico; e, se me esconder a verdade, farei com que nunca mais o encontrem, nem morto, nem vivo”. E este, de um lado transtornado pelo medo, de outro levado pelo interesse, que é uma faixa sobre os olhos da honra e da justiça, um estorvo para a fidelidade, contou-lhe tudo tintim por tintim.

A rainha enviou então o próprio secretário em nome do rei até Tália, mandando dizer-lhe que ele queria rever os filhos; e esta, com grande alegria, os enviou. Mas aquele coração de Medéia, logo que os teve entre as mãos, ordenou ao cozinheiro que os degolasse e preparasse com eles diversas iguarias e molhos para dar de comer ao pobre pai.

O cozinheiro, que tinha bom coração, ao ver aqueles dois pomos áureos de beleza, teve pena deles e, confiando-os à mulher para que os escondesse, preparou com dois cabritos variadas iguarias. Quando chegou a hora da ceia, a rainha fez servir os manjares; e, enquanto o rei comia com grande gosto, exclamando: “Como isto é bom, pela vida de Lanfusa!”, ou “Como é saboroso este outro, pela alma do meu avô!”, ela o encorajava, dizendo-lhe: “Coma, que está comendo o que é seu”. O rei, por duas ou três vezes, não prestou atenção a estas palavras; mas depois, ouvindo que esta cantilena prosseguia, respondeu: “Sei muito bem que estou comendo o que é meu, porque você não trouxe nada para esta casa”; e, levantando-se encolerizado, dirigiu-se a uma aldeia um pouco distante para tranquilizar-se.

Ainda não satisfeita com tudo o que acreditava ter feito, a rainha mandou de novo o secretário chamar a própria Tália, com o pretexto de que o rei a esperava; e esta veio imediatamente, desejosa de encontrar a sua luz e não sabendo que o fogo a esperava. Conduzida diante da rainha, esta, com uma carranca de Nero, muito irritada, disse-lhe: “Seja

bem-vinda, senhora Troccola! Você é aquele tecido delicado, aquela boa relva com que meu marido se delicia? Você é aquela cadela malvada que me trouxe tantas dores de cabeça? Pois bem, é hora de entrar no purgatório, onde eu lhe farei pagar pelos danos que me causou!”.

Tália começou a desculpar-se, dizendo que a culpa não era sua e que o marido tinha tomado posse de seu território enquanto ela estava adormecida. Mas a rainha não quis ouvir desculpas e, mandando acender no meio do pátio do palácio uma grande fogueira, ordenou que Tália fosse nela lançada.

A infeliz, vendo-se perdida, ajoelhou-se diante dela e suplicou que lhe desse ao menos tempo de retirar as vestes que trazia sobre si. E a rainha, não tanto por pena da desventurada, mas para poupar aqueles trajés recobertos de ouro e pérolas, disse-lhe: “Dispense, que lhe dou permissão”.

Tália começou a despir-se, e a cada peça que retirava, lançava um grito; até que, tendo já retirado o manto, a saia e o blusão, quando foi tirar a anágua, lançou o último grito, ao mesmo tempo em que a arrastavam para o fogo. Mas nesse instante ocorreu o rei, que, vendo o espetáculo, quis saber o que tinha acontecido. E, tendo chamado pelos filhos, ouviu da própria mulher, que o recriminava pela traição, como ela o havia feito comê-los.

O rei se entregou ao desespero. “Então fui eu mesmo - gritava - o lobo das minhas ovelhinhas? Ai de mim, e por que as minhas veias não reconheceram a fonte do seu próprio sangue? Ah, turca renegada, e que crueldade é essa sua? Pois bem, você recolheu a lenha, e não mandarei essa face de tirano ao Coliseu para penitência!”.

Assim dizendo, ordenou que a rainha fosse lançada no mesmo fogo aceso para Tália, e junto com ela o secretário, que tinha sido instrumento deste triste jogo e tecelão da malvada trama; e queria fazer o mesmo ao cozinheiro, que acreditava ter picado seus filhos com o facão. Mas este atirou-se a seus pés e lhe disse: “Deveras, senhor, não haveria outra recompensa pelo serviço que vos prestei que não um forno de brasas; não haveria outro soldo que não um bastão nas costas; não haveria outro entretenimento que não estorcer-me e crispar-me no fogo; não haveria outra honra que não a de ver misturadas as cinzas de um cozinheiro com as de uma rainha! Mas não é este o agradecimento que eu espero por ter salvo vossos filhos, a despeito daquela que queria matá-los para restituir ao vosso corpo aquilo que era parte desse mesmo corpo”.

O rei, ao ouvir estas palavras, ficou fora de si e lhe parecia que sonhava, não podendo acreditar naquilo que suas orelhas ouviam. Depois, dirigindo-se ao cozinheiro, disse: “Se é

verdade que você salvou meus filhos, esteja seguro de que o retirarei das tarefas de girar o espeto e o colocarei na cozinha do meu peito a girar como lhe aprouver as minhas vontades, dando-lhe tais prêmios que o mundo o chamará feliz”.

Enquanto o rei dizia estas palavras, a mulher do cozinheiro, que viu os apuros do marido, trouxe Lua e Sol para diante do pai, o qual, abraçado a eles, distribuía um redemoinho de beijos a um e a outro. E, tendo dado uma grande recompensa ao cozinheiro e feito-o ajudante de câmara, tomou Tália como esposa, a qual gozou uma longa vida com o marido e os filhos, aprendendo que, de um modo ou de outro,

*aquele que tem sorte,
o bem mesmo dormindo, obtém.*

(BASILE, Giambattista. **Sol, Lua e Tália**. Tradução de Karin Volobuef. Disponível em: http://volobuef.tripod.com/op_basile_sol_lua_talia_kvobuef.pdf. Acesso em: 2 nov.2018.)

ANEXO I - TEXTO: A BELA E A FERA



Adaptado dos contos dos irmãos Grimm

Há muitos anos, em uma terra distante, viviam um mercador e suas três filhas. A mais jovem era a mais linda e carinhosa, por isso era chamada de "Bela". Um dia, o pai teve de viajar para longe a negócios. Reuniu as suas filhas e disse:

— Não ficarei fora por muito tempo. Quando voltar, trarei presentes. O que vocês querem? - As irmãs de Bela pediram presentes caros, enquanto ela permanecia quieta.

O pai se voltou para ela, dizendo:

— E você, Bela, o que quer ganhar?

— Quero uma rosa, querido pai, porque neste país elas não crescem, respondeu Bela, abraçando-o forte.

O homem partiu, concluiu os seus negócios, pôs-se na estrada para a volta. Tanta era a vontade de abraçar as filhas, que viajou por muito tempo sem descansar. Estava muito cansado e faminto, quando, a pouca distância de casa, foi surpreendido, em uma mata, por furiosa tempestade, que lhe fez perder o caminho. Desesperado, começou a vagar em busca de uma pousada, quando, de repente, descobriu ao longe uma luz fraca. Com as forças que lhe restavam, dirigiu-se para aquela última esperança. Chegou a um magnífico palácio, o qual tinha o portão aberto e acolhedor. Bateu várias vezes, mas sem resposta. Então, decidiu entrar para esquentar-se e esperar os donos da casa. O interior, realmente, era suntuoso, ricamente iluminado e mobiliado de maneira esquisita.

O velho mercador ficou defronte da lareira para enxugar-se e percebeu que havia uma mesa para uma pessoa, com comida quente e vinho delicioso. Extenuado, sentou-se e começou a devorar tudo. Atraído depois pela luz que saía de um quarto vizinho, foi para lá, encontrou uma grande sala com uma cama acolhedora, onde o homem se esticou, adormecendo logo. De manhã, acordando, encontrou vestimentas limpas e uma refeição muito farta. Repousado e satisfeito, o pai de Bela saiu do palácio, perguntando-se espantado por que não havia encontrado nenhuma pessoa. Perto do portão viu uma roseira com lindíssimas rosas e se lembrou da promessa feita a Bela. Parou e colheu a mais perfumada flor. Ouviu, então, atrás de si um rugido pavoroso e, voltando-se, viu um ser monstruoso que lhe disse:

— É assim que pagas a minha hospitalidade, roubando as minhas rosas? Para castigarte, sou obrigado a matar-te!

O mercador jogou-se de joelhos, suplicando-lhe para ao menos deixá-lo ir abraçar pela última vez as filhas. A fera lhe propôs, então, uma troca: dentro de uma semana devia voltar ou ele ou uma de suas filhas em seu lugar. Apavorado e infeliz, o homem retornou para casa, jogando-se aos pés das filhas e perguntando-lhes o que devia fazer. Bela aproximou-se dele e lhe disse:

— Foi por minha causa que incorreste na ira do monstro. É justo que eu vá...

De nada valeram os protestos do pai, Bela estava decidida. Passados os sete dias, partiu para o misterioso destino.

Chegada à morada do monstro, encontrou tudo como lhe havia descrito o pai e também não conseguiu encontrar alma viva. Pôs-se então a visitar o palácio e, qual não foi a sua surpresa, quando, chegando a uma extraordinária porta, leu ali a inscrição com caracteres dourados: "Apartamento de Bela".

Entrou e se encontrou em uma grande ala do palácio, luminosa e esplêndida. Das janelas tinha uma encantadora vista do jardim. Na hora do almoço, sentiu bater e se aproximou temerosa da porta. Abriu-a com cautela e se encontrou ante a Fera. Amedrontada, retornou e fugiu através das salas. Alcançada a última, percebeu que fora seguida pelo monstro. Sentiu-se perdida e já ia implorar piedade ao terrível ser, quando este, com um grunhido gentil e suplicante lhe disse:

— Sei que tenho um aspecto horrível e me desculpo; mas não sou mau e espero que a minha companhia, um dia, possa ser-te agradável. Para o momento, queria pedir-te, se podes, honrar-me com tua presença no jantar.

Ainda apavorada, mas um pouco menos temerosa, Bela consentiu e, ao fim da tarde compreendeu que a fera não era assim malvada. Passaram juntos muitas semanas e Bela cada dia se sentia afeiçoada àquele estranho ser, que sabia revelar-se muito gentil, culto e educado.

Uma tarde, a Fera levou Bela à parte e, timidamente, lhe disse:

— Desde quando estás aqui a minha vida mudou. Descobri que me apaixonei por ti. Bela, queres casar-te comigo?

A moça, pega de surpresa, não soube o que responder e, para ganhar tempo, disse:

— Para tomar uma decisão tão importante, quero pedir conselhos a meu pai que não vejo há muito tempo!

A Fera pensou um pouco, mas tanto era o amor que tinha por ela que, ao final, deixou-a ir, fazendo-a prometer que após sete dias voltaria.

Quando o pai viu Bela voltar, não acreditou nos próprios olhos, pois a imaginava já devorada pelo monstro. Pulou-lhe ao pescoço e a cobriu de beijos. Depois começaram a contar-se tudo que acontecera e os dias passaram tão velozes que Bela não percebeu que já haviam transcorridos bem mais de sete. Uma noite, em sonhos, pensou ver a Fera morta perto da roseira. Lembrou-se da promessa e correu desesperadamente ao palácio. Perto da roseira encontrou a Fera que morria. Então, Bela a abraçou forte, dizendo:

— Oh! Eu te suplico: não morras! Acreditava ter por ti só uma grande estima, mas como sofro, percebo que te amo.



Com aquelas palavras a Fera abriu os olhos e soltou um sorriso radioso e diante de grande espanto de Bela começou a transformar-se em um esplêndido jovem, que a olhou comovido e disse:

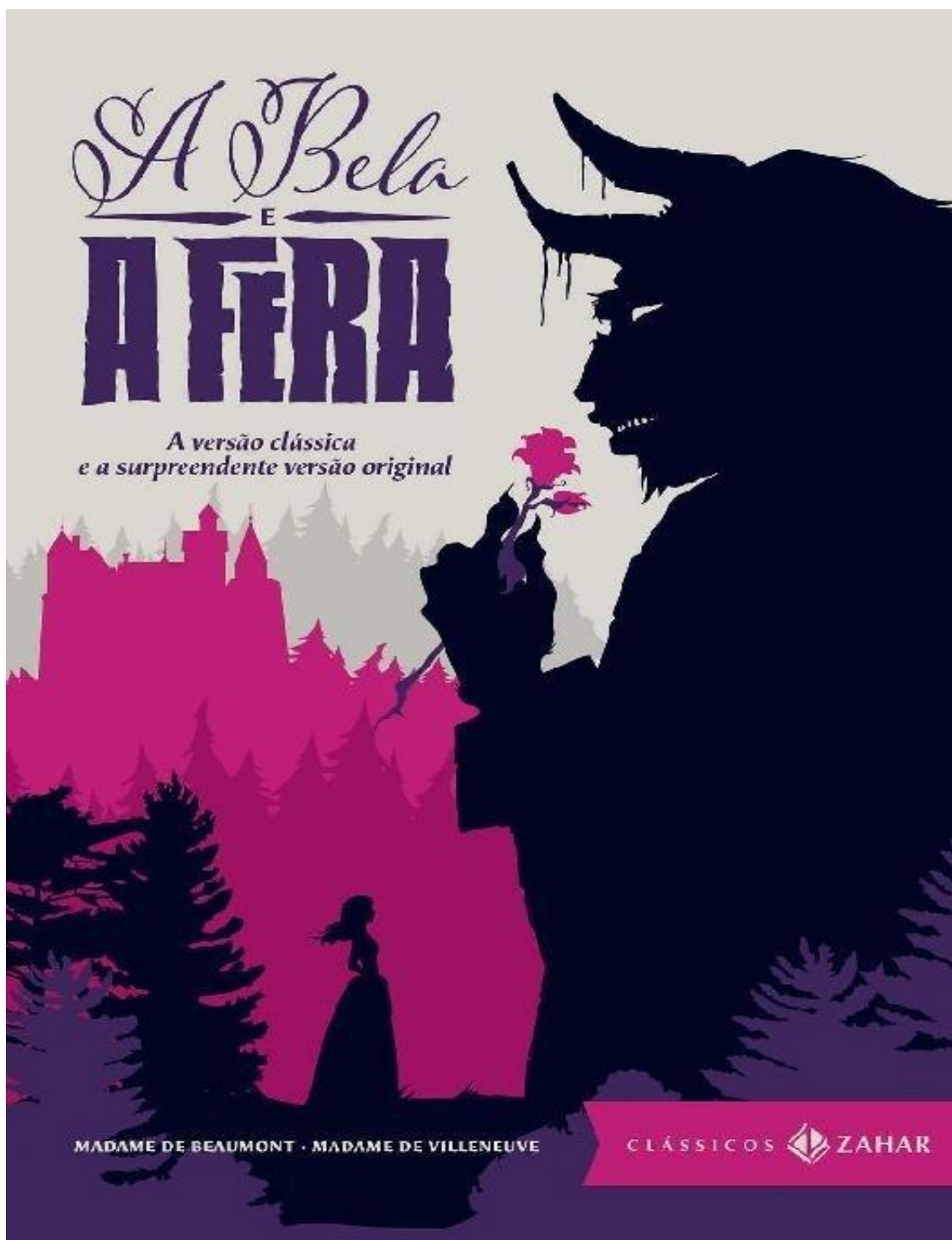
— Um malvado encantamento me havia preso naquele corpo monstruoso. Somente fazendo uma moça apaixonar-se podia vencê-lo e tu és a escolhida. Queres casar-te comigo agora?

Bela não fez repetir o pedido e, a partir de então, viveram felizes e apaixonados.

(GRIMM, Irmãos. **A Bela e a Fera**. Disponível em:

https://www.microvip.com.br/vipkids/historias/bela_fera.htm. Acesso em: 02 de nov. 2018.)

ANEXO J - TEXTO: A BELA E A FERA (VERSÃO ORIGINAL)



A Bela e a Fera



Por Madame de Beaumont e Madame de Villeneuve, 1756

Era uma vez um comerciante muito rico, que tinha seis filhos: três meninos e três meninas. Como esse comerciante era um homem inteligente, não poupou recursos na educação de seus rebentos, dando-lhes todo tipo de professores. Embora todas as suas filhas fossem bonitas, a caçula era a mais admirada, sendo chamada por todos, desde bebê, de Bela. Esse nome foi adotado e despertou a inveja de suas irmãs.

Além de mais bela, a caçula era mais ajuizada do que elas. As duas mais velhas gostavam de ostentar sua riqueza, bancando as damas e se recusando a receber as filhas dos outros comerciantes. Iam todos os dias ao baile, ao teatro, ao passeio, e zombavam de Bela, que dedicava a maior parte de seu tempo livre à leitura de bons livros.

Como todos sabiam que as moças eram muito ricas, vários comerciantes poderosos pediram sua mão em casamento. As duas mais velhas responderam que jamais se casariam, a menos que encontrassem um duque ou, pelo menos, um conde. Quanto a Bela, agradeceu sinceramente aos que desejavam desposá-la, mas alegou ser muito jovem e querer fazer companhia ao pai por mais alguns anos.

De uma hora para outra, o comerciante perdeu todos os seus bens, só lhe restando uma pequena casa no campo, bem distante da cidade. Chorando, ele comunicou aos filhos a necessidade de se mudarem para lá e de viverem do trabalho agrícola. As duas primogênitãs declararam que não cogitavam deixar a cidade e que conheciam rapazes que adorariam desposá-las, mesmo após a ruína da família. Coitadas, estavam enganadas: seus amigos não olharam mais para elas depois que elas ficaram pobres.

Como ninguém aturava mais sua empáfia, todos diziam:

– Tadinhas! Dá gosto vê-las no fundo do poço! Que banquem as damas guardando carneiros! Ao mesmo tempo, diziam:

– Mas estamos muito tristes com a desventura de Bela: é uma menina tão boa! Era tão gentil com os pobres, tão meiga, tão honesta!

Diversos fidalgos, inclusive, pediram sua mão, mesmo cientes de sua pobreza, mas ela respondeu ser incapaz de abandonar o pobre pai no infortúnio e que iria para o campo com ele a fim de lhe oferecer consolo e ajuda.



Era uma vez um comerciante muito rico, que tinha seis filhos. A caçula era a mais admirada, sendo chamada por todos de Bela.

Instalados em seu novo lar, o comerciante e seus três filhos dedicavam-se à lavoura, enquanto Bela, de pé às quatro da manhã, limpava a casa e preparava o almoço para a

família. Desacostumada com as tarefas domésticas, no início foi difícil para ela, mas, ao fim de dois meses, estava mais forte e saudável. Terminadas as costuras, lia, tocava cravo ou cantava maviosamente. Suas duas irmãs, ao contrário, entediavam-se mortalmente: levantavam às dez da manhã, passeavam o dia inteiro e seu único assunto era a saudade das roupas elegantes e dos amigos.

– Veja nossa irmã caçula – uma dizia à outra –, é tão estúpida que chega a se divertir na desgraça.

O bondoso comerciante não pensava igual às filhas. Sabia que Bela possuía mais dotes do que as irmãs para brilhar em sociedade. Admirava não só as virtudes da moça como principalmente sua paciência, pois as mais velhas, não satisfeitas em deixar todo o trabalho pesado para ela, viviam a insultá-la. Já fazia um ano que a família morava naquela solidão, quando o comerciante recebeu uma carta anunciando-lhe que um navio, com mercadorias de sua propriedade, acabava de atracar sem maiores contratempos.

Essa notícia deixou as duas primogênitais alvoroçadas, ambas pensando que finalmente sairiam daquele ermo onde tanto se aborreciam. Ao verem o pai pronto para partir, pediram que ele lhes trouxesse vestidos, estolas de pele, chapéus e todo tipo de futilidades. Bela, por sua vez, não pediu nada, ruminando que nem mesmo o que ele lucrasse com a venda das mercadorias daria para comprar o que as irmãs desejavam.

– E você, não quer nada? – seu pai lhe perguntou.

– Já que teve a bondade de pensar em mim – ela respondeu –, peço simplesmente uma rosa, pois não há roseiras nesta região.

Não é que Bela fizesse muita questão de uma rosa, o que ela não queria era, com seu exemplo, censurar a conduta das irmãs. Estas, aliás, não se furtaram a comentar que era só para se mostrar que ela não pedia nada.

O velho partiu. Ao chegar ao porto, no entanto, teve a notícia de que sua carga havia sido apreendida, e, após uma série de aborrecimentos, decidiu voltar, tão pobre como antes.

No caminho de volta, a cinquenta quilômetros de casa, já se mostrava ansioso para rever os filhos. Antes de chegar, contudo, precisava atravessar uma vasta floresta, na qual se perdeu. Nevava terrivelmente e o vento soprava tão forte que o derrubou do cavalo duas vezes. Quando a noite caiu, pensou que morreria de fome, frio, ou então que seria comido pelos lobos que ouvia uivar nos arredores.

De repente, no final de um comprido corredor formado pelas árvores, ele avistou uma luz intensa, mas ainda bem distante. Caminhou naquela direção e percebeu que a luz vinha de um grande palácio, que parecia todo iluminado. O comerciante agradeceu a Deus o socorro que lhe enviava e se esfalfou para chegar logo ao castelo. Ficou admirado de não encontrar ninguém nos pátios. Seu cavalo, que o seguia, ao ver uma ampla estrebaria aberta, entrou; encontrando feno e aveia, o pobre animal esfaimado avançou avidamente. O comerciante amarrou-o dentro da estrebaria e caminhou em direção à casa, sem encontrar ninguém. Entrando, porém, num vasto salão, deparou com uma boa lareira e uma mesa servida com as mais variadas iguarias e talheres para uma pessoa. Encharcado pela chuva e pela neve, o homem se aproximou do fogo para se secar e murmurou consigo mesmo: “O dono da casa ou seus criados que me perdoem a falta de cerimônia. Mas, sem dúvida, chegarão daqui a pouco.”

Esperou um tempo considerável, mas, como já eram onze horas e não aparecia ninguém, ele não conseguiu resistir à fome e, tremendo, pegou um frango e o devorou. Bebeu igualmente um pouco do vinho. Tomando coragem, deixou o salão e atravessou uma série de vastos aposentos esplendidamente mobiliados. No fim, encontrou um quarto com uma boa cama e, como passava da meia-noite e estava cansado, resolveu fechar a porta e dormir. Eram dez horas da manhã quando acordou no dia seguinte, admiradíssimo de encontrar roupas limpas no lugar das suas, que haviam se esfarrapado.

“Não resta dúvida”, pensou, “este palácio pertence a alguma boa fada que teve pena da minha situação.”

Olhou pela janela e, no lugar da neve, viu lindos canteiros de flores. Entrou no salão onde ceara na véspera e notou que havia uma xícara de chocolate quente na mesa.

– Obrigado, senhora fada – disse bem alto –, por ter tido a bondade de pensar no meu estômago.

Após tomar o chocolate, saiu para selar seu cavalo e, passando sob um caramanchão de rosas, lembrou-se do pedido de Bela e colheu um ramo. Nesse instante, ouviu um estrondo e quase desmaiou ao deparar com uma Fera horrível avançando em sua direção.

– Está sendo muito ingrato – disse-lhe a Fera com uma voz tenebrosa. – Salvei-lhe a vida acolhendo-o em meu castelo e, para minha decepção, o senhor rouba minhas rosas,

que amo mais que tudo no mundo. Terá que morrer para se redimir do seu erro. Dou-lhe quinze minutos para pedir perdão a Deus.



Quase desmaiou ao deparar com uma Fera horrível avançando em sua direção.

O comerciante atirou-se de joelhos, juntando as mãos:

– Monsenhor, perdoe-me, eu não pensava ofendê-lo colhendo uma rosa para atender ao pedido de uma de minhas filhas.

– Eu não me chamo Monsenhor – respondeu o monstro –, e sim, Fera. Não gosto de adulação, gosto que as pessoas falem o que pensam, portanto não espere me comover com suas lisonjas. Mas o senhor omitiu que tivesse filhas. Aceito então perdoá-lo, com a condição de que uma de suas filhas apresente-se voluntariamente para morrer em seu lugar. Não discuta, vá! E se porventura suas filhas se recusarem a morrer pelo senhor, dê-me sua palavra de que estará de volta aqui dentro de três meses.

O velho não tinha a intenção de sacrificar qualquer filha sua ao horrível monstro, mas pensou: “Pelo menos terei a alegria de beijá-las mais uma vez.”

Deu então sua palavra de que voltaria e a Fera o autorizou a partir quando lhe aprouvesse.

– Mas – acrescentou – não quero que vá de mãos vazias. Volte ao quarto onde passou a noite e nele encontrará um grande baú vazio. Coloque dentro tudo que lhe agradar, mandarei entregar em seu domicílio.

Em seguida, a Fera se retirou e o homem pensou: “Se eu tiver que morrer, pelo menos resta o consolo de deixar um pouco de pão para minhas pobres crianças.”

Retornou ao quarto onde passara a noite e, lá encontrando uma batelada de moedas de ouro, encheu o baú que a Fera mencionara e aferrolhou-o. Em seguida, pegou seu cavalo na estrebaria e, com uma tristeza igual à alegria que sentira quando nele entrara, deixou o palácio. O cavalo adivinhou o caminho através da floresta e, em poucas horas, o homem chegava à sua morada. Seus filhos acorreram, mas em vez de se enternecer com seus carinhos, o comerciante pôs-se a chorar ao vê-los. Tinha na mão o ramo de rosas que trazia para Bela. Ao entregá-lo, advertiu-a:

– Bela, cuide muito bem dessas rosas, pois elas custarão muito caro ao seu desgraçado pai!

E contou à família a funesta aventura em que se vira envolvido. Após ouvirem sua história, as duas primogêniticas puseram-se a gritar e a xingar Bela, que, por sua vez, não chorava.

– Vejam aonde nos levou o orgulho dessa criaturinha – diziam. – Não pediu vestidos igual à gente, não, a madame queria ser diferente! Vai causar a morte de nosso pai e nem chorar ela chora!

– Isso seria completamente inútil – replicou Bela. – Por que eu choraria a morte do meu pai? Ele não vai morrer. Visto que o monstro aceita uma de nós, estou disposta a me entregar a sua fúria, o que farei muito feliz, pois morrendo terei a alegria de salvar meu pai e dar provas do meu amor.

– Não, irmã – disseram-lhe seus três irmãos –, você não morrerá: iremos atrás desse monstro e, se não o matarmos, morreremos em suas garras.

– Não se fiem nisso, meus filhos! – alertou-os o comerciante. – Não alimentem esperanças de exterminá-la, pois o poder da Fera é imenso. O desprendimento de Bela é comovente, mas não quero sacrificá-la. Estou velho, não me resta mais muito tempo pela frente; portanto, perderei apenas poucos anos de vida, o que só lamento por causa de vocês, queridos filhos.

– Repito, meu pai – insistiu Bela –, que não irá para esse palácio sem mim. Não pode me proibir de segui-lo. Apesar de jovem, não tenho muito apego à vida e prefiro ser devorada por essa Fera a morrer de consternação por perdê-lo.

Por mais que argumentassem, Bela não recuou em sua decisão de partir para o belo palácio, o que deixou suas irmãs contentíssimas, uma vez que as virtudes da caçula enchiam-nas de inveja.

O sofrimento do comerciante com a perda da filha era tão grande que o fizera esquecer do baú abarrotado de ouro. Levou, portanto, um susto ao entrar em seu quarto para dormir e encontrá-lo ao pé da cama. Decidido a não deixar os filhos saberem que estava rico, pois suas filhas iriam querer voltar à cidade e ele estava determinado a morrer no campo, revelou o segredo a Bela, que por sua vez lhe contou que tinham recebido a visita de alguns fidalgos durante sua ausência e que dois cortejaram suas irmãs. Pediu ao pai que as casasse. Pois Bela era tão generosa que as amava e perdoava de todo o coração o mal que lhe haviam feito.

Enquanto aquelas jovens insensíveis esfregaram cebola nos olhos para chorar quando Bela partiu com o pai, seus irmãos, assim como o comerciante, choraram de verdade. Somente Bela, não querendo aumentar a dor da família, conteve as lágrimas. O cavalo tomou o caminho do palácio e, ao crepúsculo, eles o avistaram, iluminado como da primeira vez. O cavalo dirigiu-se sozinho à estrebaria e o velho entrou com a filha no vasto salão, onde encontraram uma mesa suntuosa com talheres para duas pessoas. O comerciante estava sem apetite, mas Bela, procurando parecer tranquila, sentou-se à mesa e o serviu. Então pensou: “A Fera quer me engordar antes de me devorar, essa comida toda só pode ser para isso.”

Após cearem, ouviram um grande rosnado. Certo de que era a Fera, o comerciante, chorando, despediu-se da filha. Bela sentiu um arrepio ao bater os olhos naquela horrível figura, mas conteve-se como pôde. O monstro então lhe perguntou se ela viera por livre e espontânea vontade, o que, tremendo, ela confirmou.

– A senhorita é muito boa – disse-lhe a Fera –, e sou-lhe muito grato. O senhor, velho, vá embora ao amanhecer e nunca mais ponha os pés aqui. Boa noite, Bela.

– Ai, minha filha! – disse o comerciante, beijando Bela. – Que suplício! Confie em mim, deixe-me ficar.

– Não, meu pai – reafirmou Bela. – Volte para casa e me deixe sob a guarda de Deus, talvez ele tenha piedade de mim.



Bela sentiu um arrepio ao bater os olhos naquela horrível figura, mas conteve-se como pôde.

Foram se deitar achando que não pregariam o olho, mas, assim que se recolheram, dormiram. Durante seu sono, Bela sonhou com uma dama lhe dizendo:

– Estou contente com seu bom coração, Bela. Sua boa ação, oferecendo a própria

vida para salvar a de seu pai, não ficará sem recompensa.

Ao despertar, Bela contou ao pai o seu sonho e, embora isto o consolasse um pouco, não calou sua dor quando foi obrigado a se despedir da filha. Após sua partida, Bela sentou-se no salão e pôs-se a chorar também. Porém, como tinha muita coragem, entregou-se a Deus e decidiu não se atormentar no pouco tempo que lhe restava de vida, pois acreditava firmemente que a Fera a comeria aquela noite. Até lá, resolveu dar uma volta e visitar o belo castelo.

Não pôde deixar de admirar sua beleza. Ficou intrigada, contudo, ao encontrar uma porta na qual se lia: “Aposentos de Bela”. Abriu aquela porta com ansiedade e deslumbrou-se com a magnificência do que viu. Mas o que mais a seduziu foi uma grande estante, um cravo e vários livros de música.

– Não querem que eu me entedie – ela disse baixinho.

Em seguida, pensou: “Se fosse para passar somente um dia aqui, não teriam me oferecido tanta coisa.” Esse pensamento animou-a. Abriu a estante e viu um livro, no qual estava escrito em letras de ouro: “Peça o que deseja: aqui você é a rainha e a dona da casa.”

“Ai de mim!” ela suspirou. “Tudo que desejo é ver meu pai e saber o que ele está fazendo agora.” Tinha dito isso para si mesma. Pois qual não foi sua surpresa, voltando os olhos para um grande espelho, ao ver nele sua casa, aonde seu pai chegava com um semblante tristíssimo!



Voltando os olhos para um grande espelho, viu nele sua casa, aonde seu pai chegava com um semblante tristíssimo.

Era recebido por suas irmãs e, apesar das caretas que elas faziam para parecer aflitas, a alegria que sentiam pela perda da irmã estava estampada em seu rosto. De repente, tudo

isso desapareceu e Bela foi obrigada a admitir que a Fera era bastante boazinha e que não precisava temê-la.

Ao meio-dia, encontrou a mesa servida e, durante o almoço, ouviu um excelente concerto, embora não visse ninguém. À noite, quando ia sentar-se à mesa, notou o barulho da Fera chegando e um calafrio a percorreu.

– Permite que eu a veja cear, srta. Bela? – indagou o monstro.

– O senhor é o dono da casa – respondeu Bela, tremendo.

– Não – replicou a Fera –, a única soberana aqui é a senhorita. Se eu estiver sendo maçante, avise-me que vou embora. Seja franca, não é verdade que me acha muito feio?

– Ah, isso eu não posso negar – respondeu Bela –, porque não sei mentir; mas acho o senhor muito bom.

– Tem razão – disse o monstro. – Mas além de ser feio, não tenho inteligência; bem sei que não passo de um animal.

– Ninguém é um animal quando julga não ter inteligência – replicou Bela. – Um tolo jamais diria isso.

– Coma então, srta. Bela – disse o monstro –, e procure não se aborrecer em sua casa, pois tudo aqui é seu e eu ficaria triste se não estivesse satisfeita.

– O senhor é mesmo muito bondoso – disse Bela. – Tanta generosidade me comove. Quando penso nisso, o senhor não me parece mais tão feio.

– Oh, senhorita, é verdade! – respondeu a Fera. – Tenho o coração bom, mas sou um monstro.

– Há muitos homens mais monstros que o senhor – disse Bela –, e prefiro o senhor com sua feiura àqueles que, sob a pele humana, escondem um coração falso, corrompido e ingrato.

– Se eu tivesse inteligência – replicou a Fera –, eu lhe faria um grande elogio de agradecimento, mas sou estúpido e tudo que posso dizer é que lhe sou muito grato.

Bela comeu com apetite. Já ia perdendo o medo do monstro, mas ficou aterrada quando ele lhe perguntou:

– Aceita ser minha mulher, Bela?

Ela permaneceu um tempo sem responder. Receava provocar a raiva do monstro se recusasse sua proposta. Disse-lhe finalmente, tremendo:

– Não, Fera.

Nesse instante, o desventurado monstro quis suspirar e emitiu um silvo tão terrível que reverberou em todo o palácio. Bela, contudo, não teve receio, porque a Fera, após dizer-lhe tristemente “Então boa noite, Bela”, saiu de seu quarto, sem deixar de se voltar algumas vezes para admirá-la. Bela, vendo-se sozinha, sentiu uma grande compaixão pela coitada da Fera: “Ai de mim! É realmente uma pena que ela seja tão feia, é tão boa!”

Bela passou três meses naquele palácio razoavelmente tranquila. Todas as noites a Fera lhe fazia uma visita e, durante o jantar, conversava com bastante bom senso, mas nunca com o que chamamos de traquejo social. Todos os dias, Bela descobria novas bondades no monstro: o hábito de vê-lo acostumou-a à sua horripilância e, longe de rezear o momento de sua visita, consultava o relógio a todo momento para saber se já eram nove horas, pois a Fera nunca deixava de aparecer nesse horário.



Longe de rezear o momento da visita, Bela consultava o relógio a todo o momento para saber se já eram nove horas.

Uma única coisa molestava Bela: antes de ir-se deitar, o monstro sempre lhe perguntava se ela aceitava ser sua mulher, ficando magoadíssimo quando ela respondia que não. Um dia, ela lhe disse:

– Está me fazendo sofrer, senhor! Eu gostaria de poder desposá-lo, mas minha sinceridade me obriga a dizer que isso nunca acontecerá. Serei sempre sua amiga: procure contentar-se com isso.

– Só me resta aceitar – concordou a Fera. – Não sou cego! Sei que sou horrível, mas amo-a profundamente. De toda forma, é uma felicidade para mim a senhorita querer ficar aqui. Prometa que nunca vai me abandonar!

Ao ouvir tais palavras, Bela corou. Vira, no seu espelho, que o seu pai se martirizava por tê-la perdido e desejava revê-la.

– Posso até lhe prometer nunca abandoná-lo, mas estou com tanta saudade do meu pai que morrerei de dor se me recusar esse prazer.

– Prefiro eu mesmo morrer – disse o monstro – a fazê-la sofrer. Farei com que vá à casa de seu pai. Mas, se não voltar, sua pobre Fera morrerá de desgosto.

– Não – retrucou Bela, chorando –, isso não acontecerá, pois minha afeição é muito grande. Prometo voltar num prazo de oito dias. Vi no espelho que minhas irmãs estão casadas e que meus irmãos partiram para o exército. Meu pai está sozinho: autorize-me a passar uma semana com ele.

– Estará lá amanhã de manhã – disse a Fera. – Mas lembre-se de sua promessa. E quando quiser voltar, basta colocar seu anel sobre uma mesa ao se deitar. Adeus, Bela.

Dizendo essas palavras, a Fera suspirou, segundo seu costume, e Bela foi dormir tristíssima por tê-la inquietado.

Quando acordou, de manhã, estava na casa de seu pai e, após tocar uma sineta ao lado da cama, viu chegar a criada, que não reprimiu um grito ao dar com ela. Ao ouvir aquele grito, o velho correu e quase morreu de alegria ao rever sua filha querida. Ficaram abraçados mais de quinze minutos. Bela, após essas primeiras efusões, julgou não estar em trajes apropriados para se levantar, mas a criada lhe disse que acabava de encontrar no quarto ao lado um grande baú lotado de vestidos de ouro enfeitados com diamantes. Em pensamento, Bela agradeceu à bondosa Fera aquela gentileza. Escolheu o vestido menos suntuoso e disse à criada para guardar os outros, com os quais queria presentear as irmãs. Porém, assim que pronunciou essas palavras, o baú desapareceu. Seu pai lhe comunicou então que a Fera não queria que ela dividisse aquilo com ninguém e imediatamente os vestidos e o baú reapareceram onde estavam.

Enquanto Bela se vestia, foram avisar às suas irmãs, que acorreram com os maridos. Nenhuma das duas encontrara a felicidade. A mais velha se casara com um jovem fidalgo, formoso como o deus do Amor, mas tão fascinado pela própria beleza que não pensava em outra coisa da manhã à noite. A segunda se casara com um homem de grande inteligência, mas que só a usava para azucrinar a todos, a começar pela mulher. As irmãs de Bela quase arrancaram os cabelos ao vê-la vestida como uma princesa mais linda que o dia.

Nada foi capaz de aplacar sua inveja, que só fez aumentar quando Bela contou como era feliz. As duas invejosas, tendo descido ao jardim para lá chorarem à vontade, diziam uma à outra:

– Por que será que essa criaturinha é mais feliz do que nós duas? Afinal, não somos mais simpáticas do que ela?

– Querida irmã – disse a mais velha –, tive uma ideia! Vamos segurá-la aqui por mais de oito dias: a Fera, tola como é, ficará com raiva por ela ter faltado com a palavra e talvez a devore.

– Boa ideia, mana – respondeu a outra. – Vamos fazer de tudo para prendê-la aqui.

Tomada essa decisão, subiram e fizeram tantas juras de amizade para a irmã que Bela chorou de emoção. Transcorridos os oito dias, as duas irmãs se descabelaram e fingiram tamanha dor com sua partida que Bela prometeu ficar mais oito dias. Ao mesmo tempo, sentia-se culpada pelo sofrimento que causaria à sua querida Fera, por quem tinha profunda afeição. Além disso, sentia falta de sua companhia.

Na décima noite que passou na casa do pai, sonhou que estava no jardim do palácio e viu a Fera deitada na relva, agonizante, censurando sua ingratidão. Acordou assustada e chorando.

“Que maldade a minha”, disse consigo mesma, “fazer sofrer um animal tão generoso para mim! É culpa sua se é tão feio? E o que importa se carece de inteligência? Ele é bom, isso vale mais que todo o resto. Por que me recusei a me casar com ele? Eu seria muito mais feliz com ele do que minhas irmãs com seus maridos. Não é nem a beleza nem a inteligência do marido que faz a mulher feliz, são a bondade do caráter e a virtude, e a Fera possui todas essas boas qualidades. Não sinto amor por ela, mas estima, amizade e reconhecimento. Vamos, não posso fazê-la infeliz! Eu me culparia a vida inteira pela minha ingratidão.”

Dizendo essas palavras, Bela se levantou, colocou seu anel sobre a mesa e voltou para a cama. Tão logo se deitou, adormeceu. Quando acordou de manhã, viu com alegria que estava no palácio da Fera. Vestiu-se magnificamente para agradá-la e se entediou mortalmente o dia inteiro, esperando dar nove horas da noite; mas o relógio badalou em vão, a Fera não apareceu. Bela então receou ter causado sua morte. Atravessou o palácio inteiro, gritando e chamando; estava desesperada. Depois de muito procurar, lembrou-se do sonho e correu até o jardim, na direção do canal, onde a vira dormindo.

Encontrando a pobre Fera estendida, desacordada, achou que estava morta. Atirou-se sobre ela, sem sentir qualquer repulsa e, ao ver que seu coração ainda batia, foi buscar água para jogar em sua cabeça. A Fera abriu os olhos e disse a Bela:

– Você não cumpriu sua promessa e a saudade que senti foi tão dolorosa que resolvi morrer de inanição; mas morro contente, pois tive o prazer de vê-la mais uma vez.

– Não, querida Fera, você não morrerá! – disse-lhe Bela. – Viverá e será meu esposo. Neste momento, dou-lhe minha mão e juro ser apenas sua. Ai de mim! Eu julgava ser apenas amizade, mas a dor que sinto me revelou que não posso viver longe de você.



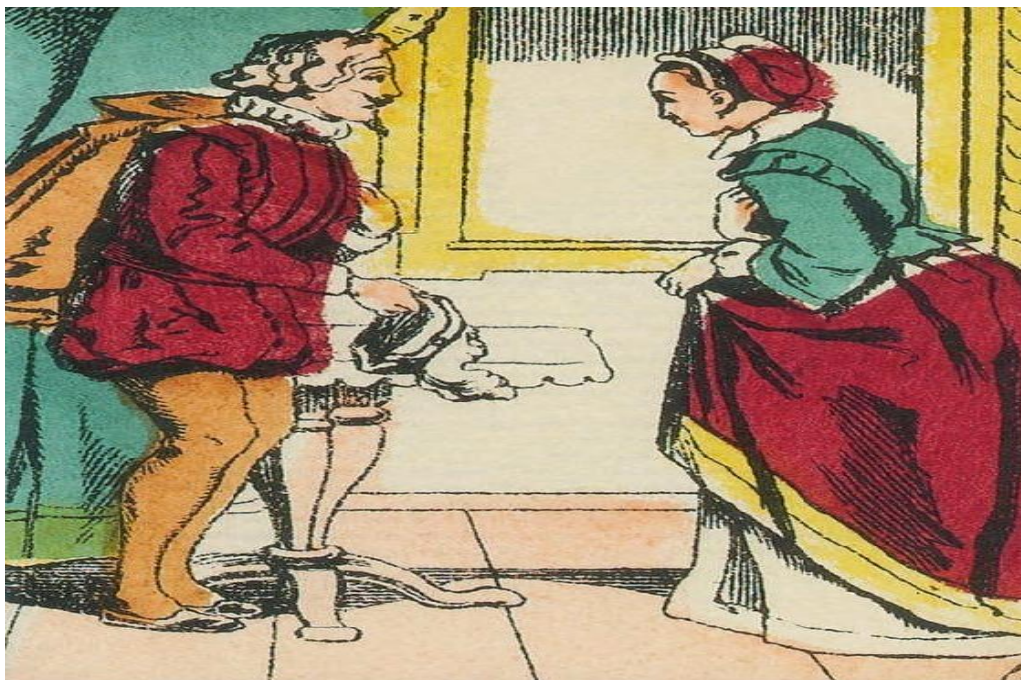
Atirou-se sobre a Fera, sem sentir qualquer repulsa.

Assim que Bela pronunciou essas palavras, viu mil luzes se acenderem no castelo. Fogos de artifício, música, tudo anunciava uma festa. Mas nem mesmo todos aqueles prodígios conseguiram atrair seus olhos, que, preocupados, voltaram a se concentrar em sua querida Fera. E qual não foi sua surpresa? A Fera desaparecera e à sua frente ela não via senão um príncipe, mais formoso que o deus do Amor, que lhe agradecia por ter desfeito o feitiço.

Embora aquele príncipe merecesse toda a sua atenção, ela não pôde deixar de lhe perguntar onde estava a Fera.

– Está aos seus pés – disse o príncipe. – Uma fada má me condenou a viver sob aquela forma até que uma bela moça aceitasse me desposar. Além disso, me proibiu de usar a inteligência. Você foi a única pessoa no mundo a perceber a bondade do meu caráter. Mesmo lhe oferecendo a coroa, continuarei seu devedor.

Bela, agradavelmente surpresa, deu a mão ao lindo príncipe para levantá-lo.



E qual não foi sua surpresa? A Fera desaparecera e à sua frente ela não via senão um príncipe.

Juntos foram até o castelo, onde Bela quase morreu de alegria ao encontrar, no salão, seu pai e toda a sua família, que a dama do sonho transportara para o castelo.

– Bela – disse-lhe a dama, que na verdade era uma grande fada –, venha receber o prêmio por ter escolhido o lado certo, preferindo a virtude à beleza e à inteligência. Você merece encontrar todas essas qualidades reunidas em uma só pessoa. Será uma grande rainha e espero que o trono não destrua suas virtudes. Quanto a essas senhoritas – disse a fada, voltando-se para as duas irmãs de Bela –, conheço suas almas e toda a sua malícia. Quero que se transformem em estátuas, mas conservem a razão sob a pedra que as envolve. Elas permanecerão à porta do palácio de sua irmã e seu único castigo será testemunharem sua felicidade. Só poderão recuperar sua forma original depois que reconhecerem seus erros. Mas algo me diz que continuarão estátuas para sempre. Tudo pode ser corrigido – orgulho, raiva, gula e preguiça –, mas a conversão de um coração mau e invejoso é uma espécie de milagre.

No mesmo instante, a fada executou um passe de magia com sua varinha e transportou todos os que estavam no salão para o reino do príncipe. Seus súditos o receberam com alegria e ele se casou com Bela, que viveu com ele muitos e muitos anos num numa felicidade perfeita, porque baseada na virtude.

(BEAUMONT, Madame de; VILLENEUVE, Madame de. **A Bela e a Fera**. Editora Zahar, Clássicos Zahar, 2016.)